



Inês Barahona e Miguel Fragata mergulharam durante mais de um ano no universo dos adolescentes. *Montanha-Russa*, o espectáculo que está em cena no Teatro D. Maria II, em Lisboa, é o resultado dessa viagem feita de avanços e recuos

Por **Frederico Batista** texto e **Miguel Manso** fotografia

Querido diário, somos todos adolescentes

No dia 30 de Agosto de 1995, uma quarta-feira, o tempo estava abafado. Pelo menos no local onde Catarina Medina, na altura com 13 anos, passava as férias de Verão. É assim que o descreve, antes de avançar com uma notícia que deixaria qualquer um contente: “Podes não acreditar, Miko, mas ganhei 500 escudos na lotaria instantânea.” Nesse dia, o diário de Catarina começava desta maneira.

Folhear as páginas de um diário e ler o que lá escreveram, mesmo que já tenham passado várias décadas e que os autores o tenham autorizado, implica sempre uma carga de intrusão. No entanto, foi mesmo por aí que a dupla Inês Barahona e Miguel Fragata começou, quando decidiu avançar com o espectáculo

Montanha-Russa – em cena na sala principal do Teatro Nacional D. Maria II até dia 27 de Março, e que depois passará por várias cidades do país nos meses seguintes, para além de Roen, em França.

No final de Outubro de 2016, a cerca de ano e meio da estreia do espectáculo, anunciaram que estava aberta a época de entrega de diários. A chamada era aberta a diários de qualquer época, geografia e formato, desde que tivessem sido escritos por adolescentes.

Catarina Medina, actualmente com 35 anos e directora de comunicação do Teatro Maria Matos, em Lisboa, foi uma das pessoas que acederam a esse pedido invulgar. Já conhecia o trabalho da dupla, que nos últimos anos tem criado espectáculos para a infância mas que se estendem a todos os públicos. Há 20 anos não iria deixar que ninguém se aproximasse dos seus diários. Todos eles tinham cadeados ou

fechos. Mantê-los privados era uma condição essencial. “A ideia de alguém o poder ler era quase tão má como o teu pai se ir despedir de ti ao autocarro na viagem de estudo com dois beijos repenicados”, brinca.

O mesmo confirma Fátima Gomes, professora de História, 60 anos, que começou a escrever diários por volta dos 14 anos, e que também os cedeu para o processo de criação deste espectáculo. Escrevia com letra corrida e pequena para garantir que, caso os diários fossem descobertos, a sua leitura fosse indecifrável. Numa fase posterior, em que substituiu os diários por pequenas agendas, chegou a escrever frases noutras línguas, como o alemão. Por um lado, sentia-o como um sinal de maturidade, por outro, dessa forma podia revelar mais detalhes dos seus namoros.

Na altura, inspirava-se nos livros que lia, especialmente nas histórias com protagonistas

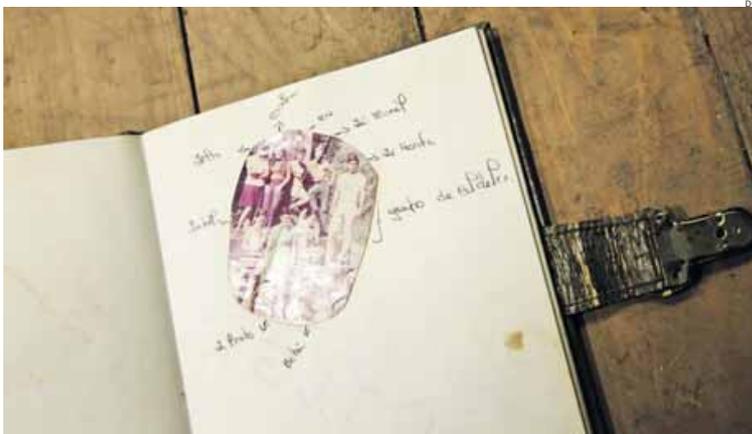
femininas, como a Colecção Brigitte ou a obra em cinco volumes *O Romance de Isabel*, ambos da francesa Berthe Bernage. As personagens escreviam a sua vida em diários, Fátima imitava-lhes os passos.

“Só penso em ti”

Os cadernos de Fátima Gomes, um deles com uma romântica capa de veludo vermelho, revelam páginas e páginas de relatos e confissões. Abrem-se as suas folhas e descobrem-se recortes, fotografias, bilhetes de comboio. Num dos diários, escrito a lápis de cor por cima do restante texto, lê-se “Desespero”. Noutro, “Só penso em ti”.

A exigência da escola, ser ou não chamada ao quadro, a impossibilidade de usar a roupa nova no dia-a-dia (os avós, com quem viveu, preferiam guardar as novas peças de vestuário



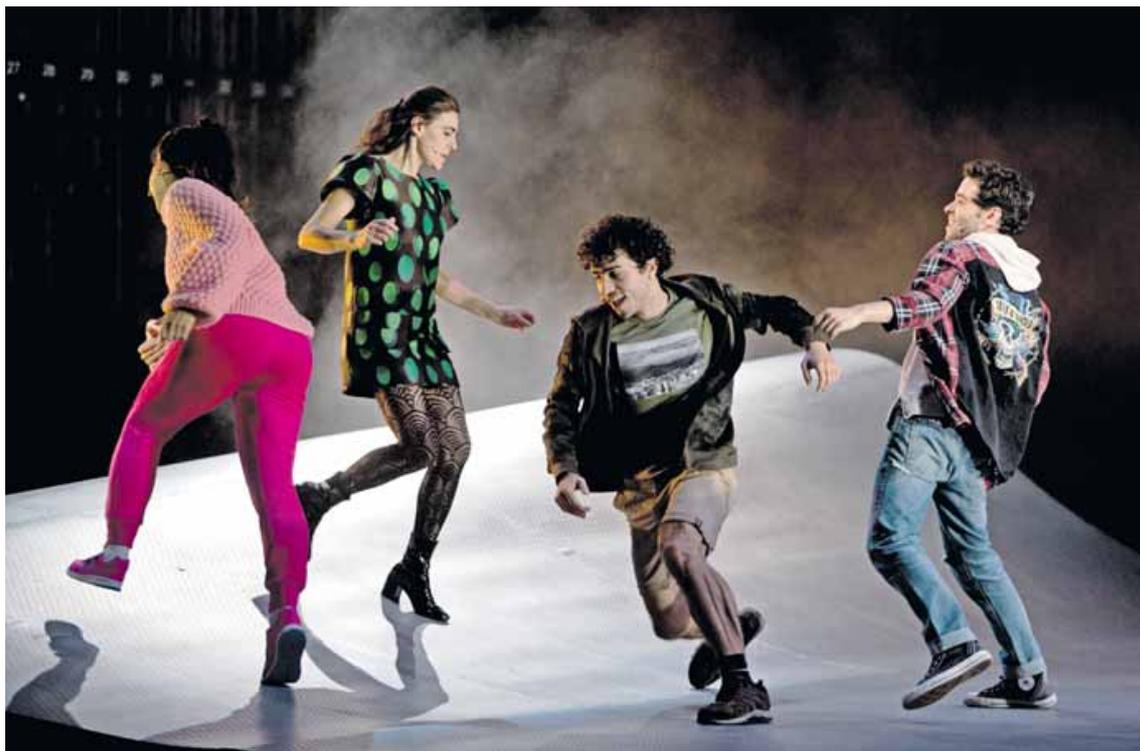


Do diário para o palco

Inês e Miguel não sabiam bem o que iriam encontrar nos diários que receberam, saídos dos baús de adultos que foram adolescentes nos anos 1970, 80, 90 e mesmo no início dos anos 2000. No entanto, a sua pista inicial provou estar certa. Muito do tecido narrativo e emocional com que se cose este espectáculo vai ao encontro de episódios e sensações escritos nesses cadernos íntimos

para os dias de missa) eram alguns dos motivos de inquietação. No entanto “os namoricos”, como explica Fátima, também ocupavam uma parte considerável dos seus diários. “Tentava escrever todos os dias, mas quando estava mais melancólica, quando o amor não me tinha corrido bem, aí escrevia mais”, conta ao P2 por telefone a partir de Vila Nova de Gaia, onde sempre viveu.

No último dia dos seus 17 anos, as páginas do diário de Fátima revelavam uma jovem receosa. “Quantas perguntas se poderiam pôr às quais não se pode saber a resposta? Quanto daria para saber as respostas às muitas questões de que tenho tanto medo? Mas tudo isto pertence ao futuro, e o futuro se encarregará de me as ir mostrando”, desabafa com Dizzi, o nome com que baptizou o seu diário. “Adeus, um beijinho da amiguinha no último dia dos seus 17 anos.” →



A 25 de Abril de 1998, Catarina, na altura com 15 anos, iniciava assim a entrada no caderno: “Sinto-me revoltada comigo. Sinto-me instável, não sei o que sinto. Ou seja, tanto sei, como não sei. É esquisito.” A frase podia sair da boca de uma das personagens do espectáculo *Montanha-Russa*, na sua concisa forma de traçar, trocando as voltas, o momento da adolescência.

Na verdade, Miguel Fragata e Inês Barahona não usaram esta frase em particular no espectáculo, mas é provável que quem cedeu os seus diários se consiga reconhecer em alguns momentos. Receberam cerca de 20 diários, sobretudo de gerações mais antigas, desde adolescências vividas nos anos 1970 até ao início dos anos 2000. “Claramente há uma capacidade de se distanciarem desse material”, explica Miguel. “Mas também porque os jovens de hoje não escrevem diários da mesma forma como eram escritos há 20 ou 30 anos, fazemos já noutra lógica, que é a de escrever para ser lido”, acrescenta, referindo-se a blogues e às redes sociais.

Paixonetas e erros ortográficos

De vez em quando, Fátima volta a abrir os seus diários. Simplesmente pela curiosidade de perceber o que fez em determinado dia. “Acho bonito, não me sinto nada embaraçada, nadinha.”

Catarina Medina também não. “Na mesma página do diário estás apaixonada por um rapaz e no final da mesma página estás apaixonada por outro”, recorda ao P2. “Toda essa intensidade é característica desta fase da vida, então a minha vida é próxima da vida do outro, o meu embaraço é o embaraço do outro, e está tudo bem”, acrescenta. “Há um conforto nessa coisa.” Acaba por ficar mais incomodada, na verdade, com os ocasionais erros ortográficos.

Lembra-se de que pedia muito para receber diários, entre os 12 e os 15 anos. Lembra-se também – e os próprios existem para o comprovar – que se aplicava “com todo o vigor” na sua escrita durante 15 ou 20 páginas e que depois os abandonava. “Eu sou uma pessoa muito comunicativa e essa ideia de ausência de retorno podia ser a justificação para aquilo me cansar”, diz. É a própria Catarina, na altura adolescente ou pré-adolescente, que reconhece, numa das frases que escreveu a certa altura, que o diário é um objecto inanimado. Na verdade, parecia não conseguir responder à velocidade vertiginosa que por norma associamos à adolescência.

Estes diários foram importantes na concepção de *Montanha-Russa* porque, defende Inês Barahona, permitiram evitar “aquilo que são os grandes clichés sobre a adolescência” e, ao mesmo tempo, “descobrir tonalidades e zonas de adolescência”. Sobretudo formas de viver

esta fase da vida que, acredita a dupla de autores, “atravessam todas as gerações”.

“O que está à volta muda, mudam também os grandes combates, a mira vai apontando para direcções diferentes, mas o que está por dentro parece ser bastante similar”, afirma Inês. Era por esse caminho que queriam seguir, depois de em espectáculos anteriores terem abordado a questão da morte (*A Caminhada dos Elefantes*), os refugiados (*Do Bosque para o Mundo*) e aquilo que separa os adultos e as crianças (*The Wall*). Foi precisamente após este último espectáculo que a ideia de fazer algo sobre a adolescência surgiu.

Os adolescentes que apareciam para ver *The Wall* – que acontecia num palco dividido por um muro que separava adultos e crianças em duas plateias distintas – não sabiam bem em que lado da barricada se situar. “Fez-nos pensar sobre a adolescência e sobre esse lugar ou a ausência desse lugar, o não-lugar que é essa fase”, explica Miguel Fragata.

“Na mesma página do diário estás apaixonada por um rapaz e no final da mesma página estás apaixonada por outro”

Dessa experiência nasceu a vontade de fazer um espectáculo sobre adolescentes. “E imediatamente surgiu esta ideia de ser um musical (que conta com composições originais de Hélder Gonçalves, dos Clá) e de partirmos de algo íntimo e individual como um diário”, refere Miguel. “Era uma forma que achámos que condizia com qualquer coisa que vinha desse espírito da adolescência e o desafio era ver se isso ainda casava com a adolescência que fomos encontrar agora”, completa Inês.

Que tipo de adulto é que não queres ser?

Com 40 e 35 anos, respectivamente, Inês e Miguel viveram duas adolescências diferentes. Ela é a primeira a assumir que só agora se está a reconciliar com esse período. Fala de “uma zanga muito grande”, de “um descontrolo absoluto” sobre si própria. “Não sabia onde punha os braços e as pernas, tudo parecia não fazer parte de mim.” Por seu lado, Miguel fala de “entusiasmo e alegria”, de “uma imensa vontade de crescer”, de um período repleto de música, muita dela vinda do universo dos musicais, cujo lado exagerado e épico o interessava.

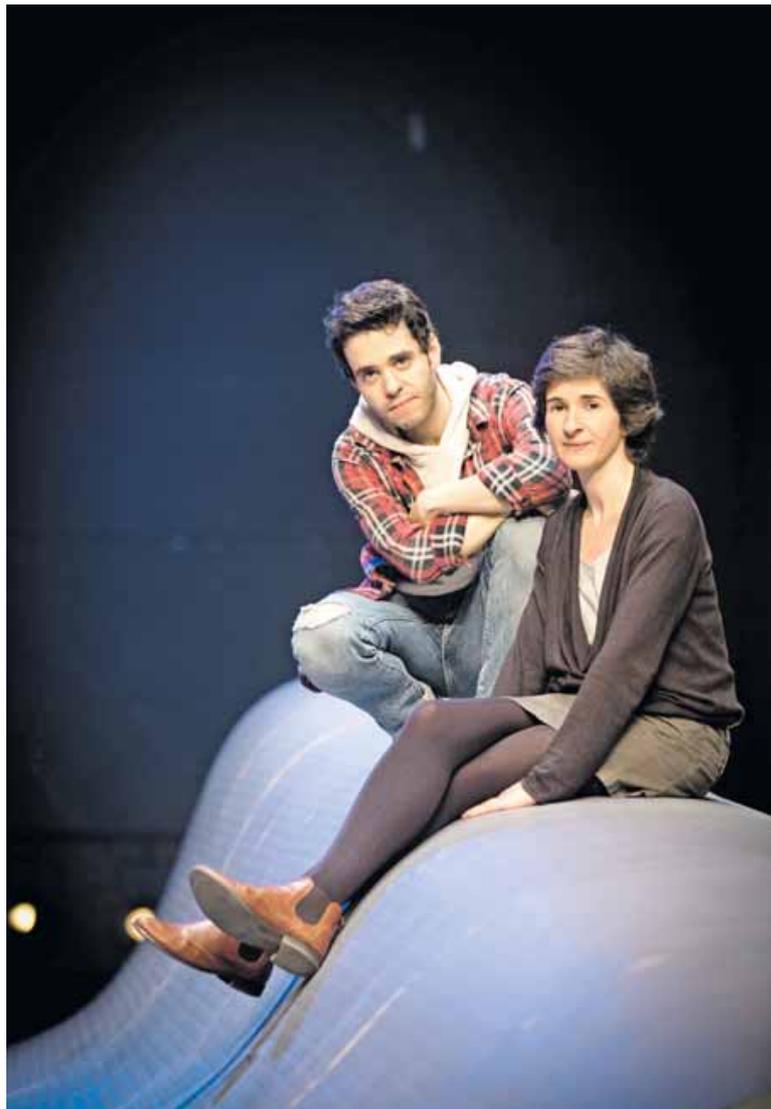
Mas tudo isso lhes aconteceu há mais de uma década e não lhes interessava apostar num projecto meramente nostálgico. Por isso iniciaram um processo de pesquisa vasto, longo e diversificado.

Fizeram entrevistas individuais com rapazes e raparigas, organizaram cursos de criação de diários em vários formatos e ainda uma oficina de escrita de canções. Levaram os especialistas neste tema, os próprios adolescentes, a falar com especialistas mais ortodoxos (psicólogos ou antropólogos) em palestras a que deram o nome “O que se passa comigo?”. Entraram de rompante por escolas secundárias, com pequenas peças a que chamaram “miniprovações portáteis”, e que serviam de aquecimento para momentos de reflexão partilhados com os alunos sobre a adolescência.

Há um ano, em Março de 2017, uma actriz



**Veja reportagem
sobre a criação de
Montanha-Russa em**
www.publico.pt



tos exteriores, como o 25 de Abril de 1974 ou a queda do muro de Berlim, ecoam intimamente. As revelações deixam de estar reservadas às páginas de um diário, são contadas e cantadas em cena: a adolescência exhibe-se, como intervalo de contradições e de incógnitas.

“A juventude sempre foi uma categoria bastante volátil”, afirma Lia Pappamikail, socióloga do Observatório Permanente da Juventude do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Precisamente por ser “de definição complexa”. “As fronteiras do que é ser jovem, a partir de quando se é e quando se deixa de ser são cultural, histórica e civilizacionalmente definidas.”

“O que eu guardo da minha adolescência?” Para além daquilo que escreveu nos seus diários, Catarina Medina refere uma “ideia de rebeldia”, a vontade “de questionar tudo, de querer dar a minha opinião sobre tudo”. Lembra-se de estar sempre de braço no ar nas aulas. “Vai mesmo cair nos lugares-comuns”, assume. Aquilo que Fátima Gomes encontra nos seus diários e na sua experiência enquanto jovem vai ao encontro disto, mas prefere resumir-lo com o valor que mais aprecia: a liberdade.

Inês Barahona, por seu lado, destaca uma sensação de desequilíbrio: “Estamos a apontar-nos para o futuro e ao mesmo tempo a querer libertar-nos do que está para trás.” “São avanços e recuos”, acrescenta Miguel Fragata.

“Quando pensamos em adolescência, pensamos-na em contraste com as características que associamos à idade adulta, mas nem a idade adulta é necessariamente adulta nem a adolescência é necessariamente imatura”, defende Pappamikail. “Não pode ser tomado por uma regra, o que não quer dizer que os próprios jovens não reconheçam esses estereótipos, que estão em todo o lado”, afirma a investigadora.

“A coisa mais interessante de reler o diário é recordar-me de como é que eu era e do que ficou, as características que me definem ainda hoje”, confessa Catarina Medina. Para si, não é possível catalogar todos os estereótipos associados à juventude, ora a irascibilidade e o comportamento errático, ora uma certa fleuma – que de forma irónica acabam por marcar presença em *Montanha-Russa* – como sendo verdades universais. Até porque os comportamentos são condicionados pelo contexto económico, cultural e social em que cada um vive. Mas considera que os lugares-comuns têm razão de ser. “A maior parte dos meus amigos passou por todos esses estados de espírito e faz sentido que assim seja porque estás a experimentar uma série de coisas novas. Vais reclamar o teu espaço, vais fazer barulho e vais procurar o confronto.”

Aos 35 anos, e num trabalho onde acaba por ter de lidar com públicos juvenis, Catarina refe-

re que aquilo que lhe interessa é não perder o olhar dessa época, “um olhar que se deslumbra e que não faz um julgamento rápido”. Até porque “ideias como ‘não mandas em mim’ e ‘não me compreendes’, que estavam no repertório de toda a gente, acompanhados por uma porta bruta a fechar, têm mais que se lhe diga”.

Lia Pappamikail gosta de dar o exemplo de uma mãe com quem se cruzou a propósito da sua tese de doutoramento e que lhe disse que a pior coisa que podia fazer a um adolescente era não o reconhecer enquanto indivíduo. “A mãe podia dizer: ‘Ah, isso são coisas de miúdas, está triste, chateou-se com uma amiga.’ Mas para ela aquilo é real, porque está a viver aquilo pela primeira vez”, refere a socióloga. “Nós sabemos que vamos ter muitos desgostos com amigos, namorados, mas naquele momento para ela é real e eu devo respeitar o que ela está a viver.”

O pressuposto passa por, como Inês e Miguel procuraram fazer, colocar-se no papel do outro, diz Pappamikail. Na juventude, começamos a tentar responder à questão primordial, a pergunta que todos nos fazem: quem és tu? “E eu respondo: quem é que eu sou? Também não sei, tenho de experimentar.”

“Não quer dizer que os seres humanos nas sociedades de hoje não estejam permanentemente a descobrir-se a responder à pergunta ‘quem sou eu?’ Pelo contrário. Essa ideia de que chegamos à vida adulta e chegamos ao pináculo do ser não é actual. A grande diferença em relação à adolescência é que não estou a viver isso pela primeira vez, já lvo uma mochilinha com algum peso para conseguir lidar com isso”, argumenta a socióloga.

Curiosamente, a mais equilibrada das personagens de *Montanha-Russa*, aquela que aparenta ter os objectivos mais definidos, é também a que é interpretada pelo mais novo dos actores, Bernardo Lobo Faria, e a única que conta a sua história a partir da actualidade. “Queríamos que ele fosse o representante dos adolescentes no palco”, explicam os criadores. Bernardo é uma personagem em busca de alguma coisa, uma demanda de uma serena intensidade.

A experiência dos dois criadores no contacto com rapazes e raparigas mais novos levou-os a concluir que os adolescentes de hoje estão muito mais abertos em relação ao presente. “Vivemos nesta época que é a do instantâneo, do rápido, da coisa que tem de ser vivida rápida e sofregamente”, diz Miguel. “É essa urgência, quase essa fatalidade, que está muito presente na personagem, mas que também é um retrato muito honesto em relação àquilo que é a vida do homem moderno.”

“O Bernardo vai à procura e sentimos que os jovens estão muito assim”, diz Inês. “Estamos todos, não é?”, interrompe Miguel.

frederico.batista@publico.pt

Adultos adolescentes

Miguel Fragata e Inês Barahona, à direita, iniciaram o processo de pesquisa no final de 2016. Recolheram diários, visitaram escolas secundárias, organizaram cursos e palestras, tudo para perceber como são os adolescentes do nosso tempo. O resultado convoca experiências de diferentes gerações. O elenco espelha esta diversidade. À esquerda, em baixo, a actriz Anabela Almeida com a vocalista do Clá, Manuela Azevedo, que também participa em *Montanha-Russa*

entrava pela porta de uma sala de aula da Escola Secundária Luís de Freitas Branco, em Paço de Arcos, com uma gabardina e uma mala a tiracolo. Parecia insegura, desconfortável, sob o olhar de uma turma inteira. “É cedo, não é?” Arrancava assim um monólogo inteiramente composto por um batalhão de perguntas: “Quem é que nunca pensou ‘tenho de causar uma boa impressão?’ E se eu chorar? E se me virem chorar? E se eu for a única vestida assim? Será que estou apaixonada? E se nunca descobrir a minha vocação? Quem é que nunca desejou simplesmente desaparecer?”

No final, Miguel e Inês tomavam o lugar da actriz, junto ao quadro da sala. As perguntas continuavam, mas desta vez abrindo espaço para discussões amplas sobre o período que os alunos estão a viver na pele e que passavam também pelo preenchimento de um inquérito com outras tantas questões.

No final, acumularam mais de 500 inquéritos, com respostas a perguntas como “que adulto é que não queres ser?” ou “se numa festa houvesse uma mesa de adultos e outra de crianças, em qual te sentavas?” Aperceberam-se, através deles, de que, apesar da diversidade de atitudes, conseguiam esboçar duas tendências sobre a forma de enfrentar este período – na verdade, aquilo que já tinham sentido através das suas próprias experiências.

Se, por um lado, existem “aqueles que sentem que a adolescência é uma fase difícil e que tem de ser vivida depressa para acabar”, noutro espectro estão “os que acham que é a melhor fase da vida, que tem de ser vivida com imensa alegria e aproveitada ao máximo”, concretiza Miguel. Ou seja, os que descrevem esta fase com palavras como “caos”, “confusão”, “desequilíbrio” e aqueles que preferem usar palavras como “noitadas” ou “álcool”.

Por fim, ainda abriram parte do processo criativo ao olhar de um grupo de cerca de 15 adolescentes, que assistiram a alguns ensaios e colaboraram na comunicação do espectáculo. “Interessou-nos ir conhecendo, percebendo, traçando uma perspectiva geral, claro, um bocadinho mais de cima, mas ir mesmo ao encontro da individualidade”, defende Miguel.

“Não mandas em mim”

A música arranca e os quatro actores disputam o microfone situado à frente do palco. Uma actriz de quase 50 anos dá corpo a uma rapariga de 16, que escreve o seu diário secreto nos anos 1970. Um actor de 35 é um rapaz alemão de 20, que escreve um diário no ano 2000. Uma outra actriz, de 37 anos, é uma rapariga de 13, que começa um diário no final da década de 1980. Por fim, um actor de 20 anos dá vida a um rapaz de 18, que escreve num blogue neste preciso momento.

Em palco, misturam-se idades, pontos de vista, experiências, gerações, os acontecimen-

TEATRO

Um carrossel de altos e baixos chamado adolescência

11/3/2018, 18:55 ↗ 155  

A “Montanha Russa” de Miguel Fragata e Inês Barahona, que estreia no D. Maria II, é uma peça rock’n’roll com diários, carpe diem e muitas primeiras vezes.



Autor



Catarina Homem Marques

Mais sobre

TEATRO CULTURA

Esta é a primeira vez que estou a escrever este artigo, mas não é a primeira vez que escrevo um artigo. Este é um artigo sobre a primeira vez em que vi esta peça de teatro, mas esta não foi a primeira vez que vi pela primeira vez uma peça de teatro. Esta é também, provavelmente, a primeira vez que está a ler isto, e isto é sobre primeiras vezes, porque na adolescência as primeiras vezes são mais numerosas, mais intensas, mais assustadoras, **e é da adolescência que se fala na peça “Montanha Russa”, que se estreou no dia 9 de março no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, e fica em cena até ao dia 27.**

“Mais do que para a adolescência, este espetáculo é sobre a adolescência, mas para toda a gente ver. Assim que pensámos nisto, percebemos que tinha de ser musical, pelo papel de resolução de problemas e de formulação do que é difícil que a música tem na vida dos adolescentes. Por outro lado, é também um formato diarístico, porque o que nos interessava era a autoanálise, a intimidade, o privado que se expõe perante o público”, explica Miguel Fragata, o encenador, que também escreveu o texto (e as letras de todas as músicas) em conjunto com Inês Barahona.

Nesta viagem de pôr a complexidade da adolescência em palco – que é o simbolismo primeiro da “Montanha Russa”, dos altos e baixos, das emoções fortes, da diversão posta lado a lado com o medo –, **os dois autores passaram também por várias fases: uma open call que conseguiu reunir duas dezenas de diários de adolescências verdadeiras de diferentes gerações, pequenos confessionários privados com um adolescente e um espelho, miniprovações teatrais em escolas secundárias, palestras e debates, cursos de escrita de diferentes tipos de diário (escrito, desenhado, audiovisual), e até a formação de um “pequeno comité” com 15 consultores-adolescentes que foram fazendo o acompanhamento crítico da criação.**



Veja aqui mais imagens de "Montanha Russa"

📷 43 fotos

E assim foram nascendo as quatro personagens principais: uma adolescente de 1973 que ainda fica de castigo por causa do comprimento do vestido (interpretada por Anabela Almeida); uma adolescente de 1989 que se sente numa guerra fria interior (Carla Galvão); um adolescente já do início do milénio que tem de ficar adulto demasiado depressa (Miguel Fragata); e o adolescente de agora mesmo, que escreve posts em vez de diários, que diz “FAQs” em vez de “questões”, que quer viver tudo no limite (o papel do benjamim do elenco, Bernardo Lobo Faria, que foi escolhido numa audição em que ao contar episódios da sua adolescência disse que sentia que estava a “contar algo do dia de ontem”).

Isto para não falar de uma outra personagem essencial deste espetáculo, que é formada por quatro corpos, muitos instrumentos e vários contributos do resto das pessoas em palco – a música.

A adolescência é rock’n’roll e tem a voz dos Clã

“Esta é a canção da primeira vez em que o vi”, diz a adolescente que não canta. E a banda avança para explicar. E sendo uma peça de primeiras vezes, sobre uma fase da vida também cheia de estreias, há ainda a canção da primeira vez que fugiu de casa, da primeira vez que fumou um cigarro e até da primeira vez... aquela primeira vez.

“Queríamos ter música irónica, com o pé no rock”, conta Miguel Fragata. Além das letras, que dizem coisas como “para dançar esta valsa é preciso ser um incompreendido” ou “tudo é velório ou carnaval”, foi essa a indicação que seguiu para Hélder Gonçalves, que se juntou num estúdio com Manuela Azevedo para compor a banda sonora original, um conjunto de músicas que ajudam a dar vida a esta adolescência teatral, interpretadas também pelos músicos Miguel Ferreira e Nuno Rafael (um quarteto que, na sua maioria, saiu da banda Clã).

Este “interpretadas” tem vários sentidos. Até porque a banda tem um papel que vai muito além de tocar instrumentos. Não só dá voz ao que os adolescentes não conseguem dizer (ou escrever nos diários, ou explicar bem com gostariam de explicar), como lhes responde aos anseios (“mais triste”, “mais triste”, a música tem de ser mais triste naquele momento) e se ri no momento certo quando o mais recente dos adolescentes afirma “experimentei de tudo” enquanto come cereais diretamente do pacote.

“ Quisemos aproveitar na peça toda a força que eles têm. Fomos trabalhando juntos, a par e passo, e nunca tinha tido uma equipa tão generosa. O diálogo entre a música e o teatro é essencial aqui. Marca até o que pedimos aos atores, porque também nos apetecia ter uma atriz como a Carla, que tem um grande à vontade com a música e que pode cantar, e outra como a Anabela, que não canta de todo, o que acaba por contaminar a personagem.”

A vertente musical fez também parte dos processos de criação, com oficinas para adolescentes organizadas no Espaço do Tempo, em Montemor-o-Novo, tanto de composição como de escrita de letras, conduzidas por Capicua e Pedro

Geraldes. Até porque, seja em que época for, a “música tende a ter sempre um papel muito forte na adolescência”.

O frio na barriga antes do loop não depende da idade

As existências nunca começam pela adolescência. Nem sequer a deste espetáculo, que antes de tudo foi infância. **“Esta criação é filha de outra que fizemos há dois ou três anos, chamada ‘The Wall’, e que tinha um muro que separava duas plateias – uma de adultos e outra de crianças”, lembra Miguel Fragata.** Foi aí, quando começaram a surgir questões na bilheteira, que perceberam que tinham deixado de fora uma fatia importante da população, a mesma fatia que é muitas vezes esquecida pelo teatro:

“ Dissemos a quem estava a vender os bilhetes para serem os próprios adolescentes a escolher de que lado queriam ficar. E teve muita graça, porque quando iam com os pais normalmente escolhiam o lado das crianças, quando iam sozinhos escolhiam o lado dos adultos.”

A ideia ficou. Como é que se poderia trazer a adolescência para o centro de cena, dar-lhe protagonismo, não a deixar naquele limbo entre os espetáculos sobre as questões dos adultos – que são muitos – e os espetáculos para a infância – que são outros tantos? Um pouco como aquele momento em que a personagem de Carla Galvão usa o simbolismo do muro de Berlim para explicar a sensação de fronteira: o muro caiu mas eu ainda não quero atravessar.

“Se isto fosse sobre as nossas memórias, a nossa adolescência, podia ficar demasiado melancólico. Não deixámos totalmente de parte a nossa perspetiva, mas também nos interessava ter mais acesso às questões de hoje... ainda que muitas questões permaneçam iguais.”

Nesta “Montanha Russa”, os cenários vão mudando. Ou melhor, os contextos, como os tempos da Revolução de Abril, os tempos em que as mulheres

queimavam soutiens, os tempos das falhas da internet. Só que algumas coisas permanecem, e toda a gente sente da mesma forma o frio na barriga antes de se iniciar a descida que vai culminar no loop:

“ Há problemas transversais. São problemas, aliás, do foro da humanidade, que simplesmente na adolescência têm outra intensidade e outra velocidade – a criação da identidade, o desejo de experimentar, as expectativas, o encanto e o desencanto.”

Há, claro, a possibilidade de identificação maior com uma ou outra personagem, consoante a experiência pessoal. Também por isso, a montanha-russa é mais do que um símbolo – é concreta, chama-se Ciclone, e transforma-se na componente narrativa que une as quatro histórias que se distanciam no tempo. E, mais do que isso, nos dias de hoje até pode servir a todas as faixas etárias, tal como esta peça se propõe fazer: **“Há estudos antropológicos que dizem que os adultos atuais, contemporâneos, estão muito próximos da ideia que temos de adolescência. Existe cada vez mais na idade adulta esse lado do fatalismo, uma certa errância e indefinição permanentes, e a urgência de viver o dia-a-dia, aproveitar o momento.”**

Afinal, depois dos altos, dos baixos, das voltas e de se ficar pendurado de cabeça para baixo, é como diz uma das adolescentes em palco: “Eu estou viva. Nós estamos vivos. E a viagem vai continuar.” Que é também como manter a esperança de “ter ainda uma caixa de fósforos por riscar”, ou seja, de ter mais algumas primeiras vezes pela frente, seja em que idade for.

PARTILHE

COMENTE



Seja o primeiro a comentar



Querido diário, hoje vou andar na Montanha-Russa e vai ser o máximo

Teatro. Quem sou eu? É a pergunta que todos fazem neste palco. O espetáculo de Inês Barahona e Miguel Fragata é uma viagem fabulosa por esta fase da vida, entre a infância e a idade adulta. No Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa

MARIA JOÃO CAETANO

Ter 15 anos e querer fugir de casa para dar um beijo no rapaz da feira. Ter 16 anos e perder a voz de menino e passar a ter uma voz de cana rachada. Ter 13 anos e, de um dia para o outro, ser uma menina crescida e não se sentir nada confortável naquele corpo que é seu. Ter 18 anos e uma vontade louca de conhecer o mundo e não ficar parado. A adolescência é aquele período da vida em que deixamos de ser crianças e ainda não somos adultos. Em que os pais não nos compreendem e só queremos estar com os nossos amigos. Ou então ficar fechados no quarto a ouvir aquela música muitas vezes. Em que precisamos desabafar com alguém esta angústia de não sabermos bem quem somos e começamos a escrever um diário.

Ser adolescente é viver numa permanente montanha-russa – essa é a imagem que atravessa o espetáculo criado por Inês Barahona e Miguel Fragata que se estreia na sexta-feira no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa. A ideia de trabalhar sobre a adolescência começou depois de fazerem *The Wall*, em que o público se dividia: de um lado os adultos, de outro as crianças, que tinham experiências de espetáculo diferentes. “Percebemos que tínhamos deixado os adolescentes de fora”, lembra Inês. “Eles vinham ao espetáculo e não sabiam bem de que lado colocar-se.” A ideia para *Montanha-Russa* começou exatamente aí: “Este é um espetáculo sobre a adolescência mas não é um espetáculo para adolescentes, é para todo o público. Não queremos gavetas.”

Por isso, *Montanha-Russa* apresenta-se no horário normal de todos os outros espetáculos na Sala Garrett. Sem condescendências. E também por isso nunca lhes passou pela cabeça ter adolescentes a interpretar o papel de adolescentes. “Não, isso não nos interessava. Porque este espetáculo é nosso, somos nós a pensar sobre a adolescência, e nós já não estamos nesse lugar”, explica Miguel. “Mas fizemos um grande trabalho de pesquisa, se não estaríamos a fazer um espetáculo cliché com as ideias que os adultos têm sobre a adolescência.”



A cantora Manuela Azevedo e a atriz Carla Galvão (à frente) numa viagem louca na *Ciclone*, a maior montanha-russa de sempre

Para fugir a esse cliché, estão a trabalhar há um ano e meio. Com os atores (Anabela Almeida, Bernardo Lobo Faria e Carla Galvão), com os músicos (Hélder Gonçalves, Manuela Azevedo, Miguel Ferreira e Nuno Rafael) e, acima de tudo, com adolescentes – que entrevistaram de diferentes formas em várias fases da criação, trazendo para o palco as dúvidas, a linguagem, os medos, os desejos. As críticas a tudo o que foi sendo feito.

Para garantir que não havia clichés em *Montanha-Russa* houve um trabalho de pesquisa ao longo de ano e meio com vários adolescentes

Tudo começou com um apelo público: entreguem-nos os vossos diários. “Tínhamos uma urna nas barbas do Almeida Garrett [no átrio do teatro] e um endereço de e-mail. Recebemos diários em papel, a maior parte deles são mesmo os originais, com cadeado e folhinhas de cheiro. Recebemos alguns digitais”, conta Miguel. “Quase todos são diários do passado, de pessoas que já não são adolescentes. Já esperávamos isso – um adolescente dificilmente partilharia uma coisa que fosse secreta ou íntima, é preciso um distanciamento.”

Foi a partir desse material que surgiram as quatro personagens de *Montanha-Russa*. Uma adolescente da década de 1970 (Anabela), outra dos anos 80 (Carla), um de 2000 (Miguel) e outra da atualidade (Bernardo) – e este último já não tem um diário, tem um blogue. “Enquanto o diário em papel estava naquele limbo de ser secreta mas também querer ser lido,

percebemos que hoje em dia aquilo que se escreve já não tem essa dimensão íntima, aquilo que se escreve é imediatamente para ser lido, é sobre si mas para se dar a conhecer”, explica Inês. Independentemente da data ou do formato, os temas eram universais: “A amizade, a descoberta, os ajustes de contas, a agressividade e a passividade em relação à família, esta relação muito forte com os amigos, a pertença a um grupo – tudo isso é transversal nestes diários”, diz Miguel. A eterna pergunta: quem sou eu?

As quatro histórias estão unidas por uma montanha-russa, a *Ciclone*, a maior alguma vez construída, com 26 metros de altura. Nesta fase da vida, em que se vai “do topo do mundo ao lugar mais profundo”, como diz uma das canções, as vivências e as angústias que os quatro jovens experimentam em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. Ali se

fala do primeiro cigarro (e de todas as primeiras vezes), da vontade de morrer, das loucuras, do medo de crescer, de muito mais.

No espetáculo, tal como na vida dos adolescentes, a música (composta por Hélder Gonçalves) tem um papel importantíssimo. A música acompanha todos os momentos importantes e tanto pode ser super-depressiva como “a abrir”, ajudando-nos também a acompanhar o crescimento destes adolescentes levam-nos “para outras zonas, mais densas”. Crescer é como andar numa montanha-russa: queremos que aquilo acabe depressa mas, depois, quando acaba, gostaríamos de poder continuar. “A viagem vai continuar? Será que isto não vai parar?”

MONTANHA-RUSSA

De Inês Barahona e Miguel Fragata
Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa
De 9 a 27 de março
Bilhetes: 5 € / 17 €



Um dispositivo cénico mutante dita o movimento em palco, uma verdadeira montanha-russa

TEATRO & DANÇA

38

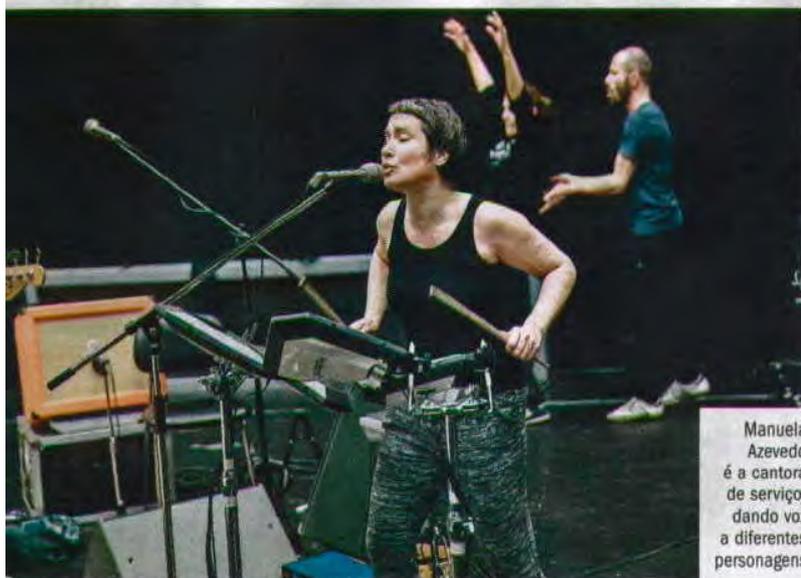
O ritmo é intenso e o som cheio de guitarras eléctricas, "porque o rock é, por excelência, a música da adolescência"



Qualquer semelhança com uma revolução não é pura coincidência

Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves, dos Clã, mais dois músicos e quatro actores, mostram a idade mais turbulenta das nossas vidas, num musical com muito rock. *Montanha-Russa* estreia dia 8 no Teatro D. Maria II

TEXTO RITA BERTRAND



Manuela Azevedo é a cantora de serviço, dando voz a diferentes personagens



Bernardo Lobo Faria saiu há pouco da adolescência, Carla Galvão viveu esse tempo nos anos 90

FOTOS FILIPE FERREIRA

“O ROCK É A MÚSICA DA ADOLESCÊNCIA E O GÉNERO DOMINANTE DESTE MUSICAL QUE QUEBRA TODAS AS REGRAS DO MUSICAL, EM QUE A BANDA É O ALTER EGO DAS PERSONAGENS”

MONTANHA-RUSSA

TEATRO NAC. D. MARIA II
(SALA GARRETT), LISBOA
De 9 a 27/3 • 4ª, 19h • 5ª a sáb,
21h • Dom, 16h • €5 a €17

O 25 de Abril é a adolescência de Portugal, ouve-se, a certa altura, neste espectáculo que é uma co-criação de Inês Barahona e Miguel Fragata, o qual é também intérprete e contou ao **GPS** que o processo de escrita passou por várias fases, desenvolvidas ao longo de um ano e meio: “Começámos por entrevistar adolescentes, para os conhecermos e às suas preocupações, pedindo-lhes para definirem o que sentem e contarem como lidam com a imensidão de emoções – turbulentas, caóticas, num instante alegres, lá em cima, e no seguinte depressivas, nas profundezas, um *looping* total digno de uma montanha-russa, como é próprio da idade.”

Não por acaso, o que começou por ser apenas uma metáfora desse carrossel emocional acabou por inspirar o cenário – um dispositivo mutante, por momentos tornado ciclone, a maior montanha-russa do mundo, com 26 metros de altura. O resto são histórias – as amizades, o primeiro cigarro, as dúvidas existenciais, as alterações no corpo e na voz, as desavenças com os amigos, o medo do futuro... Um dos desafios aos adolescentes era resumir o que era a adolescência numa palavra ou estado de espírito: “As respostas foram contraditórias... responsabilidade, caos e coisas pesadas de um lado, do outro alegria, loucura e os melho-

res anos das nossas vidas... Isso levou-nos a um padrão, o dos altos e baixos e das mudanças bruscas, a tal montanha-russa”, sublinha Miguel Fragata, lembrando que depois juntaram um grupo de adolescentes de Lisboa e do Porto – a que chamaram *petit comité* – para acompanhar os ensaios e dizer se estavam no bom caminho: “Da primeira vez, fizemos tudo acústico... e eles acusaram logo o toque, apontaram que faltavam guitarras eléctricas. O rock é, por excelência, a música da adolescência. Não é por acaso que os Doors e outros ícones dos anos 60 continuam a surgir como ‘a banda sonora da vida de tantos’... Portanto, é o género dominante deste musical que quebra todas as regras do musical, em que a banda é o alter ego das personagens e as canções são ora como apontamentos irónicos, ora para ajudar à acção, ora apenas para sublinhar emoções.”

Os textos, esses, nasceram de diários de adolescentes reais, de várias épocas: “Pusemos uma urna acessível no átrio do teatro, para as pessoas deixarem os seus diários, escritos na adolescência, mas para os mais novos disponibilizámos um endereço de *e-mail*, porque já ninguém escreve à mão, agora é mais blogues e *posts* nas redes sociais. Ou seja, hoje os diários são menos íntimos, têm mais a dimensão do ‘dar-se a conhecer’. Trabalhámos a partir deles, porque essa dimensão confessional, do desabafo diário, é muito importante nessa fase das nossas vidas. É isso e a música, que ouvimos fechados no quarto.”

Em cena há, pois, adolescentes (na pele de adultos) de várias épocas, a contar as suas próprias histórias: Anabela Almeida, atriz de 50 anos, viveu esses anos de transição, de crise, revolucionários – tal como a personagem que interpreta – no tempo que a peça diz ter sido a adolescência de Portugal, a Revolução dos Cravos (tal como o Maio de 1968 “é a adolescência da Europa democrática”), baseando-se “no diário real de uma rapariga que escreveu religiosamente nos anos de 1972 e 1973, interrompeu em 1974, o ano do 25 de Abril, e retomou em 1975, com mudanças drásticas, nela própria e no País.”

Quando a sua personagem canta é a voz de Manuela Azevedo que entoa a letra, num jogo à laia de despique pela personalidade. “As relações entre as personagens e a banda [Manuela, Hélder, Nuno Rafael e Miguel Ferreira] vão mudando”, aponta o co-autor, que em palco é “o adolescente dos anos 2000” – como o foi realmente, e Carla Galvão, trintona, é a rapariga dos anos 90.

Bernardo Lobo Faria é o mais jovem do elenco, recém-saído da escola de teatro, quase um espelho do adolescente actual, aquele que “ninguém leva muito a sério” e, em cena, todos tratam com paternalismo. Miguel explica que “é uma provocaçãozinha para o público adolescente, que se vai identificar com ele” e acrescenta que esse não é, no entanto, o único que quer ver na Sala Garrett: “Esta *Montanha-Russa* é para todas as gerações.”

TEATRO & DANÇA

**38 TEATRO**

Quatro músicos (entre eles Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves dos Clã) e quatro actores fizeram *Montanha-Russa*, um musical com muito rock

TEATRO

Helena Simões

Teatro Nacional D. Maria II

Dois bons espetáculos



FILIPE FERREIRA

Sweet Home Europa de Davide Carnevali com encenação de João Pedro Mamede e **Montanha-Russa** de Inês Barahona e Miguel Fragata com encenação de Miguel Fragata



FILIPE FERREIRA

Portugal em vias de extinção é o título que Tiago Rodrigues, diretor artístico do Teatro Nacional D. Maria II (TNDM), criou para aglutinar a programação do primeiro trimestre de 2018. Nas suas palavras “é testemunho da implicação com que os artistas observam a sociedade portuguesa” – a desertificação populacional,

o encerramento de unidades de produção, a extinção dos últimos redutos do saber fazer tradicional – como a única forma de resistir a essa extinção.

Para este mês, para além de outras muitas atividades, oferece-nos dois importantes espetáculos pela sua verdade, sensibilidade e humor, em

cena até 27 de março, o Dia Mundial do Teatro. Por ordem de estreia, na Sala Estúdio, **Sweet Home Europa** (2011), denso e poderoso texto do jovem italiano, Davide Carnevali, a trabalhar entre Berlim, Barcelona e Buenos Aires. Doutorado em Teoria do Teatro, premiado, traduzido e encenado em vários países, Carnevali apresenta

uma escrita dramática em vários planos, simultaneamente simbólicos e concretos, não determinando as características particulares das personagens, o seu exato estado geográfico, temporal, individual, com o propósito de retirar a atenção do particular para o universal. As três personagens, um Homem, Outro Homem e uma Mulher encontram-se em posições sociais e geografias culturais diferentes em cada confrontação, dentro dos limites de uma Europa que abriga diversidade de comunidades e indivíduos, uma diferença irreduzível a produzir o conflito de linguagem e comunicação e a necessidade de encontro com o outro, a descartar dicotomias dentro/fora, rico/pobre, escravo/ senhor.

João Pedro Mamede, como encenador, encontrou na fórmula de recital o contraponto pianístico para os discursos cáusticos e cortantes que o autor constrói para testemunhar a tensão extrema que percorre todo o espetáculo como uma bomba relógio prestes a explodir. O pianista em casaca, cabeleira e punhos de renda lá está para, com a nona sinfonia de Beethoven, nos trazer dessa Europa clássica até ao hino da União Europeia, a perguntar o que fizemos à Europa desde o génesis até ao discurso de Bento XVI recriado no espetáculo. Realização plástica pujante na cenografia – um imenso e verde jardim de pregos com flores amarelas e inclinações abismais – e nos esmerados e belos figurinos. Prestações admiráveis de João Vicente, João Pedro Mamede na crueza da elocução e na contracena fortíssima, bem como da magnífica Isabel Costa a aduzir a componente *cantabile* em distorção,

momento fulgurante no comentário à condição feminina. O pianista Daniel Bernardes completa o elenco. Com o mediterrâneo à vista e o amor como essência do humano, a implicação do espectador é total, pela coincidência da fórmula dramaturgica com a encenação, a produzir a visão atenta, contínua e a reflexão urgente sobre o estar aqui e agora.

Montanha-Russa, na Sala Garrett, debruça-se sobre a crise da adolescência, mas é um espetáculo de rara sensibilidade para todos, pois aponta para o “saber dialogar com quem vem”, nas palavras da autora Inês Barahona e que, através da escrita diarista, permitiu os jogos passado/presente e realidade/ficção, como nos diz o autor Miguel Fragata. A partir de encontros com adolescentes, foi construída uma narrativa baseada em dois diários (1973-75, 1989-91), uma carta de 2000 e um blogue na atualidade. São quatro personagens entre os 13 e os 20 anos, dois rapazes e duas raparigas, a darem forma ao descontrole físico e psicológico dessa fase crucial do crescimento do ser humano, simbolizado pela montanha-russa, referente no palco e núcleo aglutinador da narrativa, “cada um a seguir a sua história no seu tempo”.

A feliz e eficaz encenação de Miguel Fragata entregou à música a união dos relatos, criando um musical centrado numa banda ao vivo, em que a vocalista (e baterista) Manuela Azevedo desempenha papel dramaturgico central e catalisador das emoções dos jovens adolescentes; as suas capacidades vocais e de representação permitem a passagem da ficção à realidade com beleza e graça. Anabela Almeida



> e Carla Galvão transfiguradas pela força das suas confissões e vitalidade física. Miguel Fragata na personagem mais traumática e Bruno Lobo Faria no *blogger* em tempo real completam o quarteto dialogante e dançante com a excelente música *rock/pop* que também interpretam como grito libertador das angústias existenciais.

Dois espetáculos que celebram o poder do exercício da cidadania pelo teatro. **JL**

> **SWEET HOME EUROPA**

de Davide Carnevali, Encenação João Pedro Mamede, Tradução Tereza Bento, Música Daniel Bernardes, Cenografia Ângela Rocha, Figurinos Gonçalo Quirino, Desenho de luz João Cachulo, Sonoplastia e desenho de som André Pires, Assistência de Encenação Catarina Rôlo Salgueiro, com João Vicente, Isabel Costa, e João Pedro Mamede. Produção TNDMII.

Sala Estúdio, quarta às 19h30, de quinta a sábado às 21h30, domingo às 16h30.

> **MONTANHA-RUSSA**

de Inês Barahona e Miguel Fragata, Encenação Miguel Fragata, Dramaturgia Inês Barahona, Texto e Letras Miguel Fragata, Inês Barahona, Música original Hélder Gonçalves, Cenografia F. Ribeiro, Figurinos José António Tenente, Movimento Marta Silva, Desenho de som Nelson Carvalho, Desenho de luz José Álvaro Correia, Vídeo Henrique Frazão, com Anabela Almeida, Bernardo Lobo Faria, Carla Galvão e Miguel Fragata e os músicos ao vivo Hélder Gonçalves, Manuela Azevedo, Miguel Ferreira e Nuno Rafael. Coprodução TNDMII, TNSJ, Teatro Virgínia, Formiga Atómica, e na fase de pesquisa o Festival Terres des Paroles.

Sala Garrett, quarta às 19h, de quinta a sábado às 21h, domingo às 16h.

Ambos no TNDM, até 27 de março, Dia Mundial do Teatro, com representações, nesse dia, às 21h.



A MINHA ECONOMIA

INÊS BARAHONA

Hoje temos imenso medo do medo das crianças, estamos sempre a protegê-las, criamos para elas mundos tão completos que funcionam como bolhas.

A partir de uma conversa com

LÚCIA CRESPO

MIGUEL BALTAZAR



A democracia é como o amor, tem de se alimentar todos os dias

No espectáculo "The Wall", Inês Barahona e Miguel Fragata, fundadores da companhia de teatro Formiga Atômica, separavam a plateia de adultos da plateia de crianças. Queriam desconstruir o muro entre grandes e pequenos. Durante o processo, perceberam que tinham descurado a adolescência. Recordaram então o seu tempo de adolescentes e questionaram se esse seu tempo era muito diferente do tempo dos adolescentes de agora. Durante um ano e meio, contactaram cerca de 600 jovens, leram diários dos anos 70 e 80, fizeram leituras "selvagens". O resultado está no espectáculo "Montanha-Russa", que vai ao palco do Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, entre 9 e 27 de Março. Em paralelo, será exibido o documentário "Canção a meio", de Maria Remédio, realizado a partir das questões lançadas aos adolescentes. "Montanha-Russa", uma reflexão sobre as várias adolescências, conta também com a participação da dupla musical Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo.

O

espectáculo "Montanha-Russa" é o culminar de um enorme processo de pesquisa que fizemos a partir de um projecto anterior, "The Wall", uma peça na qual separávamos uma plateia composta apenas por adultos de uma plateia só de crianças. O espectáculo falava sobre a cisão cada vez maior entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças. Há cada vez menos zonas de contacto verdadeiro entre ambos. De repente, é suposto as crianças saltarem para o mundo dos adultos e não sabem bem como fazê-lo.

No meu tempo de criança, a infância já era um conceito trabalhado, mas nós não tínhamos propriamente um lugar social específico. Nós íamos por arrasto dos nossos pais, tios, professores, e tudo o que existia não era feito para nós, era para nós nos metermos dentro do que existia. E isso, se por um lado podia ser difícil, por outro lado dava às crianças a possibilidade de percorrerem um caminho de aproximação progressiva ao mundo dos adultos.

Hoje temos imenso medo do medo das crianças, estamos sempre a protegê-las de tudo, criamos para elas mundos tão completos que funcionam como bolhas e tornam mais difícil a sua transição para o mundo adulto. O que acaba por ser também um choque injusto para quem o vive. Cobramos dos adolescentes comportamentos que nunca lhes transmitimos. Apertámos-lhes os sapatos até aos 10 anos e de repente queixamo-nos porque eles não o fazem sozinhos aos 12. Claro que a entrada na idade adulta vai ser mais tardia. Não é por acaso que muita gente diz que os adultos estão infantilizados até muito tarde. E estão.

No "The Wall", separávamos os adultos das crianças até aos 10 anos e de repente demos conta de que tínhamos deixado a adolescência de lado. Aniquilámos essa fase da vida! Então, começámos a perguntar aos adolescentes onde queriam sentar-se. Quando iam com irmãos mais novos, sentavam-se do lado dos adultos, quando iam com os pais, sentavam-se do lado das crianças. Não queriam estar no mesmo espaço que os pais, mas também não queriam estar no mesmo espaço dos mais novos. Então, onde é que os adolescentes têm lugar? Que lugar é esse?

Na altura, eu o Miguel [Fragata] começámos a falar sobre as nossas próprias adolescências. Ele teve uma adolescência ótima, a minha foi horrível. Ao mesmo tempo, questionámos se as nossas adolescências estariam próximas das adolescências de agora e o que era afinal a adolescência. Decidimos trabalhar o tema. Tivemos uma reunião com o Tiago Rodrigues [director artístico do Teatro Nacional D. Maria II], que também queria desafiar-nos a pensar num espectáculo para adolescentes.

Contactámos centenas de jovens e também trabalhámos as adolescências dos anos 70 e 80, através de um pedido aberto para a entrega de diários. Para os adolescentes de agora, a escrita diarista está plasmada nas redes sociais, é como se os diários estivessem virados do avesso. Na verdade, os diários antigos também viviam um bocadinho na tensão de serem lidos, tinham uma dimensão íntima e ao mesmo tempo um desejo de serem encontrados. Mas hoje, de fac-



to, os miúdos não compreendem a ideia de escrever para si, não há o para si, há o para fora, e esse para fora pode ser para pequenos grupos efêmeros formados a propósito de interesses também efêmeros. Ora estão no Facebook, ora no Instagram, ora no Snapchat — que tem um fenómeno interessante que é o fenómeno do apagamento. Parece existir agora uma relação mais fácil com o desaparecimento e isso muda a relação com a história colectiva e pessoal. Aquele bilhetezinho da nossa primeira ida ao cinema, guardado numa caixa especial, já não existe, o que há é uma fotografia no Instagram que desmaterializa a memória, memória essa que fica esmagada por outras memórias consideradas igualmente importantes. Tudo está guardado e ao mesmo tempo nada tem importância precisamente porque tudo está guardado.

A afectividade com alguns episódios da vida também se faz, faz-se de outra maneira, que não é a nossa, e é isso que dificulta a comunicação entre gerações. Mas, ao ouvir estes miúdos a falarem sobre a adolescência, percebi que há questões que permanecem. Existe uma densidade e uma inquietação familiares. Os contextos mudam, a linguagem também, mas a questão é essencialmente a mesma, e é a questão da identidade: quem é que sou eu, agora que me estou a transformar numa coisa que não sei o que é? A adolescência é uma fase de mudanças físicas abruptas. De repente, o nariz transformou-se, a boca está diferente, os dentes estão esquisitos, as orelhas vêm-se imenso, o cabelo ficou frisado, os braços estão enormes. São partes de nós que ali estão. Sempre a mudar.

Os nossos espectáculos alimentam-se uns aos outros. A partir do “The Wall” viemos parar ao “Montanha-Russa” e do “Montanha-Russa” vamos partir para uma criação sobre a ideia de educação. Sentimos que, nós adultos, nos arrogamos um bocadinho o direito a estabelecer, de forma quase absolutista, as regras do mundo em que queremos que os mais novos vivam. Tem de haver dialéctica, não há escola se não houver troca. Tem de haver troca, senão o que há são prisões ou campos de trabalho forçado. Isto tem que ver com a própria

ideia de democracia, no sentido em que é preciso escutar, debater e melhorar. Mas melhorar dá uma trabalhadeira e por vezes preferimos ficar anquilosados e não nos inquietarmos. A nossa democracia anquilosou-se muito, ficámos demasiado confortáveis no modelo que construímos e esquecemo-nos de que a democracia é como o amor, tem de se alimentar todos os dias. Tenho 40 anos e sou uma inquieta. Venho de uma família muito conservadora, os meus pais são católicos praticantes, muito beatos, mas sempre me deram um espaço enorme para eu decidir se aquilo, para mim, fazia sentido ou não. Sou agnóstica e respeitamo-nos nesse espaço. Essa liberdade foi muito importante nas decisões que tomei ao longo da vida.

Quando terminei o secundário, decidi estudar Direito. Eu queria ser juíza, queria fazer justiça, achava que ia mudar o mundo, às vezes ainda acho! Desencantei-me com o Direito e segui a Filosofia, e até pensei fazer investigação na área da Estética, mas olhava para a universidade e via uns professores desinteressantíssimos a fazer colóquios para meia dúzia de gatos-pingados. Sentia que não faziam diferença na vida de ninguém e eu achava que tinha de fazer algo mais. Cresci com a ideia de que todos temos a responsabilidade de estar aqui e fazer alguma coisa.

Nessa altura, conheci a Madalena Victorino, que estava a trabalhar com o Giacomo Scalisi no Centro de Animação e Pedagogia (CPA) do CCB. Eles andavam à procura de alguém para a equipa de produção. Fui a uma entrevista e fiquei fascinada pelo discurso deles, eles falavam do poder transformador das artes! E eu pensava: isto sou eu, isto é para mim. Perguntaram-me se eu escrevia bem e se fazia orçamentos e eu disse que sim a tudo! Essa experiência com a Madalena foi marcante, é a minha filiação, eu sou filha daquele núcleo. Lembro-me de observar a cara das pessoas quando entravam nos espectáculos e depois quando saíam. Há qualquer coisa no rosto que se transforma quando um espectáculo é forte. Acontece ali qualquer coisa. Acho que é o tal poder transformador das artes e é por isso que, na minha cabeça, as artes têm, e devem ter, um lugar cada vez mais importante. ■

Não é por acaso que muita gente diz que os adultos estão infantilizados até muito tarde. E estão.



5 MARÇO, SEGUNDA

A DECORRER

AR LIVRE

ARTES

CIÊNCIA

CINEMA

CRIANÇAS



À DESCOBERTA DAS EMOÇÕES

CRIANÇAS > OUTROS

24 fev, 24 mar/18



PLAY - BRINCAR EM INGLÊS

CRIANÇAS > TEATRO

17 jan a 14 mar/18

4 SÁBADOS, 4 TEMAS!

CRIANÇAS > OUTROS

3, 10, 17, 24 mar/18

FESTAS DE ANIVERSÁRIO

CRIANÇAS > FESTAS DE ANIVERSÁRIO



POESIA-ME

Ciclo de Leituras para a Infância

CRIANÇAS > LETRAS

7 out, 11 nov, 7 dez/17, 27 jan, 3 mar, 7 abr, 12 mai, 30 jun/18

TEATRO

LITERATURA

FEIRAS

MÚSICA

DANÇA

VISITAS GUIADAS

MARÇO

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25

CRIANÇAS

Teatro

Música

Circo

Culinária

Festas de Aniversário

Outros

Artes

Ciência

Ginástica/Desporto

Dança

Visitas Guiadas

Cinema/Fotografia

Letras

Jardinagem

VER TODOS

Procurar

RSS

TWITTER

FACEBOOK

AGENDA CULTURAL LISBOA

EM PAPEL

LOCAIS DE DISTRIBUIÇÃO



MONTANHA-RUSSA

Um musical sobre a adolescência para todo o público.

CRIANÇAS > TEATRO

TEATRO > ESPETÁCULOS

9 a 27 mar/18

Quarta, às 19h; quinta a sábado, às 21h; domingo, às 16h
27 mar: 21h

Encenação, texto e letras: Miguel Fragata e Inês Barahona | Música original: Hélder Gonçalves com Anabela Almeida, Carla Galvão, Manuela Azevedo, Miguel Fragata, entre outros | Música ao vivo: Hélder Gonçalves, Miguel Ferreira e Nuno Rafael | Desenho de som: Nelson Carvalho | Desenho de luz: José Álvaro Correia | Cenografia: F. Ribeiro | Figurinos: José António Tenente | Coprodução: Formiga Atómica, TNDM II, TNSJ

Montanha-russa é um espetáculo da dupla Miguel Fragata e Inês Barahona, à qual se junta a dupla Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo. Um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do “teatro musical”, como quem desafia as leis da gravidade num *loop*.

Montanha-russa mergulha vertiginosamente na adolescência. Retira-a do lugar dos lugares-comuns e procura aproximá-la da dimensão da intimidade. Uma dimensão secreta, privada, interior, mas que vive no desejo de ganhar um palco onde se possa exibir.

Montanha-russa é o diário deixado em cima da mesa, o diário destilado nas redes sociais, ou o diário perigosamente transportado para o liceu: uma intimidade a gritar “leiam-me!”, uma geração a querer fazer-se ouvir, ao som da música.

Noite Teen-Friendly

23 de março, após o espetáculo

Nesta noite, um grupo de consultores adolescentes transformará o Átrio do D. Maria II num espaço *teen friendly*, onde não faltará muita música para dançar a verdadeira montanha-russa que é a adolescência.

1

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Conversa com os artistas

18 mar, após o espetáculo
moderação Maria João Guardão



NOTÍCIAS



/ FILIPE FERREIRA

Clã participam em peça de teatro sobre adolescência: saiba mais sobre “Montanha Mágica”

f t i e ... 14.03.2018 às 12h57

O espetáculo pode ser visto no Teatro Dona Maria II, em Lisboa, até 27 de março. Na próxima terça-feira, Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves atuam também com os They're Heading West, na Casa Independente



LIA PEREIRA

Jornalista

Está em cena até ao próximo dia 27 de Março o espetáculo **Montanha Russa, com música original – e tocada ao vivo** – de Manuela Azevedo, Hélder Gonçalves e Miguel Ferreira, dos Clã, e Nuno Rafael.

A peça pode ser vista na **Sala Garrett do Teatro Nacional Dona Maria II, em Lisboa**, e aborda o tema da adolescência.

“O processo começou há mais de um ano, quando os autores do projeto pediram que as pessoas partilhassem os seus diários de adolescência. Assim, no espetáculo serão mostradas adolescências de várias gerações”, explica o comunicado.

Pode saber mais sobre a criação de **Inês Barahona e Miguel Fragata aqui**.

Entretanto, na próxima terça-feira, 20 de março, **Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves visitam a Casa Independente**, em Lisboa, para atuarem com os They're Heading West, banda de Francisca Cortesão e Mariana Ricardo. Os bilhetes custam 6 euros e não é possível fazer reservas. A bilheteira abre às 17h e o concerto começa às 19h.



RELACIONADOS



NOTÍCIAS

Sérgio Godinho tomou um elixir da juventude vitalício. E até já tem selfies nas suas canções



VÍDEOS

Samuel Úria dá concerto com Ana Moura e Manuela Azevedo, em Lisboa

BRIEFING

Os Negócios do Marketing

INSCRIÇÕES



Marketing

Criatividade

Comunicação

Media

Vídeos

T2

Entrevistas

Opinião

Projetos Especiais

Out of Office

Contatos

[Início](#) ▶ [Out of Office](#) ▶ Tudo a postos para uma viagem de montanha russa

OUT OF OFFICE

Tudo a postos para uma viagem de montanha russa

É um programa para pais e filhos: afinal, “Montanha-Russa”, a pela que estreia hoje, 9 de março, na Sala Garrett, do Teatro Nacional D. Maria II, é um musical sobre a adolescência. Trata-se de uma criação de Inês Barahona e Miguel Fragata, a que se juntaram Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã.

sexta, 09 março 2018 12:18





Este é um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do “teatro musical”, como quem desafia as leis da gravidade num *loop*. “Montanha-Russa” “mergulha vertiginosamente” na adolescência, retirando-a dos lugares-comuns e procurando aproximá-la da dimensão da intimidade. Uma dimensão secreta, privada, interior, mas que vive no desejo de ganhar um palco onde se possa exhibir.

Está em cena até 27 de março, Dia Mundial do Teatro, sendo que, após o espetáculo de dia 23, decorre a noite teen friendly: um grupo de consultores adolescentes transformará o átrio do D. Maria II num espaço onde não faltará muita música para dançar a verdadeira montanha-russa que é a adolescência.

briefing@briefing.pt

 Out of Office

 cultura teatro D Maria II

Itens relacionados

- [Quer saber porque é que os cães cheiram o rabo uns aos outros?](#)
- [Hoje, a FNAC dá música](#)
- [O que faz Raminhos em cima de uma árvore?](#)
- [Casa Cheia diz... Je suis Werther](#)
- [Afinal, “Hamlet” é uma comédia](#)



Musical Montanha-Russa Estreia Hoje No TNDM II

9 de Março de 2018



Estreia hoje na na Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II a peça *Montanha-Russa*, um musical sobre a adolescência, de Inês Barahona e Miguel Fragata e que conta ainda com a participação de Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo (Clã).

Este é um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do "teatro musical", como quem desafia as leis da gravidade num loop. Montanha-Russa mergulha vertiginosamente na adolescência, retirando-a dos lugares-comuns e procurando aproximá-la da dimensão da intimidade. Uma dimensão secreta, privada, interior, mas que vive no desejo de ganhar um palco onde se possa exibir. Montanha-Russa é o diário deixado em cima da mesa, o diário destilado nas redes sociais, ou o diário perigosamente transportado para o liceu: uma intimidade a gritar "leiam-me!", uma geração a querer fazer-se ouvir, ao som da música.

A peça tem encenação de Miguel Fragata, dramaturgia Inês Barahona, , texto e letras Miguel Fragata e Inês Barahona, com música original de Hélder Gonçalves e interpretações de Anabela Almeida, Bernardo Lobo Faria, Carla Galvão, Miguel Fragata e música ao vivo com Hélder Gonçalves, Manuela Azevedo, Miguel Ferreira e Nuno Rafael. Os figurinos são da autoria de José António Tenente.

A programação paralela inclui no dia 18 de março uma "Conversa com os Artistas" após o espetáculo, com moderação de Maria João Guardão; e no dia 23, uma **noite teen friendly** após o espetáculo, na qual um grupo de consultores adolescentes transformará o átrio do D. Maria II num espaço onde não faltará música para dançar.

E ainda, inserido no projeto Montanha-Russa está também o **documentário *Canção a Meio***, realizado por Maria Remédio, que documenta todo o processo de pesquisa levado a cabo por Inês Barahona e Miguel Fragata durante mais de um ano, será apresentado no D. Maria II nos dias 11, 25 e 27 de março.

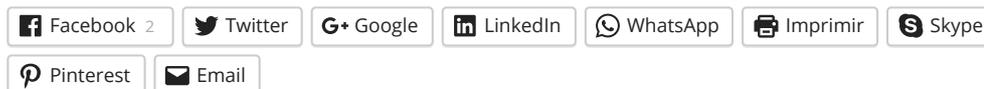


Montanha-Russa é uma coprodução TNDM II, TNSJ, Teatro Virgínia, Formiga Atómica e vai ficar em cena no TNDM II até dia 27 de março, seguindo depois em digressão para o Teatro Municipal de Portimão (a 21 de abril); Teatro Virgínia – Torres Vedras (26 de abril); Teatro de Vila Real (a 11 de maio); Centro Cultural Gil Vicente – Sardoal (a 25 de maio); Teatro Nacional São João – Porto (de 21 de maio a 10 de junho); e Teatro Municipal Baltazar Dias – Funchal (de 30 junho a 1 julho).

Em Lisboa a peça pode ser vista às quartas às 19h00, de quinta a sábado às 21h00 e domingo às 16h00. No Dia Mundial do Teatro, 27 de março, a sessão começa às 21h00.

Os bilhetes estão à venda na bilheteira do teatro e online e custam entre 5 e 17 euros. De salientar ainda que **Montanha-Russa** está classificada para maiores de 12 anos.

Partilhar isto:





CINEMA

TV

MÚSICA

LITERATURA

ARTES

SOCIEDADE

ENTREVISTAS

OPINIÃO ▾

10 motivos para ir ao Teatro em Lisboa durante o mês de Março

por Redacção — 8 Março, 2018 em Artes



Dez motivos para sair da sala de estar e entrar em salas de espectáculos em mês de regresso da chuva e do dia nacional do Teatro (dia 27), num ano onde os



espectáculos andam a esgotar como se não houvesse amanhã. Peguem nas agendas e façam reservas antes que esgotem.



1. **BANDA-SONORA**, de Ricardo Neves-Neves

Motivo: Seis atrizes divididas em pares no novo espectáculo do rei do absurdo teatral

De 9 a 18 de Março, no Teatro Municipal São Luiz

De Quarta a Sábado às 21h, Domingo às 17h30

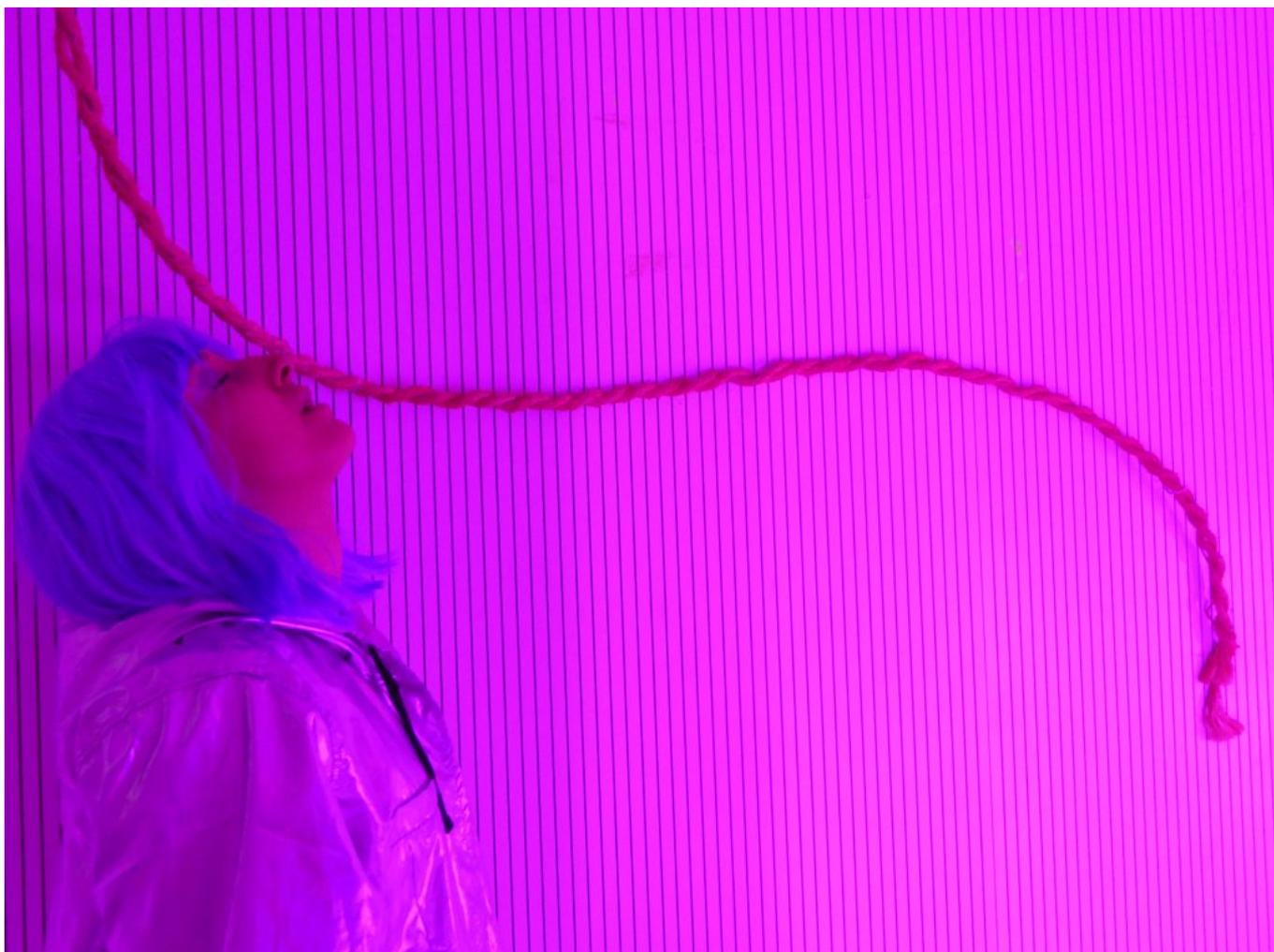


2. **MONTANHA RUSSA**, de Miguel Fragata e Inês Barahona

Motivo:Um musical sobre a adolescência para adultos com a Carla Galvão e a Manuela Azevedo.

De 9 a 27 de Março, no Teatro Nacional D. Maria II

Quarta às 19h, Quinta a Sábado às 2h, Domingo às 16h e 27 de Março às 21h



3. **SABOR A CEREJA**, de Laura Morais Silva

Motivo: Reposição do muito colorido bubbly e solitário solo da jovem atriz.

De 29 a 31 de Março, na Livraria Ler Devagar no Lx Factory

De Quinta a Sábado às 21h30



4. O TEATRO DA AMANTE INGLESA, de Jorge Silva Melo

Motivo: Os Artistas Unidos trazem Marguerite Duras a cena.

De 7 de Março a 14 de Abril, no Teatro da Politécnica

Terça e Quarta às 19h, Quinta e Sexta às 21h, Sábado às 16h e às 21h



5. **EX-ZOMBIES**, de Alex Cassal

Motivo: E no caso de um apocalipse zombie, o que fazer em Lisboa?

De 1 a 27 de Março, no Teatro Nacional D. Maria II

Quarta às 21:30, Quinta a Sábado às 19h

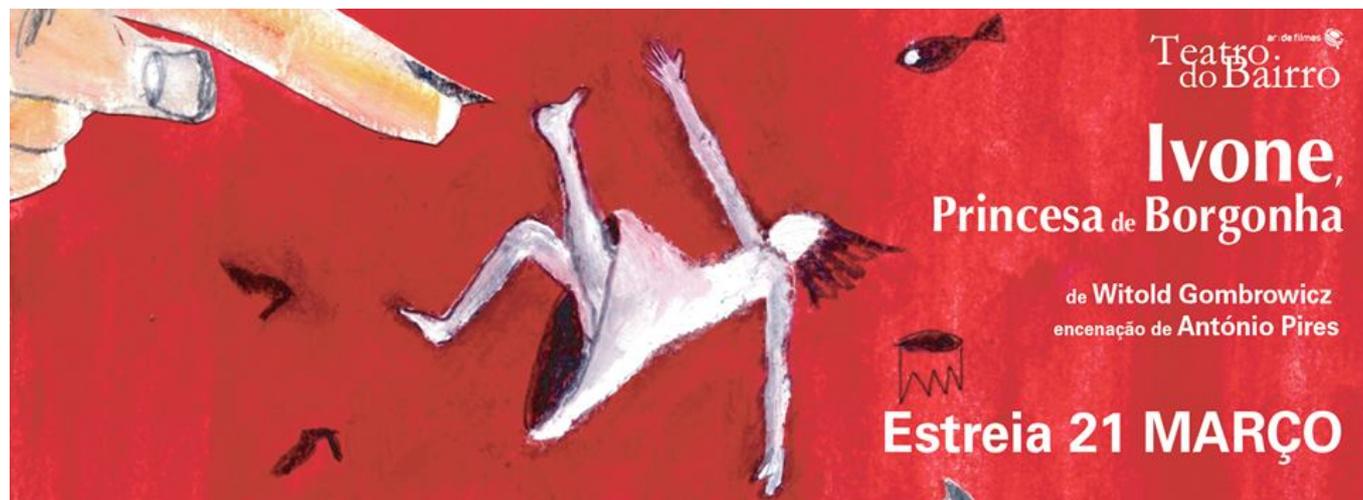


6. **NOITE E DIA**, de Rita Morais e Joana Cotrim

Motivo: Membros dos grupos Silly Season e Pato Bravo unem forças para falar sobre os dois lados das 24 horas.

De 22 a 25 de Março, na Rua das Gaivotas nº6

De Quinta a Domingo às 21h30



7. **IVONE, A PRINCESA DA BORGONHA**, de António Pires

Motivo: Texto de Gombrowicz volta a cena após a última encenação em Portugal em 1970.

Estreia a 21 de Março, no Teatro do Bairro.



8. **ÑAQUE**, de Marco Medeiros

Motivo: Colisão entre o génio de José Raposo e a graça de José Pedro Gomes.

Estreia a 15 de Março, no Teatro Villaret.

De Quinta a Sábado às 21h30, Domingo às 16h30.



9. **SWEET HOME EUROPA**, de João Pedro Mamede

Motivo: Amor enquanto estrutura que segura uma Europa em crise.

De 8 a 27 de Março, no Teatro Nacional D. Maria II

Quarta às 19h30, Quinta a Sábado às 21h30, Domingo às 16h30



10. ODE AO AMOR OU MORTE AO SISTEMA LÍMBICO, de João André

Motivo: Jovens criadores falam sobre a importância do amor.

De 29 a 31 de Março, na Rua das Gaivotas nº6

De Quinta a Sábado às 21h30

Artigo de Luis Miguel Davies



Deixa o teu comentário, aqui:

0 comentários

Ordenar por



Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

Tags: Lisboa março teatro



DESTAQUES DA SEMANA

LER E IR AO TEATRO, OU PREFERIR O CINEMA OU OS CONCERTOS. HÁ MUITO PARA FAZER, E NÓS ESCOLHEMOS O MELHOR

CONCERTO

Bob Dylan Lisboa



É A SÉTIMA VEZ QUE
O CANTOR CÁ VEM

Um dos maiores nomes da música norte-americana deste século (e do anterior), Bob Dylan atua na Altice Arena na próxima quinta-feira, e o concerto há muito que esgotou. É a sétima vez que Dylan nos visita – e a primeira desde que ganhou o Prémio Nobel da Literatura – e oportunidade única para rever o seu magistral repertório. Casos de 'Blowin' in the Wind', 'The Times They are A-Changin'' e 'Mr Tambourine Man'. ■
Local Altice Arena
Telefone 218918409
Preço Entre 39 e 240 €

CONCERTO

Dead Combo Águeda

A banda de Tó Trips e de Pedro V. Gonçalves chega amanhã a Águeda para um concerto muito especial. O grupo, que está a preparar um novo disco, pro-

mete oferecer, neste concerto, um espetáculo que é "uma viagem cinematográfica e multissensorial". Começa às 21h30. ■
Local Centro de Artes de Águeda
Telefone 234180151
Preço 10 €

DANÇA

'Service N.º 5' Porto

As Galerias do Museu de Serralves, no Porto, recebem, a partir de quarta-feira e até domingo da próxima semana, o novo espetáculo do coreógrafo, performer e artista visual Adam Linder. Trata-se de 'Service N.º 5', que será apresentado, em contínuo, entre as 13h00 e as 18h00, todos os dias. Linder, refira-se, é conhecido por propor "novas formas de pensar o lugar e a representação do corpo performativo na arte contemporânea". ■
Local Museu de Serralves
Telefone 226156500
Preço 10 €



OS BAILARINOS
DE ADAM LINDER

TEATRO

'Montanha Russa' Lisboa

Até dia 27, o Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, está a apresentar este espetáculo musical assinado pela dupla de criadores Inês Barahona e Miguel Fragata. Em palco, ao lado de um elenco liderado por Anabela Almeida e Carla Galvão, estão também vários elementos da banda Clã, nomeadamente Hélder Gonçalves (o autor das músicas) e a cantora Manuela Azevedo. ■
Local Teatro Nacional D. Maria II
Telefone 800213250
Preço 5 a 17 €



MANUELA AZEVEDO,
DOS CLÃ, NA PEÇA

LIVRO

'A Ilustre Casa de Ramires' Eça de Queiroz

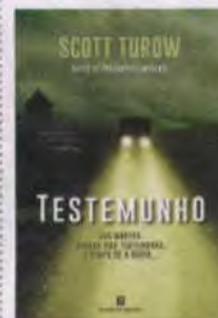
Diz-se que Eça esteve sete anos a trabalhar nesta que é uma das obras mais marcantes da sua carreira literária e que só seria publicada após a morte

do escritor. O novo volume dos clássicos Guerra e Paz já está nas bancas e dá-nos a conhecer o 'pobre' Gonçalo Mendes Ramires, que vive obcecado com o passado glorioso da sua família aristocrática. ■
Editora Guerra e Paz
Páginas 312
Preço 13,90 €

LIVRO

'Testemunho' Scott Turow

Do mesmo autor de 'Presumível Inocente' (que deu direito a um filme com Harrison Ford), chega agora aos nossos escaparates este 'Testemunho', um thriller jurídico cuja ação tem como pano de fundo a Guerra da Bósnia. No Tribunal Penal Internacional, o advogado Bill Bloom começa a investigar o desaparecimento de várias centenas de refugiados. ■
Editora Bertrand
Páginas 480
Preço 17,70 €



LIVRO DE TUROW JÁ
CHEGOU ÀS LIVRARIAS

**TEATRO EM DESTAQUE****'MONTANHA-RUSSA'**

❏ O Teatro Nacional D. Maria II começa a apresentar em Lisboa, no próximo dia 9 (sexta-feira), este trabalho de Inês Barahona e Miguel Fragata que conta com a participação dos músicos Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo (dos Clã).



1ª PÁGINA

LISBOA

PORTO

ACTUALIDADE

GLOBO

DESPORTO

FAMA & TV

ARTE & LAZER

PASSATEMPOS

CLASSIFICADOS

TECNOLOGIA

SAÚDE

FUGAS

AUTOMÓVEL

CINEMA

MÚSICA

EMPREGO

MARCAS E EMPRESAS

ENTREVISTA

PUBLICIDADE



Wizink
O teu banco fácil

Cartão de Crédito WIZink Rewards
TAEG 16,4%*

QUERO ADERIR

ACTUALIDADE

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

09 | 03 | 2018 06.06H

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

DESTAK/LUSA | DESTAK@DESTAK.PT

MAIS ARTIGOS DE ACTUALIDADE

Canadá satisfeito com isenção dos EUA de tarifas sobre aço e alumínio

- Inquérito que envolve ex-diretor do Museu da Presidência tem de estar concluído em maio
- Governo timorense preocupado com gestão de projetos escolares com Portugal

• Donald Trump vai reunir-se com Kim

COMENTAR**ENVIAR****IMPRIMIR****PARTILHAR**

Tweetar

Gosto

Sê o primeiro dos teus amigos a gostar disto.

LÍDIA PARALTA
Bem-vindos ao grau zero

JOÃO MALHEIRO
Futebol e agiotas

EDUARDO VÍTOR RODRIGUES
(PRESIDENTE DA CÂMARA DE V. N. GAIA)

A descentralização e o carisma dos autarcas

LUISA CASTEL-BRANCO
Está tudo doído

**Super Bock Super Rock 2017: 3º dia****Super Bock Super Rock 2017: 2º dia****Super Bock Super Rock 2017: 1º dia**

ENTREVISTA A CHARLIZE THERON
«A verdade: não sei mais que os outros»

ENTREVISTA A MIGUEL STANLEY
«A saúde oral é indissociável da saúde geral»

"10.000 ANOS DEPOIS ENTRE VÊNUS E MARTE"
José Cid apresenta álbum ao vivo em Lisboa e Porto

PUBLICIDADE



FIM DE SEMANA EM GRANDE

Está a *Montanha-Russa* instalada no Teatro D. Maria II



MARINA
ALMEIDA
Jornalista

SEXTA-FEIRA

O QUE CONTAM OS DIÁRIOS ADOLESCENTES

► Concebido por Miguel Fragata e Inês Barahona, *Montanha-Russa* é um espetáculo que reflete sobre a adolescência. Baseado em diários de (antigos) adolescentes, esta é uma peça de teatro musical para todo o público onde participam Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã.

► **Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, 21.00 (bilhetes de 5 a 17 euros)**

DEBATER OS PODERES NA CASA DA ARQUITETURA

► De Ádám Hatvani a Vijitha Basnayaka. Na ressaca do anúncio do Prémio Pritzker, arquitetos de várias latitudes e experiências estão em Matosinhos, hoje e amanhã, a debater os vários poderes. Também lá estarão portugueses, como Manuel Aires Mateus. Uma oportunidade de ver o que se faz na recém inaugurada Casa.

► **Casa da Arquitetura, Matosinhos, todo o dia**



SÁBADO

BOM TEMPO NO CCB PARA EVOCAR NEMÉSIO

► O autor de *Mau Tempo no Canal* vai estar em foco este sábado no CCB. Natural da Praia da Vitória, na ilha Terceira, Açores, Vitorino Nemésio (1901-1978) foi ficcionista, biógrafo, ensaísta, cronista, professor durante 40 anos na Faculdade de Letras. Entre 1971 e 1975 foi presença assídua na televisão com o popular *Se Bem Me Lembra*. Na sessão deste sábado vão estar Luiz Fagundes Duarte, Luiza Costa e António Valdemar, todos açorianos e com ligações pessoais e intelectuais a Vitorino Nemésio

► **Centro Cultural de Belém, Lisboa, das 15.00 às 17.00**

DOMINGO

MASSENA EM LOULÉ GOODE NO PORTO

► Boa disposição garantida no concerto da Rui Massena Band, esta tarde no Cine-Teatro Louletano. Novas sonoridades, num projeto com que o compositor e maestro anda a percorrer todo o país. Mais a norte, na Casa da Música do Porto, o pianista norte-americano Richard Goode apresenta-se num recital. Um dos pianistas mais requintados do mundo, refere o *síte* da Casa da Música, que vai tocar Bach, Beethoven e Debussy.

► **Cine teatro Louletano, Loulé, 17.00, e 21.30 (bilhetes a 8 e 10 euros)**

► **Casa da Música, Sala Suggia, Porto, bilhetes de 20 a 24 euros**



RIGA
voo + hotel 3 noites
desde 370€
POR PESSOA
RESERVE JÁ

Global Viagens
powered by TUI

Sexta-Feira | 09 de março de 2018 | 10:49 | Fundado em 29 de dezembro de 1864



Lusa



"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

Nacional

09 DE MARÇO DE 2018
06:05

Lusa



Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

"Montanha-russa" é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse "leiam-me". Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

PUB

ALARME SECURITAS DIRECT

A sua Casa está protegida?

Simular já →

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á "Canção do meio", e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16:30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 - Dia Mundial do Teatro - será representada às 21:00.



0 comentários

Ordenar por **Os mais recentes**

 Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook



ALBUFEIRA
Estadia 4 noites
desde 100€
POR PESSOA
RESERVE JÁ

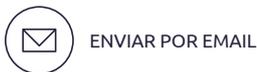
GlobalViagens
powered by TUI

Uma "montanha-russa" para responder à pergunta "quem sou eu?" estreia-se em Lisboa

Nacional

23 DE FEVEREIRO DE 2018
17:16

Lusa



As tentativas de responder à pergunta "Quem sou eu?" são um dos eixos da peça "Montanha-russa", centrada nos problemas dos adolescentes que se estreia a 09 de março, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata, a peça é um musical sobre a adolescência destinado a todo o público, que mergulha na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

Uma montanha-russa - a Ciclone -- estacionada na Alemanha é o cenário da peça construída com base nos problemas dos adolescentes e na sua busca diária de uma identidade em construção.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência.

Nesta fase da vida, em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo, as vivências e as angústias que os quatro jovens experimentam em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade durante esse período de transição.

"O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça espelhando a sensação de um dos jovens descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de confissões de jovens sobre questões que os preocupam, e que os

PUB

ALARME SECURITAS DIRECT



Calcule já
o preço do seu Alarme

Simule já »

ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espetáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite "teen-friendly", a realizar no dia 23 de março, no átrio do Teatro Nacional D. Maria II.

Todo o processo de criação do espetáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio que está a filmá-lo para realizar um documentário, intitulado "Canção do meio", que será exibido nos dias 11 e 25 de março, após a peça, e no dia 27 de março, às 16:30.

Questionado sobre como surgiu esta peça, Miguel Fragata disse ter resultado de conversas com o diretor do Teatro Nacional D. Maria II, Tiago Rodrigues, na sequência do trabalho anterior - "The wall" -- em que trabalharam a tensão entre o mundo das crianças e o dos adultos.

"Começou a surgir assim esta ideia de fazer um espetáculo sobre a adolescência e rapidamente surgiu a ideia de ser um espetáculo com música ao vivo, porque sentíamos que a música tinha uma importância muito grande", disse, acrescentando que depois surgiu a "ideia de pôr em diálogo a música e os diários", criando assim a ideia de "intimidade e a de palco".

Tiveram a coincidência de o diretor do D. Maria II lhes ter proposto conceberem um espetáculo para a sala Garrett que se centrasse na adolescência.

"Foi assim um casamento perfeito", disse Miguel Fragata, ao que Inês Fragata respondeu: "Não foi bem perfeito, porque nós dissemos que não trabalhávamos só para o público adolescente", sublinhando que "detestam gavetas" além de acharem "que ninguém deve ser pastor de ovelhas".

Foi então que devolveram a Tiago Rodrigues a ideia de "trabalhar qualquer coisa sobre a adolescência, para fazer o impossível que é misturar adolescentes com o público em geral", ressaltou Inês Barahona.

Até porque, os adolescentes têm brincado muito com a ideia de que quando forem ver o espetáculo não pretendem ficar sentados juntos dos pais, mas sim na possibilidade de se sentarem noutra local da sala.

"E isso é uma premissa super-importante", frisou.

Outra das coisas que os dois pretendiam era que a peça não fosse levada à cena em horário de escola, mas sim em horário nobre.

Uma das constatações curiosas da dupla que escreveu a peça é que os adolescentes de hoje continuam a ter as mesmas preocupações e angústias que pessoas mais velhas.



passividade relativamente à família, sem perder a identificação muito forte com o grupo de pertença, tal como os adolescentes vivem, é assim matéria-prima que vai sendo desenvolvida ao longo do espetáculo.

Em "Montanha-russa", as questões permanecem as mesmas e têm a ver com a de descoberta, de vivência de algo pela primeira vez, bem como com uma ideia de ajuste de contas e da agressividade ou passividade relativamente à família.

Que é quase uma obsessão, por vezes, afirmou Inês Barahona.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e o de luz de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até 27 de março, com espetáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 de março, que é Dia Mundial do Teatro, é representada às 21:00.



0 comentários

Ordenar por **Os mais antigos**

Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

**Portugal**

Casados vão poder renunciar à herança a favor dos filhos

**Portugal**

Diga adeus ao sol. Próximos dias serão de chuva e vento

**Mundo**

O brasileiro que conhece Anjo da Morte: "Não digo dele nem que me peçam"

Mais Notícias



Portugal Euromilhões. Os 174 milhões de euros são divididos por dois



Mundo Condenado pelo homicídio da família foi salvo a 40 minutos da execução



Desporto O salto proibido na patinagem que ninguém se atreve a fazer há 20 anos



Artes Morreu a atriz Emma Chambers, a irmã de Hugh Grant em Notting Hill

HOME AGENDA PATRIMÓNIO NOTÍCIAS ROTEIROS PUBLICAÇÕES BLOGUE JOGOS PROMOTORES



"E de Cultura como instrumento para a felicidade, como arma para o civismo, como via para o entendimento dos povos que vos quero falar"

Helena Vaz da Silva [LER BIOGRAFIA](#)

Pesquisar...

Contacte-nos

Newsletter

COLÓQUIOS, CONFERÊNCIAS E DEBATES

Será que a adolescência é apenas tempo de rock and roll?

Palestra *A que parentes pertences?* é a parte inicial de um projeto que culminará na criação de um musical sobre o período pós-infância.



A adolescência é tempo de *rock and roll*. Mas também de *pop*, *jazz*, *rap*, *reggae*, *electro* ou

10 FEV
| 15H00



AGENDA ESCOLHER UM D



LITERATURA

A Voz dos Poetas

BIBLIOTECA DA IMPRENSA NACIONAL
5 FEV | 18H30



COLÓQUIOS,
CONFERÊNCIAS E
DEBATES

Encontros Imaginários

TEATRO CINEARTE | A BARRACA
5 FEV | 21H30

ANIMAÇÃO CULTURAL

fusion. Que é o mesmo que dizer que há tantos (ou mais) tipos de adolescentes como há de géneros e subgéneros musicais. A pensar neste universo tão vasto, Inês Barahona e Miguel Fragata criaram o projeto *Montanha-Russa* que pretende dar voz aos jovens que se encontram no “limbo” entre a infância e a idade adulta. A primeira parte desta iniciativa é uma palestra e está agendada já para dia 10 de fevereiro, às 15h00, no Salão Nobre do Teatro Nacional São João (TNSJ), no Porto.

A que parentes pertences? é uma palestra que se faz de um painel de adolescentes e de um especialista nesta área, um painel no qual nenhuma das partes conhece previamente o teor da apresentação da outra parte. No centro do colóquio estará a relação com a(s) família(s), a autonomia, a revolta e a passividade. No final do encontro, que conta com a participação da Escola Secundária Filipa de Vilhena, promover-se-á um debate aberto a todos. A entrada na iniciativa é gratuita, mediante inscrição prévia que pode ser feita através de relacoespublicas@tnsj.pt.

Esta palestra culminará na criação de um musical com Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo – o compositor e a vocalista dos Clã, banda que tem estado presente na programação do TNSJ, nomeadamente com a peça de sucesso *Fã*. *Montanha-Russa* é um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do “teatro musical”, como quem desafia as leis da gravidade num *loop*. O musical “mergulha” vertiginosamente na adolescência, retirando-a da esfera dos lugares-comuns e procurando aproximá-la da dimensão da intimidade. *Montanha-Russa* estreiar-se-á em março no Teatro Nacional D. Maria II e será apresentado de 31 de maio a 10 de junho, no TNSJ.

Teatro Nacional

São João

Praça da Batalha,
4000-102 Porto

Preço

Entrada livre



Ritmo e humor
como só STOMP
consegue!

TEATRO TIVOLI BBVA
6 FEV a 25 FEV

VER MAIS EVENTOS



Visitas

32,883,156

Partilhar 0

Tweet



Foto: Filipe Ferreira/divulgação

ENTREVISTA A MIGUEL FRAGATA: “JÁ NÃO SOMOS ESSAS PESSOAS, A ADOLESCÊNCIA JÁ ACONTECEU HÁ MUITO TEMPO”

[CATARINA MARQUES DA SILVA](https://espalhafactos.com/author/acsilva/) (HTTPS://ESPALHAFACTOS.COM/AUTHOR/ACSILVA/), ✕ 8 MARÇO, 2018

[ENTREVISTA](https://espalhafactos.com/seccao/palcos/entrevista-palcos-2/) (HTTPS://ESPALHAFACTOS.COM/SECCAO/PALCOS/ENTREVISTA-PALCOS-2/), [PALCOS & LETRAS](https://espalhafactos.com/seccao/palcos/) (HTTPS://ESPALHAFACTOS.COM/SECCAO/PALCOS/),

[TEATRO](https://espalhafactos.com/seccao/palcos/teatro/) (HTTPS://ESPALHAFACTOS.COM/SECCAO/PALCOS/TEATRO/),

0 [COMENTÁRIOS](https://espalhafactos.com/2018/03/08/montanha-russa-miguel-fragata/#respond) (HTTPS://ESPALHAFACTOS.COM/2018/03/08/MONTANHA-RUSSA-MIGUEL-FRAGATA/#RESPOND), 15 VISITAS

O **Teatro Nacional D. Maria II** recebe, entre 9 e 27 de março, o espetáculo musical *Montanha-Russa* (<http://www.tndm.pt/pt/calendario/montanha-russa/>), com encenação de **Miguel Fragata** e **Inês Barahona**.

O *Espalha-Factos* esteve à conversa com Miguel Fragata, que levantou um pouco do véu sobre o que vamos poder ver em palco, nesta peça que junta **Manuela Azevedo** e **Hélder Gonçalves** (dos *Clã*) a um grupo de atores, sob “supervisão” de um grupo de adolescentes.

Os materiais extraídos do rico universo adolescente deram origem a este musical e a um documentário (<http://www.tndm.pt/pt/calendario/documentario-cancao-a-meio/>), sobre o processo de construção do próprio espetáculo, que vai poder ser visto também no Teatro Nacional D. Maria II nos dias 11, 25 e 27 de março.

Montanha-Russa, como nos diz Miguel Fragata, não é um musical convencional ou apenas um espetáculo de teatro, mas sim um projecto com várias vertentes que tem vindo a ser desenvolvido, já há mais de um ano, em Lisboa e no Porto. Ao longo de quase duas horas vamos poder ouvir doze canções, interpretadas por atores e músicos e, talvez, voltar a esse lugar turbulento por onde já passámos.



Foto: Filipe Ferreira/divulgação

***Espalha-Factos (EF):* Porquê um espetáculo sobre os adolescentes? É um espetáculo para adolescentes?**

Miguel Fragata (MF): É um espetáculo para todo o público, mas que inclui nesse “bolo” os adolescentes. Nós gostamos muito de trabalhar sobre temas estruturantes, (...) com assuntos delicados, de difícil diálogo, espetáculos que possam abrir esse espaço, ou assuntos que tenham a ver com uma fase, com uma forma de estar. No fundo temas que nos permitam pensar sobre a forma como nos situamos e nos relacionamos uns com os outros. Em 2015 tínhamos feito um espetáculo que se chamava *The Wall*, que era um espetáculo sobre o confronto entre a idade adulta e a infância. Esse espetáculo tinha um dispositivo muito particular, porque havia um muro que dividia o palco ao meio e havia duas bancadas, uma só com adultos e outra só com crianças. E nesse espetáculo nós percebemos que os adolescentes

não tinham lugar, porque tínhamos espartilhado a coisa dessa maneira. E aconteceu-nos ter adolescentes que vieram assistir aos espetáculos e nós optámos por deixá-los escolher de que lado queriam ficar. Foi interessante, porque normalmente havia um padrão: quando vinham acompanhados pelos pais ou por adultos preferiam ficar do lado das crianças, embora depois não se revissem completamente no espetáculo desse lado porque estava muito direcionado para crianças; quando vinham com irmãos mais novos, ou num contexto de grupo, queriam sempre ficar do lado dos adultos. Isso fez-nos ter o desejo de, a seguir, pensar a adolescência, essa fatia que tínhamos deixado de fora. E aconteceu uma coincidência feliz, porque eu comecei a imaginar um espetáculo que pudesse partir da música, porque achava que essa tinha um papel muito importante na vida dos adolescentes...

EF: Porquê um musical?

MF: Por isso mesmo, porque a música é o eco de muitas questões para os adolescentes. É o eco da alegria deles, das angústias, das dúvidas... a música torna mais extremas as emoções, a música, quando são canções com letra, tem muitas vezes o poder de nos dar a sensação de estar a dizer exatamente aquilo que nós queremos dizer, o que estamos a pensar ou o que sentimos. E na adolescência, mais do que noutra fase, a música tem realmente esse papel muito importante. Essa era uma premissa, ser um musical. Muito desconstruído... no fundo não corresponde aos cânones dos musicais. Imediatamente, quando surgiu essa ideia, surgiu também a ideia de trabalharmos com os **Clã**, porque é um estilo de música e um tipo de criações sonoras que achámos que tinham a ironia suficiente e um olhar mais desconstruído, mais cínico, sobre uma série de assuntos, e isso era uma coisa que me interessava bastante. E, por outro lado, também era uma banda que fez parte da minha própria adolescência e achei que isso era um fator interessante. Desafiámos o **Hélder Gonçalves** (que é o compositor) a trabalhar connosco e tentámos perceber de que forma é que ele poderia entrar no espetáculo e de que forma é que a **Manuela Azevedo** também poderia juntar-se ao elenco. Eles aceitaram a proposta e convidaram outros dois músicos – o **Miguel Ferreira** e o **Nuno Rafael** – e compôs-se assim uma nova banda para o espetáculo.

“(...)trabalhar sobre diários, essa ideia de intimidade que quer ter um palco para existir.”

EF: Onde foram buscar a matéria-prima para o espetáculo?

MF: Ao mesmo tempo que havia este desejo de trabalhar a música, havia o desejo de trabalhar sobre registos íntimos de adolescentes. De trabalhar sobre diários, sobre essa ideia de intimidade que quer ter um palco para existir. E quando começámos a apontar estes caminhos para este espetáculo, surgiu um convite por parte do **Tiago Rodrigues**, diretor do Teatro Nacional [D. Maria II], que nos disse que gostava muito que pensássemos num espetáculo para a Sala Garrett que pudesse, de alguma maneira, incluir os

adolescentes, esse público sempre muito difícil e muito renegado dos teatros. E foi assim que surgiu este projeto. Depois, trabalhamos ao longo de um ano e meio com adolescentes, porque enquanto adultos achamos que só podíamos fazer um espetáculo sobre este tema se realmente nos aproximássemos deles. Se fosse para fazer uma coisa sobre a nossa ideia de adolescência seria uma série de clichés e de ideias feitas... porque já não estamos nesse lugar, já não somos essas pessoas, a adolescência já aconteceu há muito tempo. Por isso, era mesmo importante esse contacto com a realidade, com os verdadeiros especialistas na adolescência.



Foto: Filipe Ferreira/divulgação

EF: Como foi feito esse contacto?

MF: Fizemos um processo muito extenso, que passou inicialmente por uma recolha de diários, através de uma *open call* a nível nacional. Recebemos uma série de diários de adolescentes de várias gerações, sobretudo de pessoas que já foram adolescentes há algum tempo, recebemos coleções dos anos 70, 80 e 90, diários do início do milénio. E recebemos algumas coisas mais recentes, de pessoas que viveram a adolescência há cinco ou há dez anos, e que já escreveram em formatos muito diferentes, em *blogs*, num formato mais aberto e de menos secretismo, já numa perspetiva de dar a conhecer a sua história e o seu mundo.

Depois, fizemos uma coisa a que chamámos *Confessionários de hora marcada*, que eram encontros individuais aqui no teatro, em que convidávamos um adolescente de cada vez para vir a uma sala pequena, e lá dentro havia um espelho e pedíamos para se sentarem em frente ao espelho. Havia uma pessoa com uma câmara de filmar – a realizadora **Maria Remédio**, que acompanhou este processo todo e fez um documentário – que filmava enquanto nós lançávamos perguntas que tinham a ver com a condição de adolescente. Perguntas como: que palavra usarias para descrever a adolescência? Qual é o filme da tua vida? Se a tua vida fosse uma banda sonora, qual seria o disco? Onde é que imaginas que vais estar daqui a vinte anos? Qual é a pior coisa do teu dia e qual é a melhor? E daí resultou um material muito interessante e muito diverso.



Carta de Patrão Local - Curso com 100% de Aprovações ▶ ×

Anúncio Alcantara Mar. Poupe 131€ nesta Campanha. Peça Já mais Informações.

cursos.treinodemar.com

Saber mais

EF: Mas não era exatamente uma conversa, os jovens respondiam em frente ao espelho... como se estivessem a responder a si próprios?

MF: Sim, e era muito impactante porque de repente propunha uma relação com a sua própria imagem, o que não é uma coisa muito evidente quando se tem 13, 14 ou 19 anos. E, ao mesmo tempo, obrigava a um exercício de reflexão interior muito profundo, apesar de serem sessões muito curtas, de cinco minutos. A seguir fizemos uma coisa a que chamámos *Mini-provocações portáteis*, que foram pequenos espetáculos, de quinze minutos, que levámos às escolas secundárias e que aconteciam precisamente como uma provocação. Os atores entravam pela sala de aula, sem aviso, e começavam um espetáculo. Esses espetáculos tinham a ver com temas específicos. Havia um sobre sexo, sobre relações, e havia outro sobre uma ideia de experimentar algo pela primeira vez, de viver experiências novas, e de se confrontar com o erro, com a possibilidade de falhar – que se chamava *Uma oportunidade para errar*. E havia ainda um terceiro, que não chegámos a materializar, sobre a ideia de pertença, de grupos, de organização social e familiar. Essas provocações aconteciam nas escolas e a seguir ao espetáculo havia uma conversa longa com o grupo que tinha assistido, e lançávamos uns questionários que eles preenchiam sem se identificarem.

Vai trocar de carro? Informe-se primeiro!

Descubra o Preço Justo KBB antes de vender o seu veículo.

[VER PREÇO](#)



Depois fizemos aqui no teatro cursos centrados na ideia de diário. Desafiámos artistas de áreas diferentes para virem ao longo de dois dias, com um grupo de adolescentes, pensar sobre a ideia dos diários. Tivemos o **Afonso Cruz** a fazer um trabalho na perspectiva da escrita, a Maria Remédio – que faz o documentário – fez um curso de diários na perspetiva do vídeo, em que os miúdos eram desafiados a fazer registos do seu quotidiano através dos telemóveis e das câmaras portáteis, e um terceiro, orientado pela **Catarina Sobral** (ilustradora), sobre uma ideia de diário gráfico, onde se trabalhou muito a autoimagem e uma ideia de relação com a família.

EF: Como foram escolhidos esses adolescentes?

MF: No caso dos *Confessionários* eram “raptados” aqui no teatro, vinham assistir a espetáculos e nos íamos convocá-los e perguntar se queriam antes do espetáculo participar numa coisa muito rápida. Para as *Mini-Provocações* foram as escolas que se inscreveram. Tínhamos os professores como cúmplices e eram eles que escolhiam qual era o objeto teatral que queriam receber na escola e de que maneira é que iam fazer com que isso acontecesse sem os seus alunos desconfiarem. No caso dos cursos, eram cursos abertos, mediante inscrição. Houve um quarto curso centrado numa ideia já muito diferente, de composição musical e de escrita de letras, orientado pela **Capicua** e pelo **Pedro Geraldês** (dos *Linda Martini*). Foi muito interessante, porque eles trabalharam sobre essa ideia de composição com dois grupos diferentes, em duas sessões extensas, e chegou-se a resultados muito interessantes.

Finalmente, houve uma última atividade que consistiu num conjunto de palestras a que chamámos “Palestras: O que é que se passa comigo? (<http://www.tndm.pt/pt/calendario/palestras-o-que-e-que-se-passa-comigo/>)” em que desafiávamos um grupo de adolescentes a vir falar vinte minutos sobre um tema e convidávamos, ao mesmo tempo, um especialista nesse tema a vir fazer uma comunicação também de vinte minutos. E a palestra era o confronto entre estas duas visões: a visão dos especialistas e a visão dos especializados na adolescência.



Vai trocar de carro?
Informe-se primeiro!

Descubra o Preço Justo KBB antes de vender o seu veículo.

VER PREÇO

KELLEY BLUE BOOK OFFICIAL GUIDE

The image is a promotional banner for Kelley Blue Book. On the left, there is a man with a beard and short hair, wearing a plaid shirt, with his arms crossed. To his right is a graphic of a car wheel with a green and red segment. Below the wheel is the Kelley Blue Book logo, which is a blue circular seal with a gold border and the text 'KELLEY BLUE BOOK OFFICIAL GUIDE'. On the far right, there are small blue icons for a play button and a close button (X).

Foi com base neste material todo, de um ano e meio de pesquisa e de uma relação com mais de seiscentos adolescentes, que começámos a escrever o texto do espetáculo.

EF: Mas há um grupo mais pequeno de adolescentes a assistir agora aos ensaios...

MF: Ao longo do processo de ensaios convidámos um grupo a que chamámos *Petit Comité* que é um grupo de quinze adolescentes, de Lisboa e Porto, e a maioria deles são adolescentes que fomos repescar às atividades. Juntámo-los e convidámo-los a vir periodicamente assistir aos ensaios. No fundo são críticos, são uma espécie de espelho e dão-nos a entender como é que temos que afinar o espetáculo, e também nos ajudaram muito com a comunicação do espetáculo, foram presenças muito importantes em

termos de comunicação. Ajudaram-nos a perceber quais são os canais que utilizam, a quem é que temos que chegar se queremos convidar adolescentes a vir ver o espetáculo, quais são as redes que eles usam, que jornais é que leem (se leem), que rádios ouvem, que revistas compram...

Foto: Filipe Ferreira/divulgação

EF: Qual foi o processo de criação das músicas?

MF: Havia estes dois núcleos: o núcleo dos atores e o núcleo dos músicos. Eu e a Inês escrevemos o texto e as letras das canções e o Hélder compôs. As músicas foram criadas com base em todo o processo e nas descobertas que fizemos. Começámos a trabalhar em dezembro, juntámos a equipa toda e, entretanto, separámo-nos, os músicos estiveram a trabalhar no estúdio sobre o material das canções, estivemos nós (os atores) a trabalhar sobre matéria do espetáculo, de teatro, e depois começámos a cruzar tudo.

EF: Os atores também cantam? E os músicos estão em palco?

MF: Sim, está a banda em palco e há uma interação muito grande, há uma troca muito grande de presenças, há de facto uma integração muito importante da música no teatro, os dois lados que existiram em determinada fase do processo já não existem. Há um elenco que é composto por atores e músicos.

“Não é, de todo, um musical tradicional, mas também é um musical(...)”

EF: E é mesmo um musical? Ou é teatro com música? Embora sejam distinções discutíveis...

MF: Nós estamos sempre a questionar aquilo que são as convenções do teatro musical, ou seja, não é uma coisa *à la Broadway*, aliás brincamos muito com isso. É uma desconstrução, há uma série de coisas que estão assumidas, que estão à vista do público, há jogos que têm a ver precisamente com o teatro que às vezes impõe que a canção apareça, ou a música que se disputa com o teatro e há uma espécie de confronto... Não é, de todo, um musical tradicional, mas também é um musical porque existe música e a música tem um papel muito importante nas narrativas e na maneira como as várias histórias se vão cruzando. São quatro fios narrativos que têm um eixo comum que é dado pelas canções, como se as canções fossem a forma de tratar de uma forma mais profunda – às vezes mais exagerada, às vezes mais densa, outras vezes mais explosiva – cada um dos temas transversais das quatro histórias. Coisas como as primeiras vezes, coisas como a adolescência no sentido mais concreto, mais físico... há, por exemplo, uma canção sobre as alterações hormonais... a música tem esse papel estrutural no espetáculo.

Foto: Filipe Ferreira/divulgação

EF: Qual tem sido o *feedback* do *Petit Comité*?

MF: Tem sido muito importante porque nos tem ajudado a aferir muita coisa. E tem sido muito diverso porque têm acompanhado mesmo o processo de ensaios. Houve uma fase em que eles ouviram uma primeira leitura e em que se confrontaram com as ideias do texto e com as primeiras canções, numa fase em que ainda não tínhamos as canções todas. E foi muito interessante porque nós já tínhamos decidido que as canções que faltavam tinham que ser canções mais agressivas, mais *rockeiras*, mais extremas, e eles acusaram logo isso, que sentiam falta de guitarras elétricas, portanto foi ótimo sublinharem isso.

EF: Há um tipo de teatro para o público adolescente?

MF: Não sei. Interessa-me fazer um tipo de teatro que vá verdadeiramente àquilo que são as questões profundas e verdadeiras daquele que é o público-alvo. Propusemo-nos trabalhar sobre este tema e, portanto, interessa-nos ir mesmo à verdade deste tema, e ir procurar nos verdadeiros jogadores do tema essa verdade.

EF: Mas numa abordagem mais interventiva, ou educacional, ou social...?

MF: Educacional, não, de todo. Há mesmo uma recusa muito grande em fazer isso, porque não é o papel do teatro. Para isso existe a escola e existem os pais. O papel do teatro é fazer refletir, fazer pensar, é fazer olhar para um tema de uma perspetiva abrindo essa perspetiva. Não é dar receitas, mas permitir pensar sobre isso. Acho que é isso que fazemos neste espetáculo: pensar como e que nós, adultos, nos posicionamos relativamente à adolescência, como é que os adolescentes se posicionam, o que é que representa isso de estar nessa fase da vida, que decisões é preciso tomar, como é que nos definimos... O espetáculo é também sobre isso, sobre essa ideia de definição que na adolescência fica muito premente, parece muito vincada e muito urgente.



pelo asteroide B612, pelo planeta do rei ou pelo mundo do geógrafo.

Preço: 12€ a 22€

Obs.: No Dia Mundial do Teatro (27 mar.) a entrada é gratuita.

A partir 10 mar., sáb., dom.: 11.30h, 15.30h

+0  A partir de 5€

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Praça D. Pedro IV - Lisboa

213 250 800 | Metro: Rossio

www.teatro-dmaria.pt

MONTANHA RUSSA  GRÁTIS

Um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do teatro musical. "Montanha-Russa" mergulha vertiginosamente na adolescência, aproximando-a da dimensão da intimidade.

27 mar.: 21h

+12  MB 0€

TEATRO POLITEAMA

R. Portas de Sto. Antão, 109 - Lisboa

213 405 700 | Metro: Restauradores

ALADINO - O MUSICAL GENIAL

Filipe La Féria reabriu as portas

+3  MB 10€ a 15€



CONVERSAS DE CORPO

Ao longo de 45 minutos, acompanhe o encontro e as peripécias de dois *performers*, dois seres e a sua ressonância no tempo e no espaço. O chão é coberto por diferentes texturas e podia ser o chão da casa, do quarto, do parque, onde se brinca, corre, canta e sonha.

TEATRO DA TRINDADE— Lisboa

A partir 10 mar., sáb., dom.: 11.30h, 15.30h

ao público infanto-juvenil com uma história em que se voa num tapete mágico para as estrelas do sonho, da inteligência e da compreensão do mundo e das possibilidades infinitas do ser humano.

Sáb., dom., fer.: 15h

 TAMBÉM PARA ESCOLAS

+3  MB 10€ a 15€

OUSAR CRESCER

R. 25 de Novembro de 1975, 4A - Algés

214 104 198 | www.ousarcrescer.pt

MÚSICA PARA O PAI 

Para pais e bebés, o convite é para cantar, dançar e embalar melodias.

25 mar.: 9.30h-10.30h | 0-2

25 mar.: 11h-12h | 2-4

0-4  15€ a 20€



AGENDA

ESCOLHAS

Artes manuais

LISBOA
Maria Brinca à Sombra
ATELIÉ DE EXPRESSÃO PLÁSTICA
Playgroup destinado ao desenvolvimento criativo. 4 de março, 10h30. > 12 meses. 7,50 euros.

AVEIRO
Fábrica Ciência Viva
WORKSHOP DE ORIGAMIS
Construir origamis magnéticos para porta-chaves. 4 de março, 11h00. > 6 anos. Entrada grátis.

LEIRIA
Centro de Interpretação Ambiental de Leiria
A FLORESTA GANHA VIDA
Criar objetos com materiais recolhidos no bosque. 3 de março, 14h30. 5 aos 10 anos. Entrada gratuita. cia@cm-leiria.pt

CINEMA

LISBOA
Cinema São Jorge
FESTINHA 18'
Curtas de animação para crianças. 3 e 4 de março, 15h00. Primeiro dia, 3 a 7 anos, segundo, 8 a 12. 2/1 euros (adultos/crianças). festin-festival.com

MATOSINHOS
Mar Shopping
FITINHAS: DIA DE SURF 2
No primeiro sábado do mês, o centro comercial exhibe filmes para a família. 3 de março, 10h30. Gratuito. marshopping.com

LISBOA
Cinemas UCI - El Corte Inglés
OSKAR KIDS FILM FESTIVAL
Seleção de nove filmes de animação nomeados para os Óscares nos últimos anos. 3 e 4 de março. > 6 anos. 4,50 euros

SANTA MARIA DA FEIRA
Biblioteca Municipal
TAD E O SEGREDO DO REI MIDAS
Sessão de cinema para famílias sobre o pedreiro Tad e o rei que transformava tudo em ouro. 4 de março, 10h30. > 3 anos. Entrada gratuita

ALCOBAÇA
Cine-teatro de Alcobaca
ABELHA MAIA - OS JOGOS DO MEL
Maia terá de competir nos jogos com um grupo de insetos inadaptados. 4 de março, 11h00. > 3 anos. 5 euros.

LISBOA
Cinemateca Júnior
O MUNDO DO SILÊNCIO
Exibição de um dos primeiros filmes a usar imagens subaquáticas a cores. 2 de março, 14h30. 6 a 9 anos. Entrada gratuita. sci-doc.eu

ESPETÁCULOS

LISBOA
Teatro D. Maria II
MONTANHA-RUSSA
Espetáculo sobre a adolescência, musicado pelos Clã, que estão em palco. 9 de março, 19h00. > 12 anos. 5 euros

PORTO
Teatro Carlos Alberto
ÓSCAR
História sobre um rapaz e a sua imaginação, que transforma os habitantes do jardim. 7 de março, 10h00. 6 a 12 anos. 10 euros por criança. 223401956

FARO
Teatro Lethes
BELA ADORMECIDA, QUEM A SALVA?
Um espetáculo com duas histórias: A Bela Adormecida e Pinóquio. 6 de março, 10h30 e 14h30. 20 euros

ATIVIDADES

PORTO
Fundação Serralves
PEQUENO-ALMOÇO NA ÁRVORE
Construir alimentadores ecológicos para as aves e saber onde os colocar. 4 de março, 10h00. Gratuito. serralves.pt

SÃO JOÃO DA MADEIRA
Museu da Chapelaria
PROGRAMA FAMÍLIAS: MULHERES DE CORAGEM
Visita ao museu a propósito do Dia Internacional da Mulher. 3 de março, 11h00 e 15h00. 8 e os 14 anos. Entrada livre. museudachapelaria.pt



FILIPE FERREIRA

MONTANHA-RUSSA

De Inês Barahona e Miguel Fragata

Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, até dia 27.

Em digressão entre 21 de abril e 1 de julho

A ideia inicial, de Inês Barahona e Miguel Fragata, começou com uma espécie de *call for papers*, um pedido para as pessoas entregarem e deixarem ler diários da adolescência. Foi há mais de um ano, e os escritos reunidos acabaram por dar origem a um “núcleo diarístico” que integra, basicamente, memórias que vão dos anos 70 até hoje — o que não quer dizer que não passem por esses testemunhos referências a épocas mais remotas, como a de alguém que escreve um diário basicamente sob a forma de carta para contar a história de um bisavô, que acaba por também ser a sua; os géneros, aqui e como sempre, são fluidos, permeáveis, lugares de metamorfose. As personagens têm idades que vão, sensivelmente, dos 50 anos aos 18, um pouco como os atores, Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria. Aqui há também uma flutuação entre ‘o palco e a vida’, tal como nos diários acaba por existir uma flutuação entre o que é contado e o que aconteceu de facto. Para o espetáculo, o trabalho partiu dos diários e transformou-os numa narrativa cénica, uma ficção em que algumas coisas são verdade; quais são essas coisas é o que, porventura, menos interessa. “Montanha-Russa” é uma metáfora e uma realidade; existe num parque de diversões, num tempo em que havia montanhas-russas nos parques de diversões; aparece em Berlim e aparece em Lima, no Peru; aparece como vestígio, como lugar de passagem, como ruína, e como ‘montanha’ que o Explorador Urbano, que não acredita em diários, só em blogues, e que tem 18 anos, se propõe escalar, uma noite, para sentir — o quê? “Sei lá”, responde contemporaneamente. “Montanha-Russa” é um espetáculo de música e canções com dramaturgia de Inês Barahona, encenação de Miguel Fragata e música original de Hélder Gonçalves, que integra também o espetáculo, com os músicos Manuela Azevedo, Miguel Ferreira e Nuno Rafael, além dos atores atrás referidos. / J.C.

Neste espetáculo, cresce-se em cena

Montanha Russa está em cena no Teatro Nacional D. Maria II, até 27 de março. Espetáculo criado por Inês Barahona e Miguel Fragata assume-se como um “mergulho na adolescência”, depois de uma fase de pesquisa que envolveu o contacto com cerca de 600 jovens.

POR FÁBIO RODRIGUES
FOTOS DE FILIPE FERREIRA

A mensagem está colocada na bilheteira e deixa um aviso (obrigatório por lei): “Neste espetáculo, fuma-se em cena e é utilizada luz estroboscópica”. Se os cigarros atrás do pavilhão e as luzes psicadélicas são ambientes que facilmente se ligam à vida adolescente, *Montanha Russa* procura mais do que a mera associação fácil, evitando o lugar comum, asseguram os seus criadores. “Sabíamos que seria necessário fazer pesquisa, para fugir do cliché e dar a conhecer a adolescência na primeira pessoa”, explica Miguel Fragata. Como tal, o processo de criação do

“[Quisemos] dar a conhecer a adolescência na primeira pessoa”, Miguel Fragata

espetáculo começou em setembro de 2016 e incluiu diferentes formas de contacto com adolescentes. Para além de visitas a escolas, foram realizadas entrevistas personalizadas e *workshops* de criação de diários ou de composição musical. No total, foram envolvidos cerca de 600 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos. A pesquisa não terminou, contudo, na adolescência do presente. A preparação incluiu também a recolha de 20 diários escritos durante esta fase da vida, independentemente da época a que pertencem. Uma das conclusões interessantes deste contributo, destaca Inês Barahona, foi a constatação de

que “as questões que se colocam são as mesmas, mesmo que o contexto se altere”. A necessidade de definição identitária, o confronto com pressões internas e externas, ou a procura de uma voz são alguns dos exemplos de sentimentos comuns que os criadores procuraram integrar no espetáculo.

Quando a adolescência sobe ao palco

São quatro relatos de adolescentes, separados no espaço e no tempo da ação, que conduzem o enredo de *Montanha Russa*. Um trajeto que leva o público a lugares muito variados – há, por exemplo, espaço para a felicidade das primeiras vezes, para o confronto com o próprio corpo, para a incansável busca de um sentido ou para as exigências de quem é obrigado



a crescer. Em comum, as histórias assentam na ideia de transformação. Um crescimento em palco que se sente no tom do espetáculo, salienta Miguel Fragata: “a estética do espetáculo foi construída no sentido de ser uma viagem – começa num ambiente mais infantil e progride para um tom mais pesado”.

Se a adolescência é uma viagem pessoal e irrepetível, com infinitas variações, poderemos encontrar algo de comum entre elas? Ainda que existam muitas adolescências – “tantas quanto as pessoas”, sublinha Inês Barahona – a pesquisa dos criadores mostrou que ela tem uma intensidade própria: “os adolescentes estão por inteiro nas coisas, não há nenhuma reserva ou compromisso a não ser consigo próprios”. “É por isso que é tão difícil. E tão bom”, acrescenta.

A música das emoções

No caminho entre estas quatro adolescências fragmentadas, a música assume o papel de elo de ligação. *Montanha Russa* define-se como “um espetáculo musical” e inclui vários momentos em que as melodias ocupam o centro do palco. Este conjunto de temas vai da musicalidade mais infantil de um piano tímido à guitarra que se distorce de revolta. Para esta alcançar esta plasticidade musical, *Montanha Russa* conta com a colaboração de Manuela Azevedo, Hélder Gonçalves e Miguel Ferreira, dos Clã, bem como de Nuno Rafael.

A componente musical foi mesmo “um ponto de partida” na conceção do espetáculo, assegura Miguel Fragata: “a música tem um papel muito grande na adolescência, ao ser um eco de emoções, sentimentos e estados de espírito”. A escolha da colaboração com os Clã, acrescenta, deve-se à forma como a banda corporiza “um pensamento leve, com ironia e um certo distanciamento” que é próximo da sensibilidade da adolescência. E esta, revela Inês Barahona, pode



Noite teen-friendly

No dia 23 de março, o grupo de adolescentes que integrou o comité de apoio à produção de *Montanha Russa* organiza uma festa no Átrio do Teatro Nacional D. Maria II. Sob o tema de "feira popular", a música e a dança estarão em destaque.

Montanha Russa pelo país

Em 2018, *Montanha Russa* vai percorrer o país: Portimão (21 de abril), Torres Novas (26 de abril), Vila Real (11 de maio), Sardoal (25 de maio), Porto (de 21 de maio a 10 de junho) e Funchal (30 e 1 de julho) são as datas confirmadas.

"[Pude perceber que] os nossos pais e avós sentiram coisas semelhantes ao que sentimos hoje em dia, só que noutra realidade".

Alice Rodrigues, 16 anos



ser uma sensibilidade algo distante dos palcos – vários estudos indicam o público adolescente como não sendo “o público habitual do teatro”. Ao se encontrarem “numa travessia entre o antes e o depois”, acrescenta, os adolescentes acabam por, muitas vezes, “não se identificar com o que está em cena”, por assistirem a produções que se dirigem a um público infantil ou adulto. Nesse sentido, *Montanha Russa* assume também o desafio e missão de cativar este público em particular.

O apoio do pequeno comité

No verão de 2017, Alice Rodrigues, de 16 anos, inscreveu-se num *workshop* de escrita e composição musical, a conselho da mãe. A formação realizava-se no Teatro Nacional D. Maria II, contava com a participação de Capicua e Pedro Geraldês (Linda Martini) e era promovida no âmbito da fase de pesquisa de *Montanha Russa*. Alguns meses mais tarde, Alice foi contactada pelos criadores do espetáculo. O objetivo era convidá-la a integrar um grupo de apoio à produção e criação. Este grupo – o *petit comité*, formado por 15 adolescentes – funcionou como “um diapasão” conta Inês Barahona, ao permitir, por exemplo, perceber quais

os momentos com que os adolescentes mais se identificam. “Permitiu afinar alguns detalhes, tendo em conta a sensibilidade do público adolescente”, reforça Miguel Fragata.

Agora que o espetáculo chega aos palcos, Alice Rodrigues confessa estar surpreendida: “não esperava que os nossos contributos, enquanto adolescentes, fossem tão bem aceites e tão levados a sério”. Muitas das considerações do grupo foram levadas



em conta, assegura, por exemplo, no que toca à representação de “temas mais polémicos”, como o suicídio, a perda da virgindade ou os primeiros cigarros, onde existiu a preocupação em garantir que “ninguém se sinta ofendido ou ridicularizado”. Para a estudante, a experiência foi “muito gratificante”, ao ter

a oportunidade de conhecer “o trabalho envolvido na construção de um espetáculo, como a fase intensa de pesquisa”. Compreender a profundidade dos temas foi outra das grandes mais-valias, explica, ao poder conhecer pontos em comum com adolescentes de outras épocas: “Os nossos pais e avós sentiram coisas semelhantes ao que sentimos hoje em dia, só que noutra realidade”.

“E agora?”

A adolescência pode ser “a terra de ninguém”, realçam os criadores. É-se demasiado velho para ser criança, é-se demasiado novo para ser adulto. Nesta travessia entre o antes e o depois, grande parte das tensões podem mesmo nascer da necessidade “de saber estar aqui e agora”, explica Inês Barahona, acrescentando: “é por isso que terminamos o espetáculo no presente”.

É no presente que a história termina, quando uma das personagens escala os obstáculos e se agarra às ambições para, num *live* simulado, relatar os seus sentimentos ao público: “Não sei como cheguei aqui. Não sei como isto continua... Não me interessa. Eu podia ficar aqui para o resto da vida. E agora?”.

“Os adolescentes estão por inteiro nas coisas, não há nenhuma reserva ou compromisso”, Inês Barahona



O Festival do Secundário está de volta e de regresso às origens

forumestudante

Revista Forum Estudante | Abril 2018 | Edição n.º 305 | Mensal | Diretor: Gonçalo Gil | Disponível apenas por assinatura com o custo mensal de 1€



 **POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

Tu consegues!

Cenas
Quando a
adolescência
sobe ao palco

Plogging
Limpar o corpo
e... o Mundo

Montanha Russa

Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II - Lisboa (<https://www.guiadacidade.pt/pt/concelho-lisboa-06-11>)

 [Fotos](#)

 [Mapa](#)

 [Street View](#)



09 MAR 2018 » 27 MAR 2018

https://www.guiadacidade.pt/assets/uploads/artigos/292000/capa_291256.jpg



Hello Lisbon Rossio Teatro Nacional...

[▶ ×](#)

93 € Reserva agora

[Booking.com](#)

Montanha Russa

09 Mar 2018 » 27 Mar 2018 (Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II)

Montanha-Russa, um musical sobre a adolescência, estreia a 9 de março na Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II. Uma criação da dupla Inês Barahona e Miguel Fragata, aos quais se juntam Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo (Clã).

Este é um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do "teatro musical", como quem desafia as leis da gravidade num *loop*. *Montanha-Russa* mergulha vertiginosamente na adolescência, retirando-a dos lugares-comuns e procurando aproximá-la da dimensão da intimidade. Uma dimensão secreta, privada, interior, mas que vive no desejo de ganhar um palco onde se possa exhibir. *Montanha-Russa* é o diário deixado em cima da mesa, o diário destilado nas redes sociais, ou o diário perigosamente transportado para o liceu: uma intimidade a gritar "leiam-me!", uma geração a querer fazer-se ouvir, ao som da música.



Motos @ Alegria Ride - A Partir De 28€ El Dia



Anúncio Visita Lisboa, Porto y sus rincones. Desde 28€ con todas las ventajas.

ar-rentascooter.com

Saber más

O espetáculo ficará em cena até ao dia 27 de março, dia Mundial do Teatro.

Após o espetáculo de 23 de março, decorre a noite: um grupo de consultores adolescentes transformará o átrio do D. Maria II num espaço onde não faltará muita música para dançar a verdadeira montanha-russa que é a adolescência. Inserido no projeto Montanha-Russa está também o documentário teen friendly Canção a meio, realizado por Maria Remédio, que documenta todo o processo de pesquisa levado a cabo por Inês Barahona e Miguel Fragata durante mais de um ano. Será apresentado no D. Maria II nos dias 11, 25 e 27 de março.

PUBLICADO 03/03/2018

TEATRO ([HTTPS://WWW.GUIADACIDADE.PT/PT/S/ART/TEATRO](https://www.guiadacidade.pt/pt/s/art/teatro)) TEATROS ([HTTPS://WWW.GUIADACIDADE.PT/PT/S/ART/TEATROS](https://www.guiadacidade.pt/pt/s/art/teatros))

Montanha Russa

09 Mar 2018 » 27 Mar 2018

Praça Dom Pedro IV(Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II)

📍 N 38° 42' 52,25" ,W 9° 8' 22,74" (<http://maps.google.com/?q=38.7145149,-9.1396492000000008>)

+ Lisboa (<https://www.guiadacidade.pt/pt/concelho-lisboa-06-11>)

📍 AQUI PERTO

>1.2 km

(<https://www.guiadacidade.pt/pt/r/jeronymo-conde-barao-1177751>)

Jeronymo (Conde Barão)

Lisboa (<https://www.guiadacidade.pt/pt/r/jeronymo-conde-barao-1177751>)

patrocinado

(<https://www.guiadacidade.pt/portugal/gcout.php?sid=11629&url=http%3A%2F%2Fwww.lisbonmarriott.com>)

Lisboa Marriott Hotel

Situado no coração financeiro de Lisboa, a 10 minutos do aeroporto e do centro da cidade (<https://www.guiadacidade.pt/portugal/gcout.php?sid=11629&url=http%3A%2F%2Fwww.lisbonmarriott.com>)

Transportes

ATUALIDADE



“Montanha-russa” ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

9 Mar 2018 | 8:22

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir “Montanha-russa”, que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Lisboa, 09 mar (Lusa) – Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir “Montanha-russa”, que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata – a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã – a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta “Quem sou eu?”, tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

“Montanha-russa” é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse “leiam-me”. Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, “Montanha-russa” retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai “do topo do mundo ao lugar mais profundo”, como diz a “Canção da primeira vez”, interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola”, diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por “confessionário”, foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um “pequeno comité”, composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite ‘teen-friendly’, a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á “Canção do meio”, e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16:30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, “Montanha-russa” tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, “Montanha-russa” vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 – Dia Mundial do Teatro – será representada às 21:00.

CP // MAG

By Impala News / Lusa



Em 2013, Bernardo Lobo Faria entrou, em simultâneo, nos cursos de Teatro e Medicina, em Lisboa. Uma estratégia para não se

Ator madeirense integra elen

TALENTO

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Com 'Montanha-Russa', uma criação de Miguel Fragata e Inês Barahona, Bernardo Lobo Faria pisa, pela primeira vez, o palco do D. Maria II. O espetáculo, com estreia marcada para esta sexta-feira, às 21h00, é uma travessia pelos desassossegos da adolescência. No próximo verão, a adrenalina também vai chegar à Madeira. Para experimentar a 30 de junho e 1 de julho, no Teatro Municipal Baltazar Dias.

Bernardo Lobo Faria e Carla Galvão durante os ensaios de Montanha-Russa, no Teatro D. Maria II.



FOTOS: FILIPE FERREIRA

Quis ser "veterinário primeiro, astronauta depois. A medicina alcançou o pódio, mas o teatro fez um 'sprint' na reta final e empatou", conta ao JM o jovem ator madeirense Bernardo Lobo Faria, a poucos dias de pisar o palco do Teatro Nacional, integrando o elenco de 'Montanha-Russa', um espetáculo sobre os desassossegos da adolescência, em diferentes épocas, criado por Miguel Fragata e Inês Barahona, a partir de um intenso trabalho de pesquisa. Com música original de Hélder Gonçalves, nas vozes de Manuela Azevedo, Miguel Ferreira e Nuno Rafael, a narrativa, na qual o ator madeirense, natural da Ponta do Sol, contracenava com Anabela Almeida, Carla Galvão e Miguel Fragata, corre ao som das notas musicais, mas não é, em rigor, um musical, uma vez que foge às "convenções" do comumente designado 'teatro musical', "como quem desafia as leis da gravidade num 'loop'", lê-se na sinopse. As personagens não têm nome e acabam por ser, todas elas, protagonistas.

"'Montanha-Russa' é o diário deixado em cima da mesa, o diário destilado nas redes sociais, ou o diário perigosamente transportado para o liceu: uma intimidade a gritar 'leiam-me!', uma geração a querer fazer-se ouvir, ao som da música", descrevem Miguel Fragata e Inês Barahona.

ATOR E MÉDICO: "UM GRITO DE CADA VEZ"

"Está mesmo a acontecer!". Bernardo está feliz por, em breve, irromper na Sala Garrett [que ator não estaria?]. Na verdade, o 'acontecimento' teve o seu prelúdio em 2013, quando o jovem rumou a Lisboa para ingressar, simultaneamente, em dois cursos superiores: Medicina (Universidade Nova) e Teatro (Escola Superior de Teatro e Cinema). Irreverência? Coragem? A maioria não tem dúvidas disso, mas Bernardo pede menos 'drama' e prefere chamá-lo "solução". Diz que foi a forma que encontrou de dar a volta ao texto e, assim, não ter de adiar, ou porventura esquecer, um dos sonhos. "Entrei em ambos os cursos porque não queria ter de de-



É com esta frase que o espetáculo termina: "Eu podia ficar aqui para o resto da vida, se o tempo ficasse suspenso. Só me interessa o presente, a verdade de estar aqui e agora." Nesse momento, em que essas palavras são ditas, eu questiono-me se estão a ser ditas pela personagem ou por mim..."

cidir, afinal tinha só 17 anos, sabia que era cedo demais para ter de me obrigar a tomar uma decisão. E sei que acabaria por me acomodar a qualquer das opções que tivesse tomado. Só a essa. As pessoas acham que eu fiz algo raro e irreverente, mas, na verdade, foi apenas uma solução que encontrei para não ceder a regras, com as quais não concordo, e que poderiam pôr em causa o meu futuro".

Decidiu amar os dois e não se arrepende, pois acredita que, agora, já não poderá desistir de nenhuma destas paixões. Achou, na altura, e continua a achar, que não fez nada do outro mundo, mas, diante de tal determinação, facilmente nos colocamos do lado da maioria impressionada.

A licenciatura em Teatro está concluída e finalizar o curso de Medicina é a próxima meta. No entanto, para já, e do alto dos seus 22 anos, empresta a vida toda a 'Montanha-Russa', cuja estreia está marcada para a próxima sexta-feira, 9 de março, às 21h00.

As personagens não têm nome



esquecer de nenhum dos sonhos

co do Teatro Nacional

e acabam por ser, todas elas, protagonistas, num território que não poderia ser mais familiar a Bernardo. Na personagem que encarna vê um espelho de si próprio: "Aquele rapaz de 18 anos podia ser eu. Ele não quer ficar parado, está numa busca constante pela resposta à pergunta 'Quem sou eu?' Tem um blogue e, em 'live-cast', partilha o seu crescimento com o mundo. É a única personagem, no espetáculo, que é interpretada por alguém com uma idade próxima da sua, e é, por isso, a mais real, na medida em que, enquanto os outros contam histórias, ele vive-as, os outros relembram, ele sente, os outros olham para trás e ele quer sentir a verdade de estar aqui e agora. É com esta frase que o espetáculo termina: "Eu podia ficar aqui para o resto da vida, se o tempo ficasse suspenso. Só me interessa o presente, a verdade de estar aqui e agora." Nesse momento, em que essas palavras são ditas, eu questiono-me se estão a ser ditas pela personagem ou por mim... A meu ver, as personagens são só diferentes versões de nós mesmos".

me de coragem, ou de ingenuidade, nem sei, e sem pensar na possibilidade da falta de preparação me levar a fazer péssima figura, acreditei que não seria a perfeição a cativá-los. Assumi que se fosse sem nada, só com aquilo que tenho todos os dias, sem artificios, sem máscaras, eles poderiam ver aquilo que procuravam. Fui e passei à segunda fase. Passei os dois dias seguintes a atualizar a caixa de entrada do e-mail [riso], até que recebo uma chamada do encenador e dramaturgo, Miguel Fragata. Ligarem-me era bom sinal, mas só após dois minutos de conversa, quando ouvi do outro lado da linha: "é por isso que queremos que integres este projeto", é que me deixei levar pela felicidade. Estava a acontecer!"

HORA DE ESCOLHER

Para 'andar' na Montanha-Russa, Bernardo teve de interromper as aulas na Faculdade de Medicina. O tempo e a entrega necessários eram incompatíveis com a exigência da rotina académica. Nada que não tivesse antevisto na altura



Às vezes, pensar 'demasiado grande' distancia-nos dos nossos objetivos, faz-nos perder a motivação. Um dia de cada vez, um degrau de cada vez, um grito de felicidade de cada vez. Não parar. E talvez, um dia, salve alguém..."

em que decidiu abraçar a arte e a ciência numa única leva. Desta feita, teve de escolher. "Não podia ter uma oportunidade destas e pôr em causa o meu desempenho por razões exteriores. Sempre mentalizei que não posso deixar que cada uma das minhas ocupações invada o espaço da outra e ponha em causa a qualidade. Normalmente, a organização é suficiente para que isso não aconteça, mas quando essa invasão é necessária, pondero a qual delas me quero dedicar nesse momento, e faço uma pausa na outra. Apesar de tudo, ainda consegui passar alguns exames deste semestre, e talvez não reprove este ano".

Pelo tom firme, e até pelo discurso apaziguado, percebe-se o quão empenhado está em ganhar, numa e noutra frente. O fôlego é sempre o mesmo, hoje no palco, amanhã, quem sabe, a salvar uma vida. A arte e a ciência não serão ambas duas frentes de um único ato de salvação? "Gosto dessa ideia, mas nunca pensei que podia ser capaz de salvar alguém, ou de mudar o mundo. Se alguma vez o

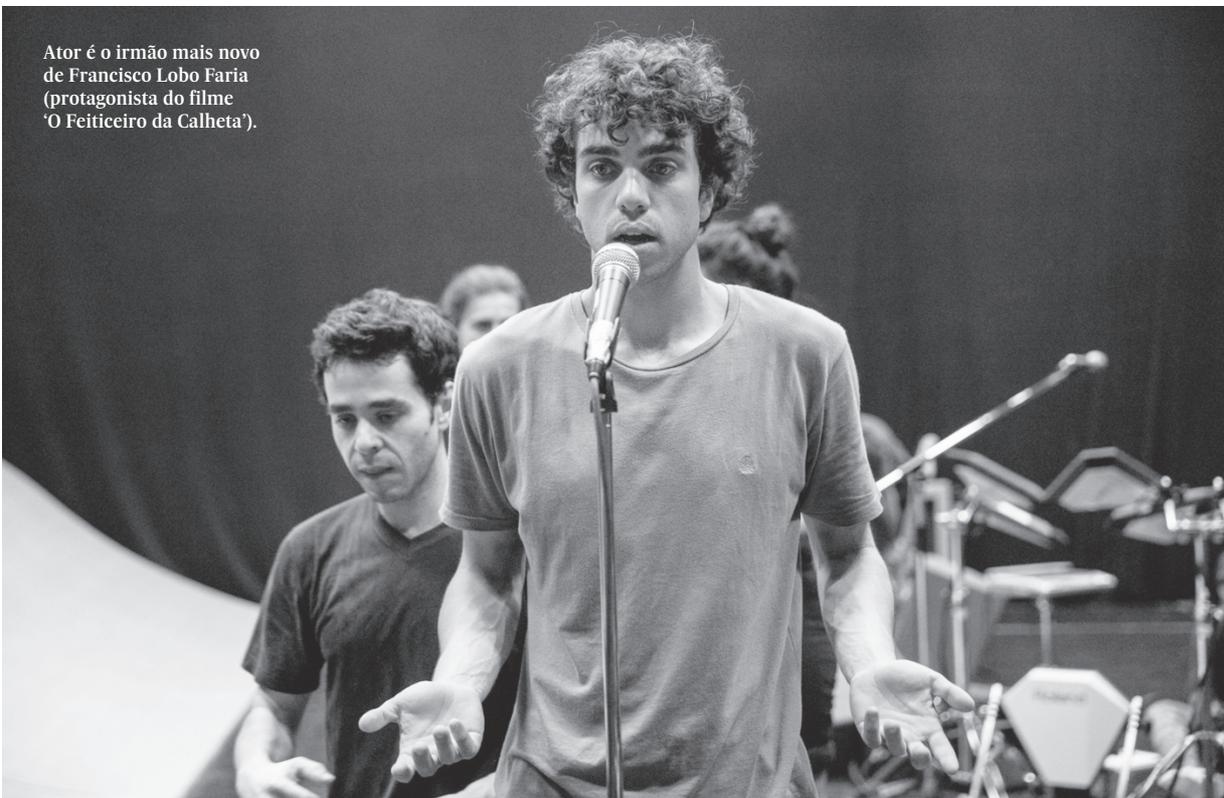
meu melhor for suficiente para tal, vou ficar realmente feliz, mas o meu objetivo é, todos os dias, enfrentar obstáculos pequenos e correr rumo a metas próximas. Às vezes, pensar 'demasiado grande' distancia-nos dos nossos objetivos, faz-nos perder a motivação. Um dia de cada vez, um degrau de cada vez, um grito de felicidade de cada vez. Não parar. E talvez, um dia, salve alguém..."

PEÇA CHEGA NO VERÃO AO FUNCHAL: "VAI SER BONITO VER OS MEUS NA PLATEIA"

Até lá, serão voltas e mais voltas nesta Montanha-Russa de argumentos, tormentos e emoções, que ficará em cena até 27 de março, e pisará, no verão, o palco do Teatro Baltazar Dias, nos dias 30 de junho e 1 de julho, ao abrigo da Rede Eunice. "Vai ser bonito ver os meus na plateia. Será a melhor forma de agradecer e de reconhecer o mérito de quem, desde o início, me ajudou e acreditou em mim. Sinto-me feliz por lhes dar a oportunidade de se sentirem orgulhosos e parte integrante de um projeto que, pelos vistos, deu certo". JM

A AUDIÇÃO... PREPARADA DE VÉSPERA

Bernardo explica, recordando, ainda com espanto e entusiasmo, como tudo aconteceu. "Durante este último ano, integrei o elenco de outros espetáculos mais modestos, e fiz também parte de dois elencos adicionais em novelas portuguesas. Trabalhos que me mantiveram motivado e com esperança, e nunca me deixaram baixar os braços. Mas, ao fim de um ano sem oportunidades para dar a conhecer o meu trabalho, no meio artístico que mais me suscitava interesse, achava que já tinha perdido esse comboio. Foi então que abriram as audições para o 'Montanha-Russa', foi das primeiras audições para teatro de que tive conhecimento. Não tinha nada a perder. Enviei o meu curriculum e algumas fotografias. Nada. Uma semana depois, fui verificar e tinha enviado tudo para o e-mail errado [riso]. Volto, então, a enviar, com um pedido de desculpas pelo atraso, já na antevéspera da audição, com ainda menos esperança. Respondem-me no dia seguinte, tinha sido aceite para a audição, na véspera! E tinha um monólogo para decorar, músicas para cantar e uma história para contar... Enchi-

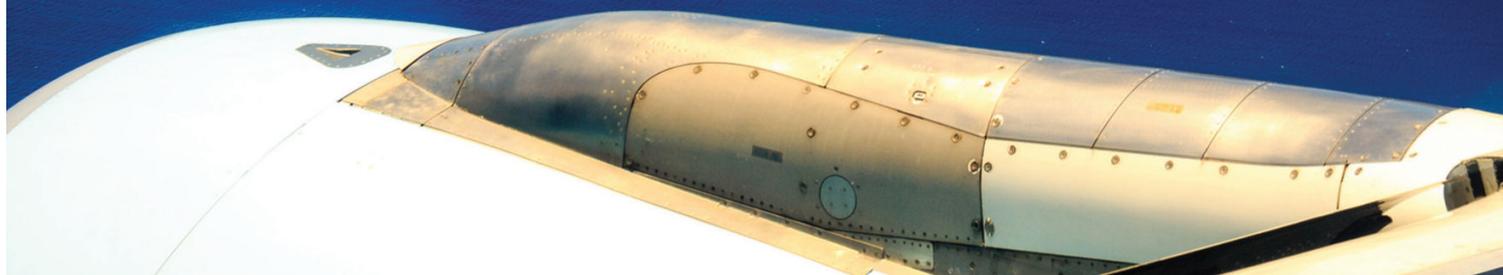


Ator é o irmão mais novo de Francisco Lobo Faria (protagonista do filme 'O Feiticeiro da Calheta').



ESTUDANTES CARENCIADOS SEM PRIORIDADE NO CHARTER

Os bilhetes do voo charter para a Páscoa esgotaram antes do dia agendado para a venda oficial, porque os agentes de viagem protegeram os seus clientes habituais. Alguns pais criticam a falta de critérios do processo e sugerem a intervenção da Direção Geral do Ensino Superior. Pedro Calado remete a responsabilidade para as agências e avança que está já a tentar negociar mais um charter. *págs. 4 e 5*



**GANHE UM
AUTOMÓVEL**

Saiba mais na pág. 11



**UE apoia obra de
13,5 milhões de euros**
pág. 3

**Pérola Wine Fest
regressa em 2019** *págs. 18 e 19*

**Madeirense integra
elenco do Teatro
Nacional D. Maria II**

Bernardo Lobo Farinha protagoniza
peça 'Montanha-Russa' que estreia
no dia 9. *págs. 24 e 25*

**Sistema de incentivos
aprova 95 milhões de
euros em projetos** *pág. 16*

**GR 'fecha' restaurante
no Pico do Arieiro** *pág. 10*

Autarquias, APRAM e Frente Mar contabilizam estragos até 6.ª feira *pág. 11*



CANDI
DATU
RAS



Saiba mais

Nacional

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II



PUB

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves, Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tao cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

"Montanha-russa" é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse "leiam-me". Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Secções

todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á "Canção do meio", e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16:30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 - Dia Mundial do Teatro - será representada às 21:00.

Lusa

Hoje às 06:05, atualizado às 06:09

Partilhe no Facebook

Comentários

0 comentários

Ordenar por



Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

DESTAQUES

Investigação

PI procura mais duas toupeiras do Benfica

Última Hora

Morreu o emigrante português que os bombeiros foram buscar à Bélgica

Espanha

Polícia da Catalunha investiga morte de português atropelado pelo próprio carro

OUTRAS NOTÍCIAS

Ao minuto

Advogada de Pedro Dias deverá recorrer da sentença de 25 anos

Mundo

Menor portuguesa foge para a Austrália por causa de rapaz que conheceu na Net

Justiça

Suspeitos do "E-Toupeira" usaram credenciais de magistrada para obter informação

Vídeos

► Vídeo: Pequeno-almoço saudável por um euro para duas pessoas

Nacional

Proteção Civil alerta para gelo, cheias, inundações e queda de árvores até domingo

Justiça

Pedro Dias condenado à pena máxima, advogada deve recorrer

'Montanha-russa' na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.



© Lusa



16:00 - 09/03/18 POR LUSA
CULTURA TEATRO

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tão cara a todos os adolescentes.

PUB



Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

'Montanha-russa' é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse "leiam-me". Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, 'Montanha-russa' retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á 'Canção do meio', e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16h30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, 'Montanha-russa' tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, 'Montanha-russa' vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19h00, de quinta a sábado, às 21h00, e, aos domingos, às 16h00.

No dia 27 - Dia Mundial do Teatro - será representada às 21h00.

Seja sempre o primeiro a saber.

Acompanhe o site eleito pelo segundo ano consecutivo Escolha do Consumidor.

Descarregue a nossa App gratuita.



https://itunes.apple.com/app/apple-store/id1217833451?pt=117819624&ct=nmpt_inarticle&mt=8



[https://play.google.com/store/apps/details?](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.noticiasaoiminuto.pt&referrer=utm_source%3Dsite%26utm_medium%3Dinarticle%26anid%3Dadmob)

[id=com.noticiasaoiminuto.pt&referrer=utm_source%3Dsite%26utm_medium%3Dinarticle%26anid%3Dadmob](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.noticiasaoiminuto.pt&referrer=utm_source%3Dsite%26utm_medium%3Dinarticle%26anid%3Dadmob)

0
Gosto

PARTILHE ESTA NOTÍCIA

DESTAQUES

FINALIZADO

Sporting 2
Viktoria Plzen 0

FINALIZADO

Milan 0
Arsenal 2

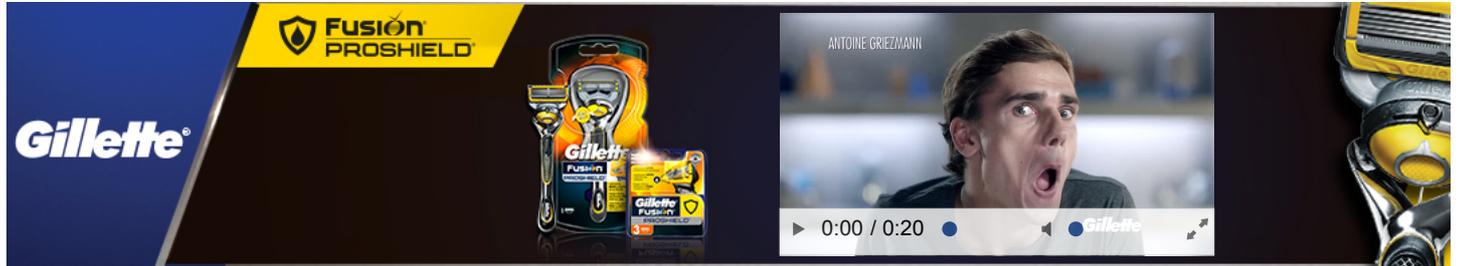
FINALIZADO

Manchester C... 1
Basileia 2

FINALIZADO

Tottenham 1
Juventus 2

INÍCIO FUTEBOL MODALIDADES OPINIÃO CLASSIFICAÇÕES Menu



Início / Extra / Lusa

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

PARTILHAR
NO FACEBOOK

Lusa

09 Março 2018 às 06:05

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

"Montanha-russa" é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse "leiam-me". Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á "Canção do meio", e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16:30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 - Dia Mundial do Teatro - será representada às 21:00.

PARTILHAR
NO FACEBOOK

COMENTÁRIOS

0 comentários

Ordenar por



Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

PUB

OUTRAS NOTÍCIAS



"Era capitão de equipa e telefonavam-me para saber se ia escolher campo ou bola"



► Vídeo: Adeptos do FC Porto invadem Liverpool e ingleses não ficam indiferentes



► Vídeo: Cortejo dos a até contagiou um poli



Autópsia esclarece causa da morte de Davide Astori



Equipa B do Sporting deixa a II Liga



► Vídeo: A incrível des adeptos portistas em

TEATRO

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

HÁ UMA HORA  

Um mergulho vertiginoso na adolescência, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.



NUNO FOX/LUSA

Autor

 **Agência Lusa**

Mais sobre

ESTREIA LISBOA TEATRO CULTURA PAÍS

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir “Montanha-russa”, que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

a autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata – a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã – a peça tem como eixo as tentativas de sporta à pergunta “Quem sou eu?”, tão cara a todos os adolescentes.



Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

“Montanha-russa” é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse “leiam-me”. Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, “Montanha-russa” retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se

vai “do topo do mundo ao lugar mais profundo”, como diz a “Canção da primeira vez”, interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola”, diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por “confessionário”, foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um “pequeno comité”, composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite ‘teen-friendly’, a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á “Canção do meio”, e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16h30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, “Montanha-russa” tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria. A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, “Montanha-russa” vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19h00, de quinta a sábado, às 21h00, e, aos domingos, às 16h00. No dia 27 – Dia Mundial do Teatro – será representada às 21h00.

[pesquisar por palavra chave](#)

[INÍCIO](#) [NOTÍCIAS](#) [PROGRAMAS](#) [VÍDEOS](#) [GUIA](#) [FC](#) [LIVE](#) [...](#)
[TV](#) [PORTO](#)

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

09-03-2018 06:05 | País
Porto Canal com Lusa

Lisboa, 09 mar (Lusa) - Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

"Montanha-russa" é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse "leiam-me". Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á "Canção do meio", e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16:30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 - Dia Mundial do Teatro - será representada às 21:00.

CP // MAG

Lusa/fim

 [Twitter](#)  [Partilhar](#)  [Partilhar](#)  [Partilhar](#)  [Imprimir](#)



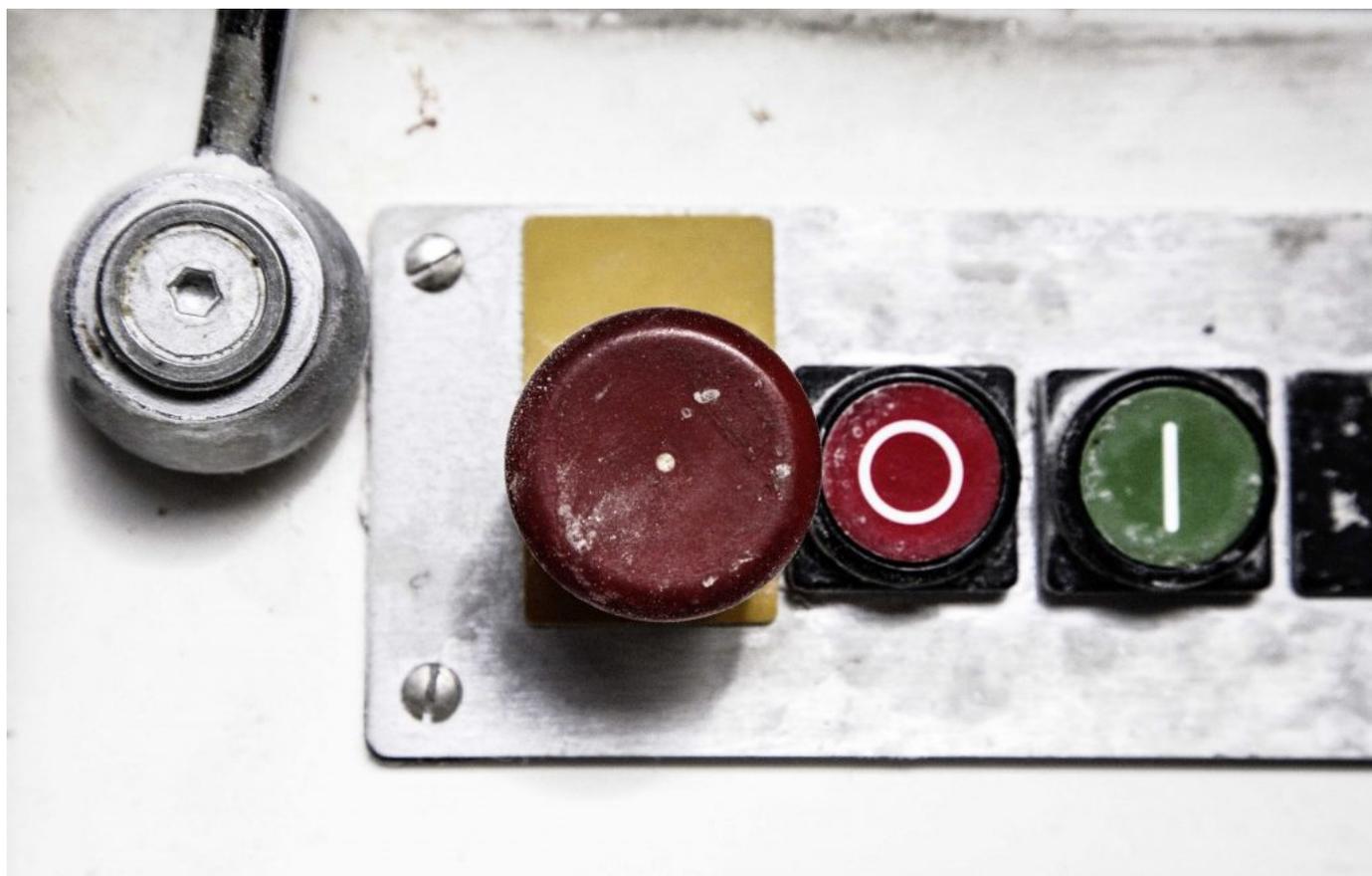
Pumpkin
Famílias Felizes



FAMÍLIA > AGENDA FAMÍLIA > MÚSICA, TEATRO E FILMES

Teatro: Montanha-Russa, com música ao vivo dos Clã

   0 Partilhas



Montanha-Russa, um musical sobre a adolescência, estreia a 9 de março na Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II.

QUANDO

Sex, 9 Mar 2018 até Ter, 27 Mar 2018

QUEM

12-15 anos, mais de 15 anos

ONDE

Teatro Dona Maria II, Praça Dom Pedro IV, Lisboa



Uma criação da dupla Inês Barahona e Miguel Fragata, aos quais se juntam Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo (Clã).

Este é um espetáculo que conta com música original, tocada ao vivo, dos Clã.

O teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do “teatro musical”, como quem desafia as leis da gravidade num loop. Montanha-Russa mergulha vertiginosamente na adolescência, retirando-a dos lugares-comuns e procurando aproximá-la da dimensão da intimidade.

Uma dimensão secreta, privada, interior, mas que vive no desejo de ganhar um palco onde se possa exibir.

Montanha-Russa é o diário deixado em cima da mesa, o diário destilado nas redes sociais, ou o diário perigosamente transportado para o liceu: uma intimidade a gritar “leiam-me!”, uma geração a querer fazer-se ouvir, ao som da música.

O espetáculo ficará em cena até ao dia 27 de março, Dia Mundial do Teatro.

Após o espetáculo de 23 de março, decorre a noite teen friendly: um grupo de consultores adolescentes transformará o átrio do D. Maria II num espaço onde não faltará muita música para dançar a verdadeira montanha-russa que é a adolescência.

Inserido no projeto Montanha-Russa está também o documentário “Canção a meio”, com realização de Maria Remédio, que documenta todo o processo de pesquisa levado a cabo por Inês Barahona e Miguel Fragata durante mais de um ano. Será apresentado no D. Maria II nos dias 11, 25 e 27 de março.

Após a sua carreira no D. Maria II, Montanha-Russa seguirá para digressão por várias salas do país:

- Teatro Municipal de Portimão (21 abr),
- Teatro Virgínia – Torres Vedras (26 abr),
- Teatro de Vila Real (11 mai)
- Centro Cultural Gil Vicente – Sardoal (25 mai)
- Teatro Nacional São João – Porto (21 mai – 10 jun)
- Teatro Municipal Baltazar Dias – Funchal (30 jun – 1 jul).

COMPRAR AGORA

Website  Facebook  Tel.: 213250965

Se encontrar alguma incorreção [contacte-nos](#) por favor.



0 Partilhas



Marta

Sou a Marta, a super-heroína dos eventos! Sempre que um evento estiver em apuros, a capa com unicórnios cai em mim e vou salvá-lo, para que, em segurança, chegue ao seu destino.



▶ OUVIR EMISSÃO

AGORA NO AR:

GONÇALO CÂMARA E INÉS ANDRADE
SELENA GOMEZ FT GUCCI MANE | FETISH

PARTILHA ESTA PÁGINA >

 (<http://twitter.com/home?status=http://cidade.iol.pt/noticias/77415/cla-na-peca-montanha-magica>)
  (<http://www.facebook.com/sharer.php?u=http://cidade.iol.pt/noticias/77415/cla-na-peca-montanha-magica>)

Clã na peça "Montanha Mágica"



📅 16 de março de 2018

Os Clã participam na peça de teatro sobre adolescência "Montanha Mágica". A notícia foi dada em comunicado enviado à imprensa.

O espetáculo pode ser visto no Teatro Dona Maria II, em Lisboa, até 27 de março, com música original - e tocada ao vivo - de Manuela Azevedo, Hélder Gonçalves e Miguel Ferreira, dos Clã, e Nuno Rafael.

A peça aborda o tema da adolescência. "O processo começou há mais de um ano, quando os autores do projeto pediram que as pessoas partilhassem os seus diários de adolescência. Assim, no espetáculo serão mostradas adolescências de várias gerações", lê-se no comunicado.

AUTOR

Caso tenha alguma correção ou comentário a fazer:



(/)



Home (/) / Notícias (/noticias) / Música

Clã na peça "Montanha Mágica"

Os portugueses vão estar até 27 de março a tocar ao vivo num contexto diferente.

 Partilhe PartilheREDAÇÃO AUTOR
ITC

16 de março de 2018 às 14:30

Clã na peça "Montanha Mágica"

Os Clã participam na peça de teatro sobre adolescência "Montanha Mágica". A notícia foi dada em comunicado enviado à imprensa.

O espetáculo pode ser visto no Teatro Dona Maria II, em Lisboa, até 27 de março, com música original - e tocada ao vivo - de Manuela Azevedo, Hélder Gonçalves e Miguel Ferreira, dos Clã, e Nuno Rafael.

A peça aborda o tema da adolescência. "O processo começou há mais de um ano, quando os autores do projeto pediram que as pessoas partilhassem os seus diários de adolescência. Assim, no espetáculo serão mostradas adolescências de várias gerações", lê-se no comunicado.

Partilhar  

Caso tenha algum comentário a fazer:



(<https://www.rtp.pt>) NOTÍCIAS ([//WWW.RTP.PT/NOTICIAS](http://WWW.RTP.PT/NOTICIAS))

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

Lusa

09 Mar, 2018, 08:16 | Cultura (<http://www.rtp.pt/noticias/cultura>)

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

"Montanha-russa" é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse "leiam-me". Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á "Canção do meio", e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16h30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19h00, de quinta a sábado, às 21h00, e, aos domingos, às 16h00.

No dia 27 - Dia Mundial do Teatro - será representada às 21h00.

- Notícias
- Análises
- Antevisões
- Entrevistas
- Eventos
- Board & Card Games
- Twitch [RDBGames]



"SELFIE", COM
MATEUS SOLANO E
MIGUEL THIRÉ



METAL GEAR
SURVIVE | ANÁLISE



BAYONETTA 1 E 2 |
NINTENDO SWITCH
| ANÁLISE



MONSTER HUNTER
WORLD | PS4 |
ANÁLISE

TECH

- Smartphones
- Gadgets
- Notícias



"SELFIE", COM
MATEUS SOLANO E
MIGUEL THIRÉ



"OS VIAJANTES" DE
ALEXANDRA
BRACKEN



THE EUROPEAN
SUMMIT PELA
PRIMEIRA VEZ EM
PORTUGAL



INSTAX SHARE SP-3

PASSATEMPOS



BEAT STREET XXI



"SAUDADE"



"ANTES QUE EU ME
ESQUEÇA"



"CURTO-CIRCUITO"



"NÃO DEVORE O
MEU CORAÇÃO"

MULTIMÉDIA

HEELS ON WHEELS

- Fotografia
- Vídeo
- Audio





"MONTANHA RUSSA" | TNDMII

OS ALTOS E BAIXOS DA ADOLESCÊNCIA.

ROSÁRIA ROCHA on Março 15, 2018 at 10:24 am

Quatro músicos acompanham quatro histórias de adolescência de várias gerações, mostrando as diferenças entre as confissões de adolescentes da década de 70, por exemplo, cujos valores morais se foram tornando mais leves até aos dias de hoje. Hoje existe uma maior tendência para fazer essas confissões em plataformas digitais a que todos podem aceder, como os blogs ou as redes sociais. Mas todas essas histórias revelam haver uma confusão pela procura de uma personalidade. O nome "Montanha Russa" foi uma metáfora encontrada pela dupla de encenadores associada às oscilações deste período da vida que, mais tarde, se tornou literal à medida que se envolviam no texto.

A montanha russa é o elemento que liga estas quatro adolescências e que aparece representada em palco sob a forma de uma lomba, usada em alguns dos momentos musicais com pequenas coreografias, onde entra a vocalista dos Clã, Manuela Azevedo, acompanhada de elementos da sua banda. A relação da "contratada para cantar" vai-se tornando mais próxima à medida que o espetáculo avança e há uma mudança de figurinos excêntricos (da autoria do estilista José António Tenente), que nos pode aludir à vontade que os jovens têm em marcar diferença através do estilo. A presença destes músicos também permite levar o estilo musical desta banda a uma faixa etária mais nova.



Para esta criação, que durou cerca de um ano e meio, foram recolhidos vários diários e feitas entrevistas individuais em escolas secundárias, assim como foram frequentados cursos de criação e composição musical. Isto, porque sempre houve uma necessidade de aliar esta etapa da vida aqui retratada à música. Depois foram então criados as personagens que vemos em palco com as suas inseguranças e objetivos atingidos.

A anterior criação desta dupla – "The Wall" – mantém-se aqui subentendida através das referências à queda do muro de Berlim e à vontade em querer ultrapassar os obstáculos e ver o que está para além do que nos impede de continuar em frente, uma vez que a idade da puberdade é uma fase de crise existencial e medos. "Montanha Russa", ao mesmo tempo que mostra o lado íntimo da adolescência, expõe essa intimidade ao trazê-las para o teatro. Mostra os encantos com a novidade e os desencantos com a ausência da mesma, aspeto este que é transversal a todas as particularidades da adolescência, independentemente da época em que foi vivida. O facto de haver relatos de várias gerações torna este projeto abrangente a todas as idades, apesar de se focar numa em específico.

Este projeto torna-se pertinente no sentido em que desafia as programações dos teatros a cativar o público mais jovem e desafia os jovens a frequentarem mais o teatro, cultivando-lhes uma certa sensibilidade para as artes. Portanto, tirem o bilhete e aventurem-se numa viagem por esta "Montanha Russa" com a qual todos nos podemos identificar.

Montanha-Russa



No dia 18 haverá uma sessão acompanhada de linguagem gestual e com audiodescrição. Dia 23 de Março haverá uma noite *teen friendly* também após o espetáculo, onde não faltará música para dançar e recriar a experiência de andar neste carrossel de adrenalina. E nos dias 25 e 27 será transmitido um vídeo sobre o trabalho de pesquisa após as sessões.

Em cena até ao dia Mundial do Teatro, 27 de Março.

Quarta às 19h, de quinta a sábado às 21h e domingos às 16h.

Ficha Técnica

De Inês Barahona e Miguel Fragata (Formiga Atómica)

Encenação: Miguel Fragata

Dramaturgia: Inês Barahona

Texto e letras: Miguel Fragata e Inês Barahona

Música original: Hélder Gonçalves

Interpretação: Anabela Almeida, Bernardo Lobo Faria, Carla Galvão, Miguel Fragata e (música ao vivo) Hélder Gonçalves, Manuela Azevedo, Miguel Ferreira, Nuno Rafael

Movimento: Marta Silva

Desenho de som: Nelson Carvalho

Desenho de luz: José Álvaro Correia

Cenografia: F. Ribeiro

Figurinos: José António Tenente

Vídeo: Henrique Frazão

Mediação de públicos e comunicação: Ana Pereira

Produção executiva: Clara Antunes e Sara Cipriano / Formiga Atómica

Coprodução: TNDM II, TNSJ, Teatro Virgínia, Formiga Atómica

Coprodução fase de pesquisa: Festival Terres de Paroles

Apoio ao espetáculo: Madpizza, Mega Hits

Duração: 90 min.

M/12



1 Inês Barahona e Miguel Fragata propuseram-se fazer um espectáculo sobre a adolescência. Depois de largo tempo de pesquisa, leituras de diários de várias gerações, trabalho de campo em escolas e a ideia de juntar tudo em registo musical, convidam-nos para uma viagem guiada por quatro personagens, com música original e tocada ao vivo pelos Clã.

Independentemente do contexto social e cultural, os criadores concluem que há na adolescência traços transversais ao tempo. A dramaturgia liga as personagens por laços históricos e familiares, e assistimos à sua miscigenação perfeita com os músicos - que são também personagens parti-

CRÍTICA MONTANHA- -RUSSA MONTANHA MÁGICA DE EMOÇÕES



GISELA PISSARRA CRÍTICA

cipante - num todo (muito) coeso, irónico, reflexivo, divertido e eficaz.

De notar a qualidade do registo musical, ficando no ar a ideia de que a música ajuda (ontem, hoje e amanhã) a espantar o isolamento, a incompreensão e as dores de crescimento em idades em que toda a intensidade não é o bastante. ●



TEATRO NAC. D. MARIA II PÇ. D. PEDRO IV, LISBOA

Até 27/3 • 4.ª, 19h,
5.ª a sáb., 21h,
dom., 16h • €5 a
€17 (Sessão grátis
a 27/3, Dia Mundial do Teatro,
2 bilhetes/pessoa,
a partir das 14h)

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

9 mar 2018 08:47

[MadreMedia / Lusa](#)

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.



Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata – a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã – a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta “Quem sou eu?”, tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

“Montanha-russa” é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse “leiam-me”. Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á "Canção do meio", e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16:30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 – Dia Mundial do Teatro – será representada às 21:00.



Montanha-Russa { Teatro D. Maria II }

Uma criação da dupla Inês Barahona e Miguel Fragata, aos quais se juntam Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo (Clã). Este é um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções. **Montanha-Russa** mergulha «na adolescência, retirando-a dos lugares-comuns e procurando aproximá-la da dimensão da intimidade. Uma dimensão secreta, privada, interior, mas que vive no desejo de ganhar um palco onde se possa exhibir», é apresentado. O espetáculo é «o diário deixado em cima da mesa, o diário destilado nas redes sociais, ou o diário perigosamente transportado para o liceu: uma intimidade a gritar «Jeiam-me!». E «ouçam-me».

→ DATA Até 27 de março (Qui - Sáb 21h; Dom 16h; Qua 19h)

ONDE Teatro D. Maria II, Lisboa

PREÇO Entre 5 e 17€





ESTA SEMANA OS MERCADOS ESTÃO EM ALTA UM GUIA DE COMPRAS PELAS MELHORES BANCAS DA CIDADE

ESTA REVISTA **VALE** REFEIÇÃO N'OS TIBETANOS POTE DE BROWNIE DA MISS BROWNIE ÓCULOS DE SOL
DA MARIA MANGERICA ARTIGO MINIME.CO MASSAGEM NO BLU SPA JUPITER LISBOA HOTEL

(/lisboa/pt/search)

COMENTAR GOSTAR GUARDAR

Cinco estreias de teatro a não perder esta semana

Esta semana não há desculpas para ficar em casa. Entre quarta e sábado, estreiam cinco peças de teatro na cidade.



Por Miguel Branco

Publicado Quarta-feira 7 Março 2018



© Filipe Ferreira
Sweet home Europa

Depois de Guimarães e Setúbal, podemos finalmente ver a digressão de Luís Miguel Cintra. Mas não vem sozinha. Saiba tudo sobre as cinco peças de teatro que estreiam esta semana – e que não deve perder.

×

Cinco estreias de teatro a não perder esta semana



(/lisboa/pt/teatro/teatro-nacional-d-maria-ii)

‘Sweet home Europa (/lisboa/pt/teatro/teatro-nacional-d-maria-ii)

Situemos uma coisa: estamos numa casa de topologia estranha; estamos perante um declive formado pela oposição de duas rampas; estamos num jardim inclinado onde a vegetação rasteira são pregos, ervas daninhas que até já a mesa galgaram; estamos em terreno aberto mas conseguimos ver as fronteiras; estamos na Europa. *Sweet home Europa* é um texto do dramaturgo italiano Davide Carnevali que João Pedro Mamede leva ao palco da Sala Estúdio do D. Maria II. Estreia esta quinta-feira e por lá fica até dia 27 de Março.

Texto que foi parar às mãos do criador português por sugestão de Tiago Rodrigues: "Gostei muito, está sempre a deslizar do plano literal para o alegórico e isso acaba por ser muito interessante para falar do problema europeu, através de abóboras, abóboras no cu, canas de pesca", explica Mamede ainda que quase não precisasse – quem segue o seu trabalho sabe que esse deslize que o próprio sugere é fruta que nunca dispensa.

Nem ele, nem nós. É que este jardim pode ser pré-civilização e ocupado por países de discurso hábil, em esgrima intelectual; pode ser duramente actual e protagonizar jantares de negócios que decidem os destinos de vários povos; pode ser um regresso a casa, um filho e uma mãe que já só conversam porque o robalo está no forno e vai demorar.

Uma coisa é certa: ao mesmo tempo que uma série de quadros de situações – mais ou menos concretas – projectam conclusões maiores sobre o problema europeu, há um pianista (Daniel Bernardes) que contamina o discurso e que também

consciência colectiva, é, no limite, seres humanos a tentarem comunicar: “A peça fala do problema europeu também através das relações humanas, do abismo das mesmas, o grande alcance da peça pode ser até esse: um apelo ao diálogo, à conversação”, comenta João Pedro Mamede.

Ah!, exacto, a comunicação. Essa madrasta insistente que volta não volta promove frases como: “– Estás a dizer isso em sentido figurado? – Em parte.” Claro que nesta Sweet home Europa tudo é em parte qualquer coisa e em parte outra. Tudo é Turquia, Hungria, França. Nem que seja em sentido figurado.

Teatro D. Maria II. Qua 19.30. Qui-Sáb 21.00. Dom 16.30. 6€-12€.

[COMPRAR BILHETES \(HTTPS://TIMEOUT.BOL.PT/COMPRAR/BILHETES/39973-VISITAS_GUIADAS_2016_2017-TEATRO_NACIONAL_D_MARIAII/\)](https://timeout.bol.pt/comprar/bilhetes/39973-VISITAS_GUIADAS_2016_2017-TEATRO_NACIONAL_D_MARIAII/)

[LER MAIS \(/LISBOA/PT/TEATRO/TEATRO-NACIONAL-D-MARIA-II\)](/lisboa/pt/teatro/teatro-nacional-d-maria-ii/)

 Santa Maria Maior



[\(/lisboa/pt/teatro/teatro-nacional-d-maria-ii\)](/lisboa/pt/teatro/teatro-nacional-d-maria-ii/)

Montanha-Russa (/lisboa/pt/teatro/teatro-nacional-d-maria-ii)

A adolescência é isso mesmo: um parque de diversões, um sobe-e-desce, um exagero de sentimentos. É isso mesmo que a dupla Inês Barahona e Miguel Fragata quer capturar com esta *Montanha-Russa*. E esta dupla de criadores que sempre se focou no teatro infanto-juvenil junta-se agora a outra dupla: Manuela Azevedo e Helder Gonçalves (autor da música original), dos Clã. E sim, este é um musical sobre a adolescência, onde o teatro e a música disputam o palco. A isto tudo ainda se junta a interpretação da sempre maravilhosa Carla Galvão. Chega.

Teatro D. Maria II. Qua 19.00. Qui-Sáb 21.00. Dom 16.00. 5-17€.

[📍 Santa Maria Maior](#)

PUBLICIDADE

[\(/lisboa/pt/teatro/teatro-municipal-joaquim-benite\)](/lisboa/pt/teatro/teatro-municipal-joaquim-benite)

Um D. João Português (</lisboa/pt/teatro/teatro-municipal-joaquim-benite>)

A digressão da banda Luís Miguel Cintra & amigos está a chegar ao fim. Começou há um ano esta loucura de ir fazendo *Um D. João Português* – adaptação de D. João, de Molière a partir de uma tradução anónima setecentista e vendida nas ruas como literatura de cordel – em quatro cidades, dividida por quatro blocos e em tremenda proximidade com o público que o quis ir discutindo. Agora que chega a Lisboa podemos ver o aglomerado de tudo isso. Sábado, os dois primeiros blocos, domingo os dois últimos. Não perca.

Teatro Municipal Joaquim Benite. Sáb 21.00. Dom 16.00. 6,5-13€.

[LER MAIS \(/LISBOA/PT/TEATRO/TEATRO-MUNICIPAL-JOQUIM-BENITE\)](/lisboa/pt/teatro/teatro-municipal-joaquim-benite)[📍 Grande Lisboa](#)



(/lisboa/pt/teatro/sao-luiz-teatro-municipal)

Banda Sonora (/lisboa/pt/teatro/sao-luiz-teatro-municipal)

Uma senhora não fuma, diz a irmã do meio. Isto após a mais nova mostrar curiosidade perante a elegância da mais velha ao empunhar o cigarro. Claro, é sempre assim, quem está no meio leva de um lado e de outro. Em *Banda Sonora* – criação de Ricardo Neves-Neves e de Filipe Raposo – que estreia sexta-feira no São Luiz – há três meninas ou criaturas órfãs interpretadas em dupla, numa lógica siamesa e profundamente musical. Claro, não seria de esperar outra linguagem de Neves-Neves, sobretudo quando se une à composição de Raposo. A Orquestra Metropolitana de Lisboa ao fundo, uma floresta como lugar “tenebroso e obscuro, e que, ao mesmo tempo, é também a floresta da Disney, estão a brincar perante o perigo”, contextualiza Neves-Neves. E depois o baldio, a boca de cena, onde esta tripla de meninas malvadas em escadinha etária (8, 12, 15 anos) vem cantar ou dialogar: “O espectáculo acaba por ser muito geométrico. Tens seis canções e seis momentos de texto divididos entre três monólogos e três diálogos. Com os monólogos queria que as meninas nos explicassem porque são órfãs, como chegaram àquele sítio, e com os diálogos é o oposto, a vida normal, o quotidiano”, conta o encenador e autor do texto. E sim, andamos entre ramos e árvores, entre a malvadez da infância e a ingenuidade do crescimento, com ambiente musicais que tanto são Disney, como o quase-terror de Tim Burton ou as marchas magníficas do Senhor dos Anéis. Se acha isto vago espere para ver um texto que através de uma linguagem meio infantil sugere dissecações de sapos e é uma ode ao ridículo. Evidente. Nem todos temos de ter problemas com o ridículo.

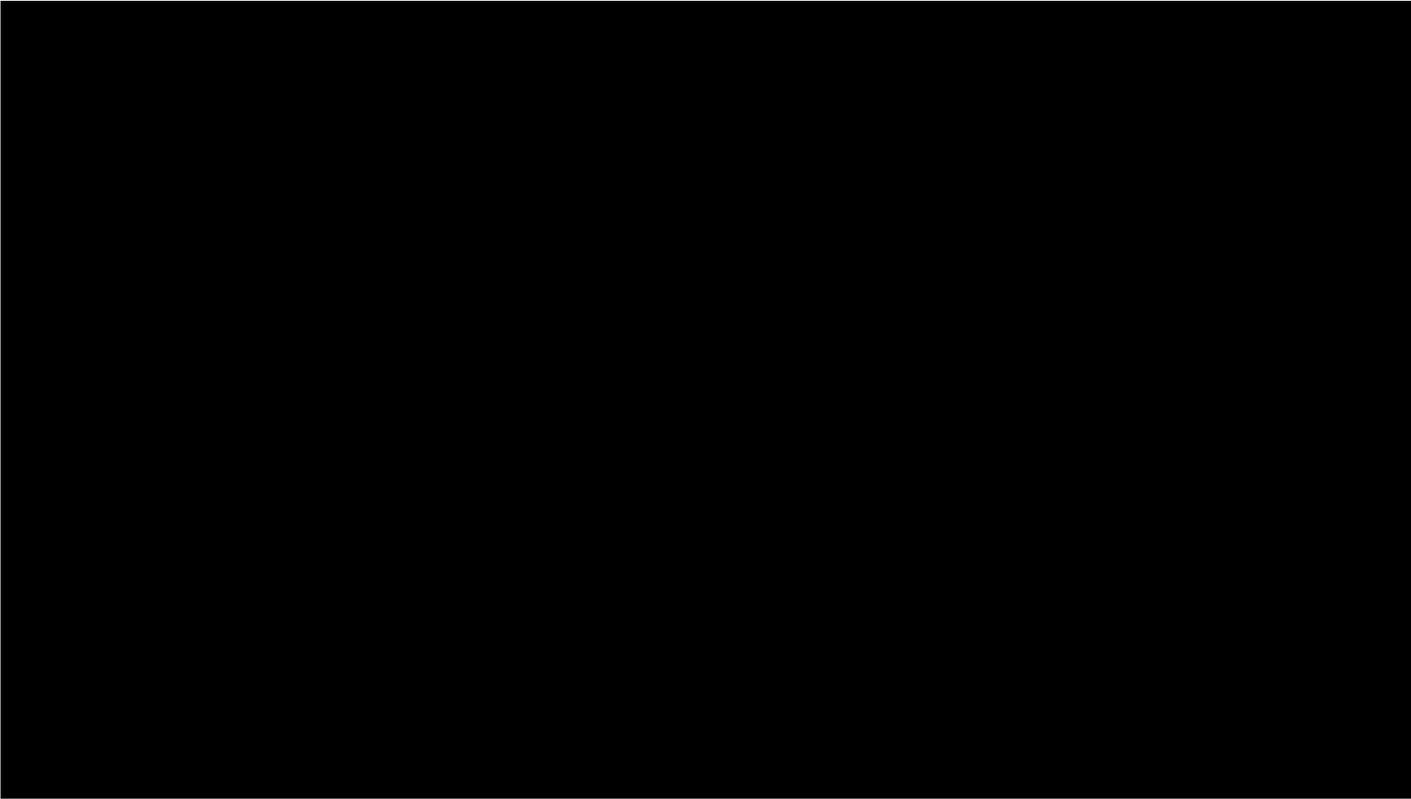
São Luiz Teatro Municipal. Qua-Sáb 21.30. Dom 17.30. 5-15€.

[COMPRAR BILHETES \(HTTPS://TIMEOUT.BOL.PT/COMPRAR/BILHETES/45250-VISITAS_GUIADAS_2017-SAO_LUIZ_TEATRO_MUNICIPAL/\)](https://timeout.bol.pt/comprar/bilhetes/45250-VISITAS_GUIADAS_2017-SAO_LUIZ_TEATRO_MUNICIPAL/)

[LER MAIS \(/LISBOA/PT/TEATRO/SAO-LUIZ-TEATRO-MUNICIPAL\)](/lisboa/pt/teatro/sao-luiz-teatro-municipal/)

 Chiado

PUBLICIDADE



(/lisboa/pt/teatro/teatro-da-politecnica)

O Teatro da Amante Inglesa (/lisboa/pt/teatro/teatro-da-politecnica)

A nova peça dos Artistas Unidos, com encenação de Jorge Silva Melo e interpretação de Isabel Muñoz Cardoso, João Meireles e Pedro Carraca, leva a companhia para a companhia de Marguerite Duras. Brilhante criadora francesa que se agarrou a um crime macabro que decorreu no seu país para construir uma meia ficção. Em 1949, descobriu-se um fragmento humano num comboio de mercadorias, algo que se viria a repetir nos dias seguintes, em várias regiões do país. Montou-se essa tal mulher esquartejada, só não se encontrando a cabeça. E sim, a assassina confessou. Só não conseguiu explicar o motivo.

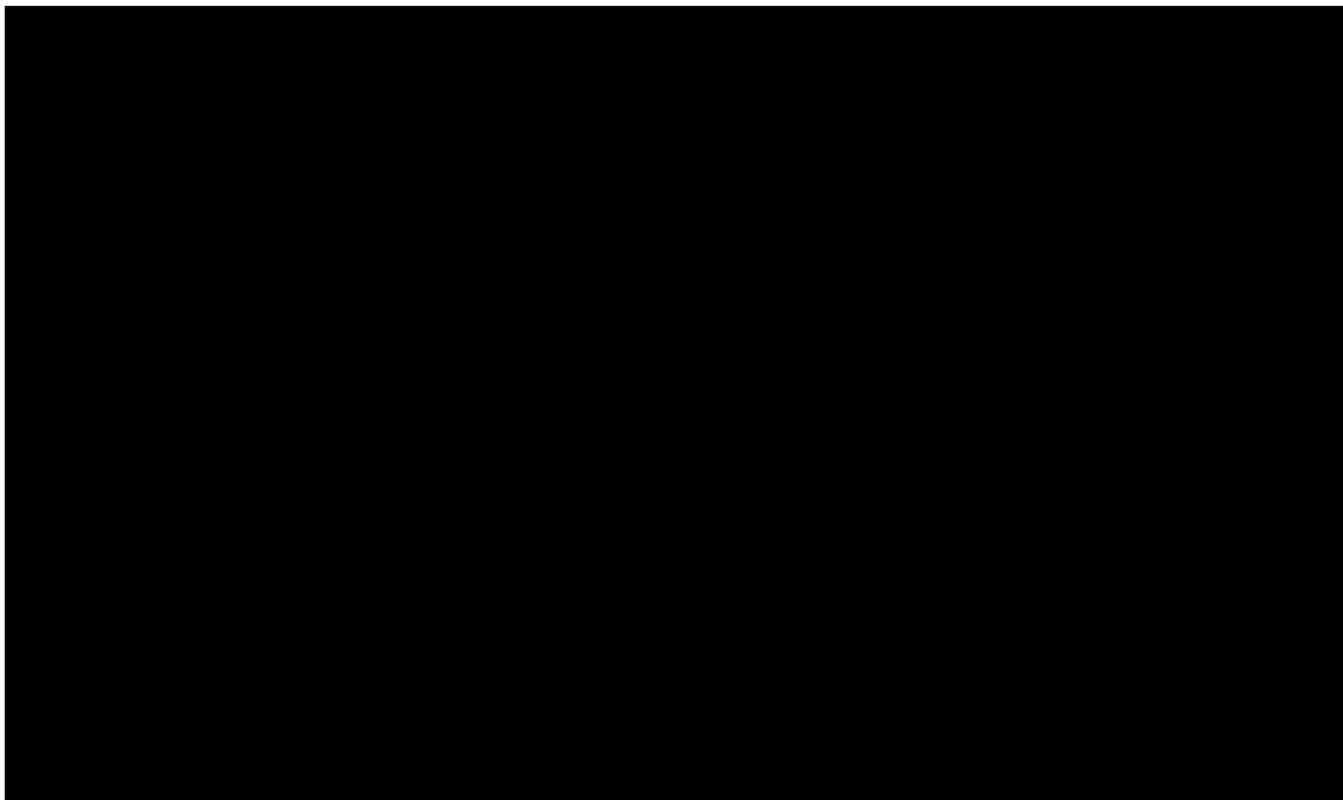
Teatro da Politécnica. Ter-Qua 19.00. Qui-Sex 21.00. Sáb 16.00/21.00. 10€.

[LER MAIS \(/LISBOA/PT/TEATRO/TEATRO-DA-POLITECNICA\)](#)

 Príncipe Real

Mais teatro





(/lisboa/pt/teatro/pecas-de-teatro-em-lisboa)

As peças de teatro em Lisboa a não perder em Março (/lisboa/pt/teatro/pecas-de-teatro-em-lisboa)

O reportório contemporâneo domina a programação teatral para este mês na capital. E quando se fala de teatro contemporâneo fala-se em obras de autores, digamos, já testados. Contudo também se fala de novos textos, mais ou menos acabados de escrever e postos em cena por autores portugueses, o que é mais raro. Aqui vão 10 exemplos.

[LER MAIS \(/LISBOA/PT/TEATRO/PECAS-DE-TEATRO-EM-LISBOA\)](#)

Por Rui Monteiro Publicado Terça-feira 6 Março 2018, 0:00

    **COMENTAR**

Comentários



A ADOLESCÊNCIA É ISSO MESMO: um parque de diversões, um sobe-e-desce, um exagero de sentimentos. É isso mesmo que a dupla Inês Barahona e Miguel Fragata quer capturar com esta *Montanha-Russa*. E esta dupla de criadores que sempre se focou no teatro infanto-juvenil junta-se agora a outra dupla: Manuela Azevedo

e Hélder Gonçalves (autor da música original), dos Clã. E sim, este é um musical sobre a adolescência, onde o teatro e a música disputam o palco. A isto tudo ainda se junta a interpretação da sempre maravilhosa Carla Galvão. **Chega. ■ MB**
→ Teatro D. Maria II. Qua 19.00. Qui-Sáb 21.00. Dom 16.00. 5-17€.

OUVIR EMISSÃO


[NOTICIÁRIOS](#) | [POLÍTICA](#) | [SOCIEDADE](#) | [ECONOMIA](#) | [DESPORTO](#) | [INTERNACIONAL](#) | [CULTURA](#) | [VÍDEOS](#) | [OPINIÃO](#) | [HUMOR](#)

PROGRAMAS

NACIONAL

Uma viagem pelo trabalho operário e suas lutas na quinta e na sexta-feira em Coimbra

07 DE MARÇO DE 2018 - 19:06

Uma viagem pela emancipação do trabalho operário, com inspiração nos têxteis do Vale do Ave, é apresentada na quinta e na sexta-feira no Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra, depois da estreia no Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa.

Lusa

Interpretada por Beatriz Wellenkamp, Celso Pedro, Hugo Inácio, Joana Pupo e Sara Jobard, "Eu uso termotebe e o meu pai também", de Ricardo Correia, autor do texto e da encenação, a partir de testemunhos reais, e tem espaço cénico e figurinos de Filipa Malva e movimento de Rita Grade.

Além dos intérpretes e do encenador, a investigação e documentação mobilizou também Celso Pedro Emanuel Botelho, Filipa Malva, Joana Brites e Rita Grade.

A peça é uma coprodução do Nacional D. Maria II, com o Teatro Académico Gil Vicente, de Coimbra, o Teatro Aveirense e o Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães.

"Como se transmite a memória do trabalho? Em 'Eu uso termotebe e o meu pai também' investiga-se os processos de transmissão do trabalho em Portugal. Este é um espetáculo que parte da recolha de testemunhos em comunidades de operários fabris de várias cidades portuguesas, transfiguradas pelas ruínas dessa indústria e que aguardam ainda um novo El Dorado. Ao desenhar um arco sobre a história e as contradições do trabalho, reflete-se sobre a

FOTOGALERIA DO DIA



No dia da mulher, acontece a primeira greve feminista em Espanha

REABILITAMOS PARA REVITALIZAR

DINHEIRO VIVO | INÊS DE MEDEIROS | TSF

DEBATE, 13 DE MARÇO

LISBOA

Oportunidades para o crescimento e desenvolvimento local

CONVERSAS SOLTAS

STANDSTILL | ALTERNATIVA

PUB

ÚLTIMAS

Jimi Hendrix: o novo álbum póstumo do melhor de todos os tempos
 Há 2 min

Voos cancelados e desviados na Madeira devido ao temporal
 Há 36 min

Como avaliam os partidos os dois anos de mandato de Marcelo?
 Há 51 min

OUVIR EMISSÃO

condição de operário e a sua emancipação até aos dias de hoje", lê-se na sinopse do trabalho.

Testemunhos de perto de 20 pessoas - operários fabris, empresários, sindicalistas e sociólogos --, gravados e passados para papel foram a base desta peça que a Casa da Esquina, companhia de Coimbra, apresenta agora nesta cidade, num gesto de "desenterrar o passado e trazê-lo para a memória dos nossos dias", explicou o autor e encenador, Ricardo Correia, por ocasião da estreia.

"Desenterrar e voltar a mostrar [aquela realidade industrial] para que continue viva", é como Ricardo Correia define o "gesto artístico" da peça que serve também para investigar os processos de transmissão do trabalho em Portugal, em que, muitas vezes, as profissões passam de pais para filhos.

"De certa forma, essa realidade continua viva, porque as pessoas vivem ao lado das fábricas que faliram, vivem à volta desses monstros abandonados, e quase não fazem o luto disso, porque é o quotidiano", sublinhou Ricardo Correia.

Alguns móveis tapados com panos brancos, uma piscina insuflável, que servirá para simular tempos de férias de operários, e um ecrã onde, de quando em vez, são projetadas imagens de trabalhadores ou de fábricas já extintas, compõem o cenário da peça em que cinco atores vão debitando os testemunhos recolhidos junto dos inquiridos.

O Vale do Ave e o declínio da indústria têxtil são assim pano de fundo de "Eu uso termotebe e o meu pai também", uma peça que acaba por desenhar a história e as contradições do operariado, e invocar as lutas por melhores condições de trabalho.

PARTILHAR

0 COMENTÁRIOS

0 comentários

Ordenar por



Adicionar um comentário...

[Plug-in de comentários do Facebook](#)

Ela vai ser a voz das raparigas portuguesas na ONU

No país, como em Lisboa. Cristas acredita que pode repetir proeza eleitoral

Marcelo: o Presidente visto pelos candidatos que concorreram contra ele

Bom Jesus de Braga e Palácio de Mafra avançam na candidatura a Património Mundial

Comandante do porto de Lisboa admite perigo de derrame em navio encalhado



PUB

OUVIR EMISSÃO



NOTICIÁRIOS POLÍTICA SOCIEDADE ECONOMIA DESPORTO INTERNACIONAL **CULTURA** VÍDEOS OPINIÃO HUMOR PROGRAMAS

Gosto

Arte Música



PRAGA
voo + hotel 3 noites
desde 279€
POR PESSOA

RESERVE JÁ

Global Viagens
powered by TUI

FILA J

A Montanha Russa da Adolescência

19 DE MARÇO DE 2018 - 07:30

Montanha Russa é um espetáculo a partir de verdadeiros diários de adolescentes, desde os anos 70, até hoje e está no Teatro Nacional D. Maria II em Lisboa.



Foto: Filipe Ferreira

José Carlos Barreto

PARTILHAR

COMENTAR

Começaram por pedir a todos que entregassem por momentos os diários que escreveram em adolescentes, Miguel Fragata e Inês Barahona queriam fazer um espetáculo a partir dessas páginas escritas para ninguém ver, desabafos, confissões, adolescentes em carne viva, ali a amar e a odiar, a soluçar ou a ter as primeiras experiências. A música de Helder Gonçalves e a voz de Manuela Azevedo fazem deste espetáculo um momento onde Miguel Fragata foi buscar ideias à sua própria adolescência e Inês Barahona diz que foram fazer o convite aos Clã, muito devagar, mesmo que a música bastante conhecida tenha feito parte da adolescência de Miguel Fragata e que tenha incluído essa ideia neste espetáculo. Juntar todas as páginas dos diários que formam recebendo e fazer disso um espetáculo foi uma árdua tarefa uma verdadeira montanha russa.

FOTOGALERIA DO DIA



As imagens da semana, pela lente da Reuters



PUB

ÚLTIMAS

Negrão sobre Feliciano: "As coisas não correram bem mas a vida continua"

Há 30 min

"O jazz é o centro da minha vida"

Há 56 min

Ligações de barco entre Trafaria e Belém vão parar por 45 dias

Há 59 min

Sindicato denuncia sandes de atum para contornar greve nas cantinas escolares

Mais de 40 casos de sarampo confirmados em Portugal

OUVIR EMISSÃO

PROGRAMAÇÃO

NEWSLETTER

Montanha Russa, está na sala Garrett no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa e fica, quarta feira, às 7 da tarde, de quinta a sábado às 9 da noite e no domingo às 4 da tarde e no ultimo dia, dia mundial do teatro a 27 de março está às 9 da noite.

depois da apresentação de 23 de março, decorre a noite teen friendly: um grupo de consultores adolescentes transformará o átrio do D. Maria II num espaço onde não faltará muita música para dançar a verdadeira montanha-russa que é a adolescência. Inserido no projeto Montanha-Russa está também o documentário Canção a meio, realizado por Maria Remédio, que documenta todo o processo de pesquisa levado a cabo por Inês Barahona e Miguel Fragata durante mais de um ano. Será apresentado no D. Maria II nos dias 11, 25 e 27 de março.

Depois da carreira no D. Maria II, Montanha-Russa seguirá para digressão por várias salas do país: Teatro Municipal de Portimão (21 abr); Teatro Virgínia - Torres Vedras (26 abr); Teatro de Vila Real (11 mai); Centro Cultural Gil Vicente - Sardoal (25 mai); Teatro Nacional São João - Porto (21 mai - 10 jun); e Teatro Municipal Baltazar Dias - Funchal (30 jun - 1 jul).

PARTILHAR

1 COMENTÁRIOS

0 comentários

Ordenar por Principais



Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

RECOMENDADAS



SAÚDE

O meu bebé com Alzheimer



DESPORTO

► **Vídeo: Veja aqui os golos legais - e os anulados - dos dragões**



POLÍTICA

► **Vídeo: "Infelizmente, sou ingénuo, mas ando a tratar-me." Veja a entrevista a Barreiras Duarte**



POLÍTICA

Ou se explica publicamente ou demite-se. Rio não vai esperar muito mais por Feliciano



SOCIEDADE

Falso alarme. Balcões do BPI encerraram devido a ameaça de bomba



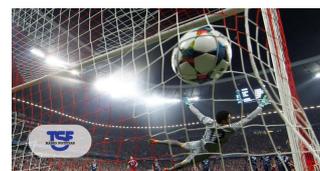
POLÍTICA

Barreiras Duarte morava em Lisboa mas recebeu subsídio como se vivesse no Bombarral



SOCIEDADE

Chuva, vento e baixas temperaturas mantêm-se nos próximos dias



DESPORTO

Sorteio: Juventus-Real com cheirinho a 98 e duelo entre ingleses

Greve nas cantinas pode fechar escolas

Um bom pequeno-almoço para os mais pequenos

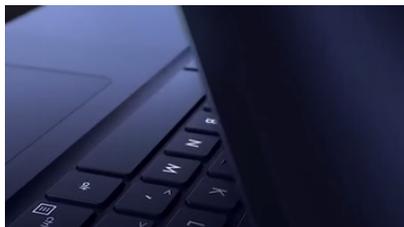


PUB

OUVIR EMISSÃO


[NOTICIÁRIOS](#) | [POLÍTICA](#) | [SOCIEDADE](#) | [ECONOMIA](#) | [DESPORTO](#) | [INTERNACIONAL](#) | [CULTURA](#) | [VÍDEOS](#) | [OPINIÃO](#) | [HUMOR](#) | [PROGRAMAS](#)

Gosto



NACIONAL

"Montanha-russa" ou um mergulho vertiginoso na adolescência estreia-se hoje no D. Maria II

09 DE MARÇO DE 2018 - 06:05

Um mergulho vertiginoso na adolescência, sem cair em lugares-comuns e conferindo-lhe uma dimensão interior e secreta, eis como se pode definir "Montanha-russa", que se estreia hoje, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Lusa

PARTILHAR

COMENTAR

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata - a quem se juntam Helder Gonçalves e Manuela Azevedo, dos Clã - a peça tem como eixo as tentativas de resposta à pergunta "Quem sou eu?", tão cara a todos os adolescentes.

Neste musical sobre a adolescência, destinado ao público em geral, a dupla de dramaturgos mergulhou na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

"Montanha-russa" é também o diário secreto que se deixa em cima da mesa ou que se transporta para as aulas como se dissesse "leiam-me". Porque na adolescência há uma urgência de se ser lido, para se ser entendido.

O mote para a peça, ou o seu pano de fundo, é Ciclone, uma montanha russa que remete para as contradições e alterações de estados de ânimo da adolescência naquele sentir vertiginoso de que tudo pode ruir a qualquer instante.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência, pois é o período em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo.

Assim, as vivências e as angústias experimentadas em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade. O tempo é um tecido cinzento que

FOTOGALERIA DO DIA



No dia da mulher, acontece a primeira greve feminista em Espanha



PUB

ÚLTIMAS

Voos cancelados e desviados no Aeroporto da Madeira devido ao temporal

Há 20 min

Como avaliam os partidos os dois anos de mandato de Marcelo?

Há 35 min

Ela vai ser a voz das raparigas portuguesas na ONU

Há 47 min

No país, como em Lisboa. Cristas acredita que pode

OUVIR EMISSÃO

PROGRAMAÇÃO

NEWSLETTER

nos enrola", diz uma das canções da peça, espelhando a sensação de um dos jovens, descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça, num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Depois de entrar na fase de criação, o espectáculo tem sido acompanhado por um "pequeno comité", composto por 15 adolescentes de Lisboa e Porto, que foram convidados a acompanhar todo o processo, assistindo a ensaios, colaborando com a estratégia de comunicação e na organização de uma noite 'teen-friendly', a realizar no dia 23, no átrio do D. Maria II.

Todo o processo de criação do espectáculo tem também sido seguido pela artista plástica Maria Remédio, que está a filmá-lo para montar um documentário. Chamar-se-á "Canção do meio", e será exibido nos dias 11 e 25, após a peça, e no dia 27, às 16:30.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento, de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e, o de luz, de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até dia 27, com espectáculos às quartas, às 19:00, de quinta a sábado, às 21:00, e, aos domingos, às 16:00.

No dia 27 - Dia Mundial do Teatro - será representada às 21:00.

PARTILHAR

0 COMENTÁRIOS

0 comentários

Ordenar por



Adicionar um comentário...

[Plug-in de comentários do Facebook](#)

RECOMENDADAS

Marcelo: o Presidente visto pelos candidatos que concorreram contra ele

Bom Jesus de Braga e Palácio de Mafra avançam na candidatura a Património Mundial

Comandante do porto de Lisboa admite perigo de derrame em navio encalhado

Medicamentos com paracetamol de libertação prolongada estão suspensos



PUB



AGENDA TEATRO

NOS PALCOS

MACBETH

João Reis e Emília Silvestre são protagonistas desta peça que Nuno



Carinhas encenou a partir do clássico de Shakespeare. Em palco, conta-se a história da ascensão e queda de um homem ambicioso.

ONDE TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (PORTO)

QUANDO QUA. E SÁB., ÀS 19:00; QUI. E SEX., ÀS 21:00; E DOM., ÀS 16:00

PREÇO 7,50€ A 16€

OS LUSÍADAS

Beatriz Frutuoso e Mafalda Pinto Correia inspiraram-se



no famoso poema épico de Camões e conceberam este espectáculo que se oferece como uma viagem para os sentidos. As escolas também são convidadas a ir assistir.

ONDE TEATRO DO BOLHÃO (PORTO)

QUANDO SEG. A SEX., ÀS 10:30; E SÁB., ÀS 16:00 E 19:00

PREÇO 10€ (PREÇO NORMAL)

MONTANHA-RUSSA

Inês Barahona e Miguel Fragata conceberam este



espectáculo musical sobre a adolescência em várias

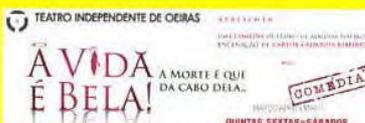
gerações. Em palco, também estão quatro músicos da banda Clã.

ONDE TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA)

QUANDO QUA., ÀS 19:00; QUI.

A SÁB., ÀS 21:00; E DOM., ÀS 16:00

PREÇO 5€ A 17€



A VIDA É BELA

História de uma família com muitos apelidos e poucos princípios. O marido é advogado, a mulher é psiquiatra. Nenhum tem escrúpulos.

ONDE TEATRO INDEPENDENTE DE OEIRAS

QUANDO QUI., SEX. E SÁB., ÀS 21:30

PREÇO 10€ A 12€



Ao ritmo do teatro

Os palcos combinaram coordenar os compassos e pedem-nos silêncio que se vai bater o pé. A 9 de março só vamos ter dois destinos: ou o D. Maria II, com *Montanha-Russa*, que se assume enquanto teatro mas que confessa que a música pode muito bem

ser a protagonista. Original e tocada ao vivo por Manuela Azevedo, Hélder Gonçalves e Miguel Ferreira, dos Clã, e por Nuno Rafael, que nos leva de volta à estrada esburacada da adolescência. Ou então subimos um pouco a cidade, até ao São Luiz, para a *Banda Sonora* de Ricardo Neves-Neves (que desde 2015 não encenava um texto seu) e de Filipe Cardoso, que enche o palco e a vida de seis atrizes/cantoras e de uma simbiose entre a música e a dramaturgia que parecem ser um amor para a vida. *Montanha-Russa*, de 9 a 27 de março no Teatro Nacional D. Maria II, e *Banda Sonora*, de 9 a 18 de março no Teatro Municipal São Luiz.